DA U. N. À ACÇÃO NACIONAL POPULAR — ENTREVISTA EM MESA-REDONDA COM O DR. HOMEM DE MELLO

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 949 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

QUINZE CONTOS POR ANO CABEM A CADA PORTUGUÊS

SEGUNDO UM RELATORIO PUBLICADO PELA O. C. D. E.

MAIS TOSTÃO menos tostão, anda à volta de 15 142$80 por ano a parte que toca a cada português na divisão teórica do Produto Nacional Bruto, segundo as últimas estatísticas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O. C. D. E.).

Aquele numero corresponde, evidentemente, a uma média e, como tal, não atende a que uns ganham menos e outros mais. Quer dizer: ao jornaleiro de Trás-os-Montes e ao pescador do Algarve é atribuido o mesmo (pouco mais de 15 contos por ano) que ao banqueiro e ao administrador de empresa.

Mas interessa acentuar que, segundo a mesma utópica divisão estatística, na Europa só os turcos ganham menos que nós: até ver, «contentam-se» com 10 contos por ano.

As estatísticas da O. C. D. E. (elaboradas no fim de 1969, com base nas informações fornecidas pelas entidades oficiais dos países filiados) referem-se ainda á emigração, ao consumo, taxa de juro, alimentação, habitação, electricidade, educação, telefones e aparelhos de televisão. Apesar do método utilizado (que, lógicamente, não permite

(Continua na pág. seguinte)

O Prémio de Reportagem Artur Portela foi entregue, na Casa da Imprensa, a três redactores do nosso jornal. Ferreira de Castro, um dos oradores da sessão, afirmou que «a história do jornalismo português se pode dividir em dois períodos: antes e depois do aparecimento do «Diário de Lisboa» (LER NA PÁGINA CENTRAL)

CATERINA VALENTE, a famosa cantora de renome internacional, fez ontem a sua estreia num «cabaret» londrino — «Talk of the Town». Caterine, que nasceu em Paris, de pais italianos, já actuou em todos os grandes «nigth-clubs», da América e da Europa.

«ÁLBUM DE LISBOA»

TERMINA AMANHÃ A RECEPÇÃO DE CADERNETAS

TERMINA AMANHÃ, irrevogàvelmente, o prazo para recepção de cadernetas do nosso concurso «Álbum de Lisboa», tanto para os concorrentes que as entregam pessoalmente nos servicos administrativos do «Diário de Lisboa», na Rua Castilho, 185, como para aqueles que as remetem pelo correio.

Para maior facilidade dos concorrentes, ampliou-se o horário da recepção: das 10 ás 13 e das 15 ás 20.

Até ás 20 horas de amanhã, os retardatários podem entregar as suas cadernetas, recebendo o boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio final.

Plano de emergência em Pozzuoli (Itália)

POZZUOLI (Nápoles), 27 — (F. P.) — Torna-se cada vez mais dramática a situação na cidade balnear de Pozzuoli, onde, devido a um fenómeno de bradíssismo, a terra, que já se elevou 70 centímetros em poucos meses, continua a subir e a abrir fendas.

Ontem á noite, a capitania do porto, os escritórios da Alfândega e da Polícia Marítima, assim como dois velhos prédios que ameaçavam ruir, tiveram que ser evacuados. Para enfrentar todas as eventualidades, as autoridades elaboraram um plano de emergência.

Este fenómeno de bradíssismo não é novo em Pozzuoli. Desde a mais remota antiguidade que o solo da cidade «respira». Entre o séc. X antes de Jesus Cristo e o da nossa era, a cidade afundou-se exactamente 12 metros. A última manifestação do fenómeno ocorreu em 1959. Receou-se então a obstrução dos esgotos da cidade pelas areias do mar. O fenómeno ascendente foi de tal intensidade há algum tempo que os passageiros que desembarcam em Pozzuoli têm que subir, em vez de descer, a escada de portaló. Mas registou-se facto mais grave ainda: Abriu-se um fenda nos flancos de uma colina e formaram-se novas crateras por onde jorra enxofre e gases á temperatura de 150 graus centígrados. Os esgotos, as estradas e as condutas de água começam a sofrer os efeitos do fenómeno. Recorda-se que a erupção vulcânica que destruiu a cidade em 1538 tinha sido precedida de forte subida do solo seguida de sismos.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(Ler na 2.ª página)

32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

15 CONTOS POR ANO PARA CADA PORTUGUÊS

(Continuação da pág. anterior)

ver tudo) as estatísticas comparadas da O. C. D. E. ajudam-nos a «localizar» o País na escala do progresso mundial.

Depois de apresentar os países, as suas superfícies e populações, a O. C. D. E. começa a dar números que têm grande significado no que respeita ao desenvolvimento ou não desenvolvimento.

Emigração

Assim, logo no princípio das frias e crua colunas, encontramos os números oficiais respeitantes á emigração e emigração. Dos 22 países membros só oito (presumivelmente nove, porque a Turquia não forneceu dados) enviaram emigrantes para o estrangeiro. Os outros 12 receberam-nos. Portugal, como se sabe, é um dos exportadores de mão-de-obra. A acreditarmos nos números, o nosso país não está mal colocado. A Itália (com 130 mil emigrantes), a Espanha (53 mil) e a Grã-Bretanha (48 mil) deixaram sair mais emigrantes que nós (39 mil). No outro prato da balança encontramos destacados os E. U. A., que receberam 444 mil imigrantes. Logo em seguida surge a Alemanha Federal (278 mil) e a Fança (100 mil).

Mas passemos de coluna. Talvez não saibam, mas dos 9 497 000 portugueses trabalham em empregos civis 3 087 000. Desses, 32,3 % fazem-no na agricultura.

Novo número com significado. A Bélgica com uma população semelhante (9 619 000) ocupa nos campos apenas 5.6% da sua população activa (3 615 000). Mas o Reino Unido, tão depauperado pelo trabalhismo, não vai além dos 3,1 %. Com mais gente que nós na agricultura só a Grécia (50.1%) e a Turquia (72.7 por cento). Perto de nós estão a Espanha e a Finlândia na casa dos 29%.

Na indústria ocupam-se 36.2% dos tais portugueses que trabalham, enquanto os serviços ocupam apenas 31,5 por cento.

Produto nacional bruto

A seguir, virando a página, entramos num campo em que nos encontramos um pouco pior — o do Produto Nacional Bruto (P. N. B.). Só três países produzem menos do que nós. Mas esses são a Irlanda, a Islândia e o Luxemburgo. A verdade é que a Irlanda não chega a ter três milhões de habitantes, o Luxemburgo possui apenas 336 mil habitantes, enquanto a fria e piscosa Islândia não vai além de 201 mil. Só para fazermos uma ideia, comparemos o nosso P. N. B. com o da Bélgica, país muito mais pequeno que o nosso, embora com população semelhante. Produzimos nós em 1968 a módica quantia de 5010 milhões de dólares, enquanto a monarquia flamenga nos apresenta o numero de 20 750 milhões de dólares. Não vale a pena traduzir em escudos.

Já naquele capítulo chamado de «per capita», que é como quem diz «por boca», nos parece que devemos transformar em escudos os belos dólares americanos.

Segundo os numeros (oficiais) a divisão do P. N. B. pelos portugueses dá a cada um, aproximadamente, 15 142$80 por ano. Isto é, evidentemente, uma média. Como tal, não atende a que uns ganham um pouco mais que outros. Por outras palavras — ao jornaleiro de Trás-os-Montes é atribuído aqui o mesmo que ao banqueiro.

Segundo este critério, ao banqueiro de Bruxelas e ao estivador de Antuérpia cabem 61 714 escudos. Mas sejamos modestos. A cada espanhol cabem 22 mil escudos por ano. A cada grego competem 24 571 escudos. Os turcos contados, são os que estão pior. Pior mesmo do que nós. Se tudo estivesse igualitário e utòpicamente distribuído, cada turco teria de se amanhar com 10 contitos por ano.

Consumo

Quanto ás despesas de consumo privado, emos que elas alcançam (entre nós) 70,5% do P. N. P. mas que, em média e por habitante, não vão além dos 370 dólares por ano, isto é, pouco mais de dez contos e quinhentos. Infelizmente para nós, a Turquia não deu numeros neste capítulo. O resultado disso é que estamos em ultimo lugar entre os 22 países da O. C. D. E. Sempre em média, cada espanhol consome 540 dólares por ano, cada grego 600, cada italiano 730. Do outro lado: cada americano 2680, cada canadiano 1830, cada sueco 1790, etc.

Portugal e a Turquia (coincidência?) não forneceram números respeitantes ás despesas e receitas do Estado, em relação a P.N.B. Diremos, portanto, muito pouco. Quem gasta maior percentagem do P. N. B. é a Suécia (37,4%) e menos o Japão (14,4%) e a Espanha (17,1%).

Taxa de juro

As reservas em ouro e divisas estrangeiras são difíceis de interpretar, sobretudo quando nos são dadas sem que as possamos comparar significativamente. Diremos apenas que as reservas portuguesas ascendem a 1369 milhões de dólares.

A taxa de juro oficial portuguesa é de 2,75%. Abaixo de 4% só há mais uma: a da Suíça, país dos bancos, e que é de 3,75.

Alimentação

Passando sem referência algumas colunas que nos pareceram pouco significativas para os não iniciados, damos com uma rubrica que se refere à alimentação. Mais pròpraimente ao consumo de calorias ingeridas (em média) por habitante por dia.

A Islândia, que se considera *a priori* bem alimentada, e a Turquia não deram elementos a este respeito. Nestas circunstâncias, surge-nos como pior alimentado um país que muitos pensarão ser daqueles onde se vive melhor devido ao «boom» industrial — o Japão.

Na verdade, no Império do Sol Nascente cada habitante come em média 2460 calorias por dia. Segue-se, logo acima, o nosso País com 2780 calorias diárias. A vizinha Espanha não está muito melhor — apenas mais dez calorias que nós. A frente em calorias diárias por habitante vem a Irlanda com 3470. Os E U A ficam-se neste campo num modesto sétimo lugar, atrás da Irlanda, Canadá, França, Holanda, Dinamarca e Reino Unido.

Habitação

No capitulo da construção verificamos que fizeram menos casas do que nos (5.7 apartamentos por mil habitantes), a Bélgica, a Irlanda e a Turquia. Os E. U. A. e a Grécia não deram números.

Electricidade

Quanto ao consumo de electricidade, medido em kW/h por pessoa e por ano, os números da O C D E. dizem-nos que, tirando a Turquia, todos os outros membros consumiram muito mais que nós. A Turquia consumiu 183 kW/h por habitante e por ano. Portugal 590. A Grécia surge com 715, a Espanha com 1109. O resto é um perder de vista, que chega ao número exorbitante de 13 354 kW/h na Noruega.

Educação

A educação está na ordem do dia. Todos dizem que ela constitui a base do desenvolvimento. Os nossos números são de 1965. Nesse ano gastou-se com a educação em Portugal 1,44% do P. N. B. A Grécia (números de 1964) é o único que ainda está na casa do 1%. A própria Turquia dispendeu (1967) 3,7%. A Espanha não vai além dos 2,06% mas a Suécia chega aos 7,4%.

Telefones

Em Portugal existem 65 telefones por cada mil habitantes. Na Turquia nove, na Grécia 67, na Irlanda 87, na Espanha 113, nos E. U. A. 540.

Quanto aos automóveis, apesar dos engarrafamentos, em Portugal só há 30 (numeros de 1966) por cada mil habitantes.

Os gregos e os turcos andam mais a pé. No primeiro destes países há 18 automoveis por cada mil habitantes, no segundo apenas quatro. Na Espanha parece que quem tem telefone também tem carro, pois há 113 por cada mil espanhóis. Nos E. U. A., claro, há 414 «espadas» por cada mil «yankies».

A Televisão

Faltam-nos apenas as televisões. A Grécia não deu números e a Turquia ainda não tem uma R. T. T. (Radiotelevisão Turca). Assim, nós vemo-nos colocados no fim da lista com 29 aparelhos por cada mil habitantes. A seguir vem a Espanha com tres vezes mais — 90. Da Espanha para cima é quase tudo na casa das centenas, culminando nos E. U. A. com 392 aparelhos por cada mil habitantes.

Nota final: são membros da O. C. D. E. a Alemanha Federal, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça e Turquia.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

UM GENERAL SOVIÉTICO JUDEU ATACOU VIOLENTAMENTE ISRAEL

MOSCOVO, 27 — (R.) — Um general judeu do Exército Soviético atacou hoje violentamente a política israelita num artigo publicado pela «Pravda» em que compara os dirigentes de Israel aos nazis, classificando-os de «polícias dos capitalistas do outro lado do Atlantico».

O artigo é assinado pelo general David Dragunsky, o qual afirma que quanto mais tempo durar a agressão israelita mais claro se tornará que está a ser derramado sangue no Médio Oriente «em proveito de meia duzia de magnates americanos do petróleo e em proveito dos sionistas que pretendem alargar Israel desde o Nilo até ao Eufrates».

Dragunsky, um judeu russo, diz não compreender porque motivo tantos israelitas se deixaram cegar pelo nacionalismo e apoiam «sionistas declarados e extremistas» tais como o general Dayan, Golda Meir e Abba Eban.

Noutro ponto recorda que «o general Dayan gosta de falar de subitos ataques, de ofensivas rápidas e de perseguições, mas eu gostaria de lhe lembrar que o vocábulo militar também inclui palavras como defesa, retirada e fuga. Pode ser que o exército israelita seja forçado um dia a utilizar essas palavras.

«Os dirigentes israelitas têm estado há muito tempo e de forma imprudente a brincar com o fogo, colocando o seu povo á beira de uma catástrofe, mas nós queremos acreditar que existe uma saída correcta para a difícil posição em que o povo israelita foi colocado pelos governantes de Tel Aviv.»

GREVES NA INDÚSTRIA AUTOMÓVEL BRITÂNICA

LONDRES, 27 — (F. P.) — A situação social volta a complicar-se de novo em algumas fábricas britanicas da industria automóvel onde algumas centenas de grevistas provocaram a inactividade de mais de 7 mil operários das cadeias de montagem.

A sociedade «British Leyland» é a mais afectada por causa da greve dos electricistas e de outros operários especialistas que deixaram de alimentar as cadeias de montagem.

Na Vauxhall, onde 1500 operários foram obrigados a abandonar o trabalho por falta de peças eléctricas, indica-se que as cadeias de montagem não poderão assegurar a produção senão dentro de alguns dias, e isto mesmo que os grevistas voltem ao trabalho. Esta demora explica-se pela necessidade de formar «stocks» de peças sobresselentes a fim de se poder restabelecer o trabalho de cadeia.

LEGIÃO ESTRANGEIRA NOS ESTADOS UNIDOS?

CINCINNATI (Ohio), 27 — (A. N. I.) — Em carta enviada ao secretário norte-americano da Defesa, Joseph Link, membro de um organismo municipal de Cincinnati (Ohio), propõe a criação nos Estados Unidos de uma Legião Estrangeira, inspirada na francesa, que seria integrada por individuos condenados a penas de prisão, que cumprem as sentenças nas penitenciárias locais, estaduais e federais.

«Estou certo de que milhares dos jovens e homens de meia idade que ocupam as celas das prisões prefeririam o treino e a disciplina da vida militar», sublinha o dr. Link na carta a Melvin Laird.

«A vida na Legião» — conclui — «restituiria aos presos a dignidade humana e proporcionar-lhes-ia preparação e habilitações que, uma vez em liberdade, os ajudariam a regressar a uma vida normal.»

SUVANA PHOUMA: «A SOLUÇÃO NO LAOS DEPENDE DOS GRANDES»

PARIS, 27 — (F. P.) — A capital laociana está ameaçada? «Sim e não», respondeu o primeiro-ministro laociano, príncipe Suvana Phouma, aos enviados especiais do «Figaro», numa entrevista exclusiva. «Os norte-vietnamianos ainda têm de percorrer um longo caminho para chegarem ao Mekong pela estrada n. 13. Resta-nos ainda a possibilidade de os fazer parar. Esperamos poder-nos defender com o auxílio do armamento que nos fornecem os aliados americanos, ajuda que, repito, consiste em armas e não em homens», garantiu o primeiro-ministro.

O príncipe revela que os norte-vietnamianos fizeram uma ofensiva geral em todo o Laos, no sul, em volta de Pakse, na região de Savannakhet, na planície dos Jarros, e ao norte de Luang Prabang. «Penso — disse o chefe do Governo — que a intenção dos norte-vietnamianos é ajudarem o Pathet-Lao a conquistarem o máximo possível de territórios por forma a ficarem em melhor posição quando da realização das próximas conversações.»

Tendo refutado que houvesse escalada por parte dos americanos, mas sòmente bombardeamentos de pistas de infiltração. Sobretudo por aviadores do Laos, o príncipe Suvanna Phouma, interrogado quanto a «uma solução» concluiu: «Não somos senão um peão no xadrez internacional. A solução, essa depende de Washington, de Moscovo e de Pequim».

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de conservação e ampliação das nossas redes.

5.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Av.ª Infante Santo (n.os pares) entre a Rua Santana á Lapa e Praça da Estrela. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — **Rua Passos Manuel,** 1 a 51. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Cd.ª das Lajes, Trav.ª e Az.ª do Alto do Varejão. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Azinhaga da Cidade e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.º Zona — **Concelho de Sintra:** Casais de M. Martins, Mercês. **Rio de Mouro:** Alto do Forte. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — Colónia Penal de Sintra, Penaferrim, Ramalhão. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Cascais: Rebelva:** Rua do Campo da Bola, e Rua C, no Bairro Sinia. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **Bairro do Alcaide:** Av.ª Marechal Carmona, Rua Caetano Batista, Rua Anceto do Rosário, Rua do Alcaide, Praceta Mousinho de Albuquerque, Av.ª de Sintra, Rua Marquês Soveral. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — **Monte Estoril:** Av.ª Biarritz. (Das 8 ás 12 horas).

6.ª Zona — **Concelho do Sobral Monte Agraço:** Pontes de Monfalim e linha de A. T. entre Alhandra e Sobral Freiria e linha de A. T. entre Sobral e S. Sebastião, Folgados, Santo Quintino, Zibreira da Fé, Pero Negro, Sapataria e linhas de A. T. entre Sobral-Sapataria e Sobral-Folgados. (Das 8 ás 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** S. Domingos de Carmões, Bolligueira, Carreiras, Zibreira, Carvoeira. (Das 8 ás 14 horas).

8.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Alhandra (parte). (Das 8 ás 14 horas).

9.ª Zona — **Concelho de Arruda dos Vinhos:** Quinta da Moita Laranjeiro, Arruda dos Vinhos. (Das 8 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Santarém:** Amiais de Baixo. (Das 8-30 ás 11-30).

TEFLON
Placas, empanques e varão
LUSOSITE
Rua Alexandre Cardoso, 119
PORTO
TEL. 44617

EXTERNATO NUN'ALVARES
LICEAL — PRIMÁRIO
ENSINO MODERNO E EFICIENTE
PRAÇA JOÃO DO RIO, 2
(Areeiro - Alameda)
Telef. 72 24 61

UM ANO DE ADMINISTRAÇÃO NIXON

II — A AMÉRICA DO SR. MITCHELL

«Não sou racista, mas o que todos mereciam era serem abatidos como cães...» O nosso interlocutor, de repente, perde o sangue-frio. A mulher dele, senhora respeitável que dissertava amàvelmente três minutos mais cedo sobre os «encantos da cultura francesa», deixa-se tambem arrastar pela excitaçao. Bastou uma única pergunta a propósito dos pantetas negras para chegar a este resultado. «Black Panthers»: estas tres silabas provocaram no nosso antitrião um furor tão violento quanto súbito. Excita-se rapidamente, e, no seu programa de exterminação, não tem quartel.

No entanto, estamos num salão muito burguês de Midde-West, em Des Moines exactamente, longe de Chicago e dos seus «ghettos». A refeição foi tão cuidada quanto podia esperar-se. A conversa decorria tranquila e cortês e nada fazia prever a explosão. O casal tinha-nos confiado, é certo, que nunca votaria pelos democráticos «para não apressar a implantação do socialismo no país», mas em Des Moines (Iowa) este género de confidências não é raro.

O americano «médio», silencioso ou não, tem duas fobias principais: os militantes negros, que lhe povoam a vida como os pesadelos e os estudantes brancos «radicais» que, sistemàticamente e sem a mínima piedade, contestam, sacodem e calcam todos os valores tradicionais americanos que lhes ensinaram a respeitar desde a mais tenra infância. A triste sorte dos *Panteras Negras* vem daí, sem dúvida: esses militantes negros proclamam-se revolucionários e não hesitam em aliar-se com os contestatários brancos mais virulentos.

A armadilha da violência

Os *Panteras*, por outro lado, especializaram-se na provocação sistemática contra o americano «médio» e o seu último baluarte, o polícia. A terminologia dos *Panteras* é dominadora pela palavra *pig* (porco) que, a seus olhos, é sinónimo de polícia; não é assim por mero acaso. Retirando da América o seu próprio jogo da violência, certos militantes do partido dos *Panteras Negras* não hesitaram, várias vezes, em empunhar espingardas e revólveres, quer seja no interior do Parlamento de Sacramento (Califórnia) ou no «campus» de Cornell. No seu espírito, tratava-se, sobretudo, de reafirmar o seu direito à autodefesa contra as brutalidades policiais. A América branca que armazena armas em todos os seus aparta-

Nixon — um ano de expectativa. Ou de decepção

mentos, mas que evita mostrá-las à luz do dia, não o sentiu assim.

Tomada ao pé da letra, a literatura espalhada pelos *Panteras* também não ajuda nada. O Partido publicou agora, por exemplo, um

Por JACQUES AMALRIC

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

álbum de desenhos para pintar destinado às crianças do *ghetto*. Um dos desenhos mostra um jovem negro atirando à queima-roupa sobre um polícia com cabeça de porco. No segundo plano, uma garota negra e esta legenda: *«Os irmãos negros protegem as crianças negras»*. O último número da revista do partido, *The Black Panther* contém um artigo de Eldridge Cleaver, «ministro da informação» exilado na Argélia, no qual se pode ler esta profissão de fé: *Apelamos para a queda do Governo imperialista e fascista dos E.U.A.*». São verdadeiras munições de eleição para Edgar Hoover, que, há 46 anos, vela pelo anticomunismo visceral do F. B. I. e que bem gostaria de continuar a sua missão por mais alguns anos.

Hoover nunca gostou dos *Panteras*. Desde há quase dois anos que os vem denunciando como *«a maior ameaça contra a segurança interna dos E. U. A.»*. Supondo mesmo que esta acusação teve fundamento no passado, hoje já não tem consistência, com menos de dois mil membros e com a maioria dos seus *leaders* eliminados, o partido dos *Panteras Negras* não passa hoje de um símbolo de dois gumes.

Uma organização decapitada

De há 18 meses para cá, a organização tem sofrido perdas consideráveis. Todos os seus dirigentes (com uma única excepção — Raymond Hewitt, antigo *marine*, «ministro da educação») ou foram mortos ou presos, a menos que tenham tomado o caminho do exílio. A maior parte «caíram» no decurso de um cenário já clássico: um recontro com a polícia. Foi o caso do fundador do partido, Henry Newton, condenado, no ano passado, a uma pena de prisão, por homicídio de um polícia. A leveza da pena para delito tão grave permite imaginar a fragilidade da acusação. O último dirigente preso foi David Hilliard, «chefe do estado-maior», que, num discurso pronunciado a 15 de Novembro passado, em S. Francisco, por ocasião da segunda «moratória», se declarou pronto a *«matar Nixon, se fosse preciso»*. O presidente do partido, Bobby Seale, não está em melhores condições — já foi condenado a quatro anos de prisão por repetidos ultrajes à magistratura, no começo do processo instaurado em Chicago a oito dirigentes contestatários em consequência dos tumultos que assinalaram a «Convenção Democrática» de Agosto de 1968. Agora vai ser julgado separadamente. Entretanto, o governador da Califórnia, Ronald Reagan, concedeu a sua extradição para o estado do Connecticut, que o acusa de ter participado na eliminação de um agente duplo, em New-Haven.

Dois recontros mais recentes entre polícias locais e *Panteras Negras* fizeram recair redobrada atenção no problema. Nos começos de Dezembro, a polícia de Chicago organizou uma operação, de madrugada, contra um apartamento ocupado por membros do partido; a meio de um tiroteio são mortos dois homens, um dos quais Fred Hampton, chefe do partido no Illinois. A polícia afirma que foi atacada. A autopsia parece provar que Hampton foi morto na cama. Ainda o barulho à volta deste caso não se tinha desvanecido por completo e logo a polícia de Los Angeles monta um *raid* de envergadura — no qual participaram 300 polícias — contra um local de reunião dos *Panteras*. Também neste caso a «busca» se deu às 5 horas da manhã. Também neste caso houve tiroteio, mas não houve mortes: seis *Panteras* e três polícias feridos.

«Um clima repressivo»

Uma questão se põe agora: o partido estará a ser objecto de uma campanha de intí-

(Continua na 12.ª página)

Nota do dia

CHAMAR À ACÇÃO

DESDE SETEMBRO DE 1968 que o País tem escutado com compreensível atenção as palavras que o prof. Marcello Caetano tem proferido como Presidente do Conselho. E essa atenção, a que chamamos compreensível, vota-se ao fito de tentar a interpretação do pensamento orientador da acção governativa que se propõe levar a cabo. O discurso de sábado havemos de o entender, parece-nos, como de outra estirpe. Não foi o Chefe do Governo que falou, parece-nos, mas o chefe do partido que acaba de se reconstituir como estrutura política de apoio ao Governo.

Sabemos que as palavras que estamos a escrever, se fossem ditas de viva voz em vez de escritas e se ditas fossem na sua presença, o prof. Marcello Caetano ali teria erguido o indicador da mão direita pedindo licença para as interromper: «Perdão, não é um partido». Aliás, não omitiu esse ponto da sua concepção política: «Por isso a União Nacional não foi nunca um partido, e expressa e solenemente excluiu sempre a hipótese de o vir a ser». A forma adoptada é a da «associação cívica», dentro da qual, como disse, «desejaria que o diálogo fosse constante, franco e aberto».

A controvérsia de haver ou não partidos constituídos não está encerrada. O prof. Queiró, na sessão de abertura do congresso do que então ainda se chamava «União Nacional», citou Maurice Duverger. No pensamento do laborioso e autorizado comentador francês encontram-se mais as suas dúvidas do que as suas certezas. Quem não tem dúvidas? E quem tem certezas onde tudo é oscilante, instável, fluido e precário? Os sistemas não são moldes onde se metam as sociedades. Renovam-se, necessàriamente, ao sabor da própria evolução das sociedades. E a que velocidade essa evolução hoje se opera!

Chamar-se «associação cívica» à nova organização, parece, não elimina as dúvidas. É ver os seus objectivos, as suas finalidades, os seus métodos, a sua própria estrutura tal como se encontram nesta definição: «sendo (...) destinada a facilitar a participação do maior número possível de cidadãos na vida pública, não pode ser apenas uma organização de quadros, simples estrutura de comissões. Tem de lançar raízes por todo o lado e de possuir na sua base os núcleos que, a partir do mais pequeno lugar ou da mais modesta oficina, lhe permitam a cada passo auscultar o País — e elucidá-lo também».

Tanto pelas suas finalidades, como pela sua orgânica, a fórmula de «associações cívicas» parece poder aplicar-se em termos de satisfazer todos quantos têm da importância dos problemas gerais a consciência bastante para se interessar pelo fenómeno político em ordem a procurar a sua própria colaboração na busca das grandes soluções necessárias. Essa tarefa, quase sempre tão atractiva como angustiante, não é, não pode ser privilégio seja de quem for — e disso parece-nos prova o facto de estarmos nós aqui a procurar uma interpretação. É o diálogo, afinal. Mas como travá-lo dentro de um perímetro limitado? Com quem?

Num ponto já referido do seu discurso, o prof. Marcello Caetano, ao repudiar a ideia ou designação de partido, faz a sua crítica dizendo que ele «é por definição um grupo que (...) visa a fruição do poder político em seu benefício, reservando para os seus filiados as benesses que essa fruição proporciona». Aqui erguemos nós próprios o dedo, pois por nós pensamos que o verdadeiro interesse pela coisa pública, que move a quem se vota à acção política, implica uma concepção diferente: que o exercício do Poder, o Governo, diga-se, não seja tido na conta de homenagem, prémio, dádiva ou favor, mas verdadeiramente como um serviço e até como um sacrifício. Quando assim não se entendesse, tudo andaria errado.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

RESTAURANTE LEÃO DE OURO
RUA 1.º DE DEZEMBRO, 89, 99 — TELEF. 326195 — LISBOA
MANTÉM A TRADIÇÃO DE SERVIR TODOS OS DIAS A FAMOSA LAMPREIA DO RIO MINHO, RECEBIDA DIRECTAMENTE. ASSIM COMO NA SUA ESPECIALIDADE DE MARISCOS É DE SALIENTAR A SANTOLA RECHEADA À LEÃO E AS SALADINHAS DE LAGOSTA COM O MOLHO DA CASA

TUTTI MUNDI DRUGSTORE
ÊXITO! ÊXITO!!
ÚNICO EM LISBOA
MÚSICA TZIGANE
PELA ORQUESTRA
DE
MAURICE TOUBAS
VIVA ALGUNS MOMENTOS DE BELEZA COMO NOS LOCAIS MAIS ELEGANTES DE BUDAPESTE, VIENA, PARIS E DA VELHA RÚSSIA
CHÁ DAS 17 ÀS 19 H. (Maiores de 6 anos) E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE (Maiores de 12 anos)
ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
GARAGE PRIVATIVA
ACEITAM-SE MARCAÇÕES DE MESA PELO
TELEF 71 40 21 AV. ROMA, 48 B

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 28, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.
A DIRECÇÃO
Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até às 19 horas.

A DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA CONTRA JOÃO CÉSAR MONTEIRO

«NÃO TIVE INTENÇÃO DE ATINGIR A CLASSE»

—AFIRMA O REALIZADOR

Durante a assembleia do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema o presidente da direcção do Sindicato, Jorge Brum do Canto, deu conta de um processo instaurado contra o cineasta João César Monteiro, acusado de difamar a classe, numa entrevista concedida ao «Diário de Lisboa», em 14 de Agosto último. O passo da entrevista considerado ofensivo —e lido por Jorge Brum do Canto — é o seguinte: «Assim que um realizador português fizer obra de grande qualidade, acredito que os mercados internacionais lhe abram as portas. O Fernando é capaz de conseguir isso. O Paulo também. O António Pedro e o Seixas talvez. Os restantes, com toda a certeza, mas na qualidade de «macacos de feira».

O presidente da direcção disse que João César Monteiro corria o risco de ser demitido do Sindicato, por ter difamado os colegas, e informou que lhe fora enviada uma carta á qual ele nunca respondera. Após a discussão a que o caso deu

(Continua na 6.ª página)

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

INÊS DE CASTRO:

DRAMA EM BAILADO DE CARLOS TRINCHEIRAS

O êxito alcançado pelos recentes espectáculos em que foram apresentados os bailados «Giselle» e «Concerto», explica a expectativa com que se aguarda a estreia do segundo programa do Grupo Gulbenkian de Bailado na presente temporada.

Essa estreia efectua-se amanhã, ás 21 e 30, no Grande Auditório da Fundação O programa será repetido nos dias seguintes: domingo, ás 13 e 30 e 21 e 30; na segunda e terça-feira ás 18 e 30.

O referido programa inclui um novo bailado de Carlos Trincheiras: «O Trono», em que, sobre musica de Bela Bartok, se evoca a tragédia de Inês de Castro, vista sob um novo prisma narrativo. E á sombra ameaçadora do trono que se desenrola o drama de duas juventudes frustradas pela razão suprema do Estado. A morte de Inês é evocada pelo seu inconsolável amante E, como num ritual, aos olhos dos espectadores, a vida palaciana — berço e sepulcro de um grande e desesperado amor — vai-se desenrolando com as suas danças, os seus bufões e os seus assassinos Isabel Santa Rosa e Armando Jorge serão os principais intérpretes. Noutros papéis destacados veremos Isabel Queiroz, Ger Thomas, Colleen O'Sullivan e Patrick Hurde. O cenário e os figurinos foram desenhados por Artur Casais.

Nestes espectáculos, far-se-á ainda a reposição de dois notáveis bailados do repertório clássico: «As Sílfides» (Chopin-Folkine) e «O Belo Danúbio» (Strauss-Massine). Recorde-se a propósito que o próprio Léonide Massine se deslocou expressamente a Lisboa em Maio último, a convite da Fundação, para montar esta obra no Grupo Gulbenkian, para um espectáculo do XIII Festival Gulbenkian de Música. Posteriormente, «O Belo Danúbio» foi dançado com o maior êxito na longa digressão que o Grupo fez a Angola e a Moçambique, nos meses de Agosto e Setembro do ano passado.

CINEMA IMPÉRIO

YAMAHA

Órgãos electrónicos e Pianos

Concerto de órgão por SIMÕES DA HORA e HIDEMI SAITO

Fe- se hoje pelas 18,30 horas, o anunciado concerto demonstrativo das extraordinárias qualidades dos órgãos electrónicos YAMAHA.

ESPECTACULOS PARA MAIORES DE 6 ANOS

Lotação esgotada.

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

Primeiro-Acto Clube de teatro

Efectua-se amanhã, pelas 21 e 30, na sede do Primeiro Actó-Clube de Teatro, a continuação da assembleia geral iniciada no ultimo sábado, para discussão do segundo ponto da «ordem do dia» — «actividade geral do Clube».

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET (ADULTOS)

HOJE, AS 21 E AS 23 HORAS

MARIA
é a escultural modelo que mostra o vison e outros coisas no comédia

O VISON VOADOR

com

RAUL SOLNADO

IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA, e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES
e a colaboração de MARIA PAULA

SÓ HOJE, AMANHÃ E DOMINGO!

(ADULTOS)

SPINA em «BRASILEIRO DO METRO» AIDA em

AIDA, em «Mestre de Oficina»

PEÇO A PALAVRA!

3 ÚLTIMOS DIAS DE UM GRANDE ÊXITO DE GARGALHADA!

NO TEATRO ● TELEF. 326037

VARIEDADES

Às 20,45 e 23 h.

DOMINGO MATINÉE ÀS 16 HORAS

UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

COM UMA GRANDE, ALEGRE E POPULAR COMPANHIA

● AIDA ● C. COELHO
● ELOINA ● SPINA
● MAX ● ANITA
● ESPADINHA ● M. FRANCO

A ATRACÇÃO NACIONAL
● ANTÓNIO CALVÁRIO
À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO
● UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

ATENÇÃO À TOURNÉE: 3.ª-FEIRA, 3 — AMADORA; 4.ª-FEIRA, 4 — CASCAIS; 5.ª-FEIRA, 5 — MONTIJO; 6.ª E SÁBADO, 6 E 7 — SETUBAL; DOMINGO, 8 — SINTRA; 3.ª-FEIRA, 10 — BEJA; 4.ª-FEIRA, 11 — TAVIRA; 5.ª-FEIRA, 12 — FARO; 6.ª-FEIRA, 13 — PORTIMÃO; SÁBADO, 14 — LAGOS; DOMINGO, 15 — ALCÁCER DO SAL; 2.ª-FEIRA, 16 — TOMAR; 3.ª-FEIRA, 17 — LEIRIA; 4.ª-FEIRA, 18 — FIGUEIRA DA FOZ.

Recintos de diversões

* Parte para os Estados Unidos, no próximo dia 5, o fadista Manuel Fernandes.
* Continua impedida de trabalhar a cantadeira Maria do Espírito Santo.
* Tem sentido ligeiras melhoras a artista Saudade dos Santos.
* Tem estado a actuar no «Timpanas» a cantadeira Odete Mendes.
* Já regressou á actividade artística a cantadeira Alice Maria.

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

HOJE ÀS 21.45 H.
3.ª SEMANA DE ÊXITO
SÁBADOS E DOMINGOS «MATINÉE» ÀS 16 H.

Criado de café LUÍS MACHADO

Rinchão LADISLAU FERREIRA

na divertidíssima sátira

A RELÍQUIA

à EÇA DE QUEIROZ

em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos
uma produção de IGREJAS CAEIRO
(Maiores de 17 anos)

MÁRIA VITÓRIA (ADULTOS)

UM ESPECTACULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

● Um êxito enorme que não admite comparações!

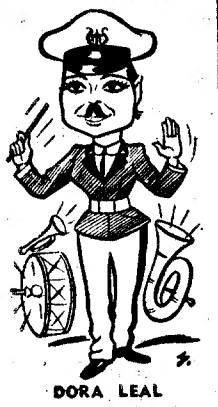
● DOMINGO «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

● Em últimos dias! Ao cabo de 5 meses de representações, sai de cena a revista do êxito e da gargalhada!

HOJE, ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS

● ESPERTEZA SALOIA ●

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA
(«PRÉMIO DA IMPRENSA — 1969»)
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES:
● HELENA TAVARES e «THE MELODIES»



DORA LEAL no «Filarmónico»

BREVEMENTE: A NOVA REVISTA: «O PRATO DO DIA...»

SENNHEISER electronic
Excepcionais microfones de estúdio e P. A. — aparelhagem de medida.

Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores 12 anos)
O grande filme de guerra
INFERNO NO VIETNAME
Uma epopeia de sangue, suor e lágrimas
Preços populares

AMANHÃ e DOMINGO À TARDE E À NOITE

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA — R. DO CARMO, 93
PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 860
R. DE S.TO ANTÓNIO, 98

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO EDEN

Realização: José Luís Merino 1969 (Espanha-Portugal).

Intérpretes: Madalena Iglésias, Américo Coimbra, Cristina Galvão, Arturo Fernandez, Luís Filipe, Eduardo Fajardo, etc.

NOVO FILME PORTUGUÊS

«OS 5 AVISOS DE SA TANÁS»

Há quem diga que a co-produção será a via de salvação do cinema português. Há quem o diga e muitos mais há que acreditam nela como panaceia urgente para as maleitas crónicas da indústria fílmica nacional. Há até quem pretenda legislar protecções que têm como uma das metas mais evidentes a co-produção. «Os 5 avisos de Satanás» que o espanhol José Luís Merino vai dirigir a Portugal, com elenco repartido pelos dois países da Península, demonstra bem que, se por um lado a co-produção resolve alguns problemas, não resolve todos e deixa irresolvíveis os mais graves, isto é: um filme nunca deverá renegar uma certa paternidade nacional que nele se irá reflectir em problemas concretamente portugueses, indiscutìvelmente reais. «Os 5 avisos de Satanás», partindo de uma comédia teatral do dramaturgo espanhol Jardiel Poncela (de grande nome no país vizinho há cerca de vinte ou trinta anos, autor de peças de «boulevard» inconsequentes mas relativamente bem carpinteadas cènicamente ao estilo da época), realizada por um espanhol em Portugal, consegue tornar-se totalmente incaracterística de qualquer dos dois países que a produziram, para se transformar numa obra de consumo, bana, no seu entrecho folhetinesco e amoroso, eficiente na realização (que não tem qualquer tipo de paralelo com as pepineiras «comerciais» que os «cineastas» portugueses nos pretendem igualmente impingir, cada vez com menor êxito, valha a verdade), insegura na interpretação.

De qualquer forma haverá que ressalvar a fotografia de Emanuel Dicola que é razoável com alguns bons aproveitamentos da paisagem portuguesa de entre Lisboa-Sin-

(Continua na página seguinte)

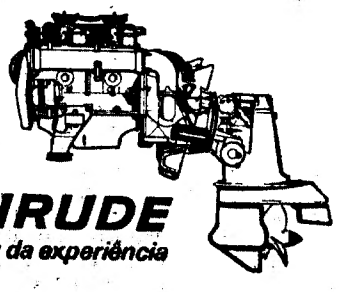
Este ano vamos ancorar em 34 locais diferentes.
Em qualquer parte do mundo,
dispomos do serviço mundial de assistência Evinrude.

Já nos aborrecemos de Monte Carlo. Já fomos à Finlândia.
Este ano vamos "descobrir" o Mar Negro.
Somos viajantes inveterados... porque temos o apoio do serviço mundial de assistência Evinrude.
O nosso construtor disse-nos que a Evinrude tem qualquer coisa como 1311 agentes só na Europa.
Isso decidiu-nos a procurar novos mundos.
A facilidade de manobra do Evinrude OMC também ajudou.
E o seu silêncio?!

Eis o que o construtor lhes disse àcerca do OMC Stern Drive:

1.° Tem mudanças electromagnéticas, tão suaves como no melhor dos automóveis.
2.° Foi construído para um ângulo de rotação de 90° de lado a lado. Nenhum outro Stern Drive pode fazer o mesmo.
3.° Está preparado para uma elevação de coluna até 75°. Não se pode exigir tanto de nenhum outro Stern Drive.
4.° Tem suspensão de borracha que absorve as vibrações e os ruídos como uma esponja.
5.° E enfim a garantia de 2 anos, única no mundo.

Distribuidores exclusivos:
MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L.
Av. 24 de Julho, 52 A — LISBOA Telef.: 66 77 1(



EVINRUDE
O poder da experiência

CONDES

O CINEMA VAI AO SEU ENCONTRO

As dificuldades dos transportes, as horas dos empregos, a imposição das horas das refeições, são tudo motivos para que muitas vezes as pessoas não vejam os espectáculos que desejam

DECIDIMOS

Propor ao público uma maior possibilidade de escolha de horas que lhe permita tornar mais compatível o binário

OBRIGAÇÕES/DIVERSÃO

A partir de **amanhã** e sempre que a metragem dos filmes o permita

OFERECEMOS

4

SESSÕES DIÁRIAS

as 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

e começaremos com o filme que milhares de pessoas não puderam ver, por razões de compromissos de estreia, o que foi, então, devidamente comunicado.

O FILME CHOQUE DA TEMPORADA!

MEDALHA DE OURO DO CINEMA FRANCÊS

A LIÇÃO PARTICULAR

LA LEÇON PARTICULIÈRE

Adultos

NATHALIE RENAUD
DELON VERLEY

Um grande exclusivo de FILMES CASTELLO LOPES
UM NOVO ESTILO DE EXIBIÇÃO/4 SESSÕES DIÁRIAS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

tra-Cascais, bem assim como a dobragem dos dois actores espanhóis por actores portugueses que, contra o que é costume não é totalmente má. No caso de Arturo Fernandez (dobrado por Varela Silva, cremos) ela é bastante boa e Cristina Galbo encontra na voz de Maria do Céu Guerra (é ela certamente!) uma «nuance» velada que (não dizendo muito bem com a actriz) sabe bém contudo ouvir.

Lamentável é a introdução de um diabo de péssimo gosto que estraga por completo quase todas as cenas em que intervem. Muito beneficiaria o filme se nesta figura se tivesse optado por uma *aparição* esfumada, a meio caminho entre realidade e delírio. Tal como está, sem o mínimo de subtileza, é o desastre.

Co-produção — caminho? Cremos bem que daí só virão alguns progressos técnicos, um certo contacto internacional (muitas vezes desprestigiante) e muito pouco (ou mesmo nada) de verdadeiramente nacional. Caminho para uma industria, talvez. Caminho para o *cinema*, não.

L. A.

• NO S. JORGE

Titulo: «A Sereia do Mississipi» («La Sirène du Mississipi», 1969).

Realização: François Truffaut.

Intérpretes: Catherine Deneuve (Julie Rousell), Jean-Paul Belmondo (Louis Mahé).

Apetece-me começar do mesmo modo como Jean-Luc Godard começava, outrora, uma das suas críticas. Assim, vou dizer loucamente bem deste filme. Antes disso há que justificar, todavia, a demissão (excepcional) de alguns «parti-pris».

Sei perfeitamente que Truffaut, pela natureza do seu registo cinematográfico, pelo indefensável carácter das suas posições ideológicas, se situa á margem de um cinema novo. Sei também que as suas pesquisas formais evoluem dentro de uma concepção tradicionalista do cinema, em tudo o que isso implica de equívoco comprometimento com o sistema. Nos seus ultimos filmes pressentia-se assustadoramente o medo panico do risco (o mesmo medo que, e pelas mesmas razões, Julie tem do amor). Por outras palavras, Truffaut degradava o já adquirido, o que, em arte, se rotula usualmente por academismo.

Tal como o seu duplo em «A Sereia do Mississipi» (Jean-Paul Belmondo), Truffaut, fazendo este filme, deixa que o *provisório* se introduza no *definitivo*, ou se quiserem: que o *definitivo* seja rompido pelo *provisório* e a criação conformista, instalada, empantufada, cede o lugar á loucura, ao desejo, á exaltação (romantica, po's) desenfreada. Estamos em pleno jogo da fascinação sem que as referências ao real se percam (e o percam). E se a qualidade da fascinação truffauldiana desemboca no sonho (connosco partilhado se preenchermos a estrutura lacunar do discurso fílmico) é para que este melhor se inscreva no real e, parte integrante dele, de molde a que um ao outro se fibertem e enriqueçam. Muito mais do que aproximar Truffaut de Sternberg (as citações muitas vezes despistam), parece-me que é á experiência do surrealismo a que, cada vez mais, o devemos aparentar (será necessário inventariar os caleambures, a apropriação mágica e obsessiva dos objectos a que Truffaut recorre?). No jogar deste jogo (e cumprida a regra dele) Truffaut acaba a jogar-se a si próprio. Integralmente. E a partir do jogo todo jogado não resta mais nada, a não ser o tudo que foi jogado. Torcado a esse extremo limite, o cinema descobre (e faz) o amor, direi eu parafraseando André Breton. Passos perdidos? Não há.

Na hora em que for necessário escolher entre a liberdade e o cinema, tal como Truffaut, escolherei o cinema, meu amor.

«A Sereia do Mississipi» é um filme em cinemascope e «écran» normal (uma cena) sobre o trajecto da experiência mais profunda (logo, a mais alegre e dolorosa) que pode existir entre dois seres: a do conhecimento erótico. Como todo o grande filme, propõe várias leituras, inclusive a da sua ilegibilidade.

Se nos lembrarmos que Pierrot (aliás Ferdinand) se mata depois de ter morto Marianne (Godard) e que Louis vive depois de ter aceitado que Julie (aliás Marion) o matasse (Truffaut), de entre várias conclusões possíveis, tiramos a mais sentimental: cada um tem a amante que merece (méritos cinematográficos á parte, bem entendido). É preciso queimar Truffaut?

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

«O Vison Voador» é um espectáculo só para adultos

No Teatro Villaret, está em cena «O Vison Voador» e todas as condições que recomendam este espectáculo a indivíduos de ambos os sexos, com maioridade mental e física. Sugere-se, contudo, que aproveite bem o intervalo executando exercícios respiratórios. Logo que o pano sobe no segundo acto, estará em cena Raul Solnado que já na primeira parte movimentara as operações dizendo e fazendo as divertidas coisas que os autores Ray Conney e John Chapman atribuíram aos personagens. Surgem, também, logo a seguir, outros atractivos que, no momento da interrupção, deixaram o publico na maior expectativa, ou sejam Io Apoloni (com o Vison em vistas de ser vestido), Fernanda Borsatti, Yola, Georgina Cordeiro e Maria.

Com elas estarão Artur Semedo, Vasco de Lima Couto, David Silva e Rolando Alves. Colabora ainda Maria Paula.

Dirigida por Paulo Renato em cenário de Pedro Leitão, esta alegre comédia que Vasco Morgado apresenta em versão portuguesa de Marina de Morais, está todas as noites, excepto á segunda-feira, dia de descanso da Companhia, em duas sessões no Villaret ás 21 e ás 23 horas, e aos domingos também em matinée ás 16 horas.

FERNANDA DAMASO

FERNANDA DÂMASO NA ROMÉNIA

Para Brasov (na Roménia) parte no próximo domingo a cançonetista Fernanda Dâmaso que vai actuar no Festival de Melodias a realizar, de 3 a 8 de Março, naquela cidade. O convite partiu da própria Televisão romena.

Fernanda Dâmaso (que já actuou nos Estados Unidos da America do Norte, no Canadá e em França) vai interpretar na Roménia uma composição local («Canção do Vento», que a artista considera *«ritmo moderno mas dramático»*) e a canção «Tão longe», da autoria de Hernani Correia e Arlindo Carvalho. Ontem, Fernanda Dâmaso começou a gravar a voz num 45 rotações para a etiqueta «Alvorada».

João César Monteiro marca a sua posição

(Continuação da 4.ª página)

origem, foi aprovada uma proposta que concede ao cineasta mais 15 dias para se avistar com a direcção.

Acerca deste caso — que tem sido, naturalmente, muito falado entre os profissionais de cinema — procurámos ouvir a opinião do visado.

— *Em primeiro lugar* — disse João César Monteiro — *a afirmação que eu fiz é uma impressão critica completamente fora do enquadramento sindical. É, pois, um simples juízo que se deve entender numa perspectiva puramente estética, é que, como é óbvio, não interfere, de modo algum, com os interesses da classe, enquanto classe trabalhadora. Nesse sentido, creio que nunca afirmação minha poderá conter pressupostos atentatórios contra a dignidade da classe a que pertenço, pois o mesmo seria atentar contra a minha própria dignidade. É incontroverso, no entanto, que a minha afirmação visa, no plano estricto da criação cinematográfica, alguns realizadores do chamado cinema nacional, que constituem uma minoria de associados pertencentes ao sector da produção, mas o próprio presidente da direcção do Sindicato, sr. Jorge Brun do Canto, considerava, em mesa-redonda concedida e publicada no «Diário de Lisboa», esse cinema ideològicamente comprometido com um statu quo lamentàvelmente «complacente». No que toca à carta que o presidente do Sindicato me enviou, é verdade que a recebi. Nela se fazia referência ao artigo 9.º dos Estatutos, no qual, em virtude de afirmações minhas tornadas públicas, eu podia ter incorrido. Mas como a direcção do Sindicato não ignorava o meu desconhecimento estatutário, devido ao facto de os mesmos, ao tempo em que me fiz sócio, se encontrarem esgotados, referia-se que o documento seguiria anexo á carta, o que não sucedeu. Assim, fiquei á espera de o receber, para que, na entrevista que a direcção sindical me solicitava, pudesse apresentar-me com conhecimento de causa.*

A finalizar, João César Monteiro acrescentou:

— *Não gostaria que este incidente desse origem a especulações mais ou menos sensacionalistas e, por isso, dou o assunto por encerrado. O resto é, de facto, entre mim e a direcção do Sindicato. Parece-me, contudo, que, num Sindicato, há coisas mais importante para serem discutidas que o sr João César Monteiro.*

PUBLICIDADE PREMIADA EM FESTIVAIS APRESENTADA E APLAUDIDA NO ROMA

Por iniciativa da Movierecord Portuguesa e da Telecine-Moro, efectuou-se ontem, no Cinema Roma, a sessão especial de apresentação dos «Leões de Ouro» e Grandes Prémios dos Grupos de Cinema e de Televisão do XVI Festival Internacional do Filme Publicitário, realizado em Cannes no ano findo. Recorde-se que estes festivais internacionais se efectuam, todos os anos, alternadamente, em Cannes e Veneza, sob os auspícios da Screen Advertising World Association (SAWA) — organismo representado em Portugal por Propagandas Belarte, Ld.ª.

A sessão foi iniciada com uma curta-metragem de desenho animado, produzida nos estudios da Telecine Moro e realizada por Artur Correia. Depois, o arquitecto Marcelino de Morais referiu-se ao filme publicitário português e á sua participação nos festivais no estrangeiro. O orador, que será o delegado português no Juri Internacional do Festival de Veneza, a realizar em Junho próximo, salientou o progresso alcançado pelos filmes publicitários nacionais, enaltecendo o esforço, o entusiasmo e o poder criativo necessários para atingir tal plano.

Seguiu-se a exibição dos filmes publicitários que conquistaram os «Leões de Ouro» nos grupos de Televisão e de Cinema, e que representaram os seguintes países: Finlândia, Estados Unidos, Japão, Canadá, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Suécia e Argentina.

Em seguida foram apresentados os filmes portugueses premiados no Festival Internacional do ano findo e os que vão participar no certame de Junho próximo.

Encerrando o espectáculo, que a assistência sublinhou com calorosos aplausos, e apresentados por Simone de Oliveira, na sua faceta de locutora (muito sóbria, aliás) exibiram-se Ca los Paredes e Fernando Alvim, Manuel Freire e o conjunto Bossa-Jazz 3.

Entre a assistência, viam-se muitos directores de agências e profissionais de publicidade que encheram literalmente a vasta sala do Roma. Receberam os convidados os srs Tomás Pinto Basto e dr. Alberto Reig, respectivamente presidente da assembleia geral e director-geral da Movierecord Portuguesa e o sr. Jorge Galveias Rodrigues, director-geral da Telecine-Moro. Em face do interesse das películas selecionadas, a exibição é repetida hoje.

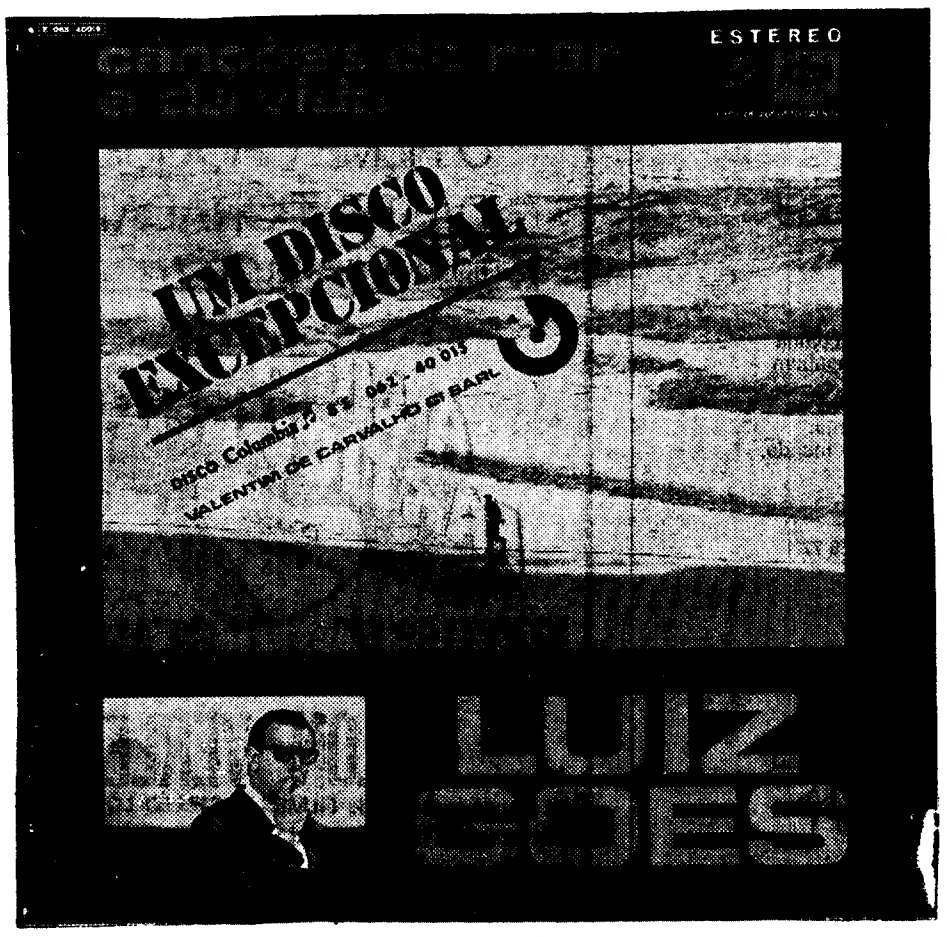
ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Virgilio Macieira é o novo presidente do Sindicato dos Artistas Teatrais.*
- *A peça de Chagas Roquete «O pombo mariola» serve de estreia á Companhia do Teatro Popular, na Rua Fria.*
- *Naquele mesmo teatro será representada, ainda esta época, a peça de Ramada Curto «A cadeira da verdade».*
- *Está assegurada a partida para a África da companhia dirigida por Henrique Santana. A sua digressão prolongar-se-á por alguns meses.*
- *A revista «Peço a palavra» estreia-se no Porto, no Sá da Bandeira, no próximo dia 20 de Março.*
- *Principiaram no Capitólio os ensaios da peça «Tchao!».*
- *Está completamente restabelecido o actor Alberto Ghira.*
- *O actor Costa Ferreira vai dirigir o próximo espectáculo do Teatro Maria Matos.*

A COMÉDIA AMERICANA NOS ANOS 60

O ABC Cine-Clube organiza, amanhã, ás 18 e 30, uma mesa-redonda subordinada ao tema «A Comédia Americana nos Anos 60».

Os participantes serão todos os sócios que comparecerem, estando já assegurada a presença de Eduardo Geada, José Vaz Pereira, Lauro António e Manuel Neves.



Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

UM INQUÉRITO IMPORTANTE NA CAMPANHA DE APERFEIÇOAMENTO DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

O GRUPO DE TRABALHO reúne-se, à noite, nas próprias instalações do C. A. P., cuja reestruturação se preconiza e se estuda. Sete vozes em Mesa-Redonda, sendo importante o facto de, duas dessas sete vozes, serem exactamente de alunos dos cursos actuais do C. A. P. Na verdade, esta chamada de estudantes ao grupo de trabalho que se debruça sobre os problemas de ensino do Centro de Aperfeiçoamento Profissional constitui uma criteriosa legenda do estudo que a Comissão do Sindicato, neste momento empreende.

É inegável que os Cursos de Aperfeiçoamento de Empregados de Escritório têm de servir uma massa sindicalizada de 60 mil pessoas e não, apenas, os que dispõem das suas noites para continuar os estudos. Não se trata de dotar alguém com aptidões regulares para os empregos e serviços, mas de criar nos empregados uma consciência actual da evolução dos processos.

Um tanto por isso, o grupo de trabalho, enquanto estuda, articula, define, procura ser esclarecido por interesses da classe e não por situações que decorrem da posição pedagógica actual ou dos cursos postos, este ano, em movimento ou em execução.

Reunião nas instalações do C. A. P. do grupo de trabalho que procura reestruturar os cursos de aperfeiçoamento profissional

Naturalmente, o processo de trabalho da comissão consiste, inicialmente, na crítica estruturada e construtiva — passe o palavrão político — **dos cursos que, neste momento, se efectuam ou realizam no C. A. P.**

Foi, exactamente, por onde se estabeleceu o nosso contacto com o grupo de trabalho que reuniu, nas instalações do C. A. P., os seguintes elementos: D. Maria Teresa Cardoso, D. Maria Albertina Beato, D. Irene Carmo e srs. Carlos Afonseca, Leonel Capucho e dr. Virgílio Mendes. Presente, também, D. Maria Fernanda Leitão, das relações públicas do sindicato.

«Os sócios contribuintes vão receber o inquérito por intermédio das empresas onde trabalham» — Maria Fernanda Leitão

Pois, falando da posição actual do C. A. P., o sr. Afonseca informou:

— *Há já aqui um problema: existe quem não se matricule em Dactilografia porque lhe exigem ter já a frequência de Português ou, então, fazer uma prova de aptidão — conhecimentos de redacção, ditado e ortografia.*

Explicação do dr. Virgílio Mendes:

— *Esse curso de Dactilografia deixou de constar dos programas docentes. Inicialmente, era um curso anual (com numero reduzido de horas semanais, mas durante um ano). Em seguida, passou a fazer-se em 10 meses (a frequência dependia do dia de matricula, mais nada) e mesmo assim teve que acabar. É que o ultimo destes cursos de 10 meses teve nove inscritos e todos reprovaram na prov. de conhecimento de Português...*

Vem ao caso referir que o mesmo professor que, no C. A. P., dava o curso de dactilografia, com esta exigência básica do Português, tem uma escola particular repleta de alunos — é que lá não há a exigência do ditado.

APRENDER UMA TÉCNICA

Sobre a questão articulada, pedimos a D. Irene Carmo (elemento no sindicato no G. T.) a sua crítica judicativa:

— *Estou de acordo, em princípio, com a exigência do Português no curso de Dactilografia. Em todo o caso, embora me pareça o procedimento mais certo e mais honesto, há certas situações em que admito contemporizações.*

E acrescentou:

— *Eu, por exemplo, talvez não fosse tão exigente em Português, para o caso de Dactilografia. Muitas pessoas que vêm ao C. A. P. têm urgência em aprender uma técnica e não em tirar um curso. Há, pois, que ponderar, em certas situações, o caso imediato de cada um que está em jogo mais do que o da própria escola.*

A propósito, D. Maria Teresa Cardoso (elemento do sindicato, como sócia, no Grupo de Trabalho) esclareceu

... o nosso grupo chegou à conclusão que era preciso saber o que as pessoas consideram que precisam, ao mesmo tempo que se lhes dá o conhecimento do A. C. P. — que alguns ainda desconhecem, pelo menos, nas suas realizações. Deste modo, o G. T. preconiza um INQUÉRITO, já elaborado, que vai ser enviado pelo sindicato a toda a população profissional.

É URGENTE RESPONDER

E aqui está uma informação que, pelo menos, pode (deve) interessar a uma classe que, só no distrito de Lisboa, mantém cerca de 60 mil profissionais: a dos empregados de escritório.

É certo, porém, que isto de inquéritos, entre nós, é assim: um cidadão recebe um impresso em casa, lê-o, amarrota-o e manda-o para o cesto dos papéis ou (o que é o mesmo) guarda-o para responder mais tarde. O curioso é que o guardá-lo para mais tarde obriga o cidadão, quase sempre, a pensar, quando o vê: «como não o mandei na altura, agora já não vale a pena». E, nesse momento, pois, amarrota-o e manda-o para o cesto dos papéis. Quase nunca ou raras vezes se lembra de que esse acto individual e cómodo se opõe aos interesses colectivos da sua classe. E (que diabo!) a dos empregados de escritório, só em Lisboa, atinge o numero de 60 mil.

É, portanto, urgente responder ao inquérito. Acto, aliás simples, como se verá pelos seus propósitos.

Razões do inquérito:

«Para uma melhor actuação do sindicato em matéria de aperfeiçoamento profissional, através do C. A. P., é indispensável que possa contar com a sua colaboração *(todos os sócios inquiridos)*.

Assim, o sindicato deve ser um organismo de todos os seus associados. Estes têm o Direito de exigir e o Dever de colaborar a sério para se alcançar essa finalidade. Ninguém deve ficar passivo, pois o sindicato pretende melhorar a sua actuação nos seguintes domínios: *Aperfeiçoamento Profissional; Infantário; Jardim Infantil.*»

E, após a identificação (anónima), de sexo, idade, estado civil e localidade de residência e trabalho (concelho) e categoria profissional, o inquérito impõe as seguintes perguntas:

«1 — Sabe que o sindicato tem á sua disposição um Centro de Aperfeiçoamento Profissional (C. A. P.)?

2 — Já frequentou alguma vez o C. A. P. do Sindicato?

a) Se NÃO, indique os motivos: não necessito de adquirir mais conhecimentos na profissão; não vejo interesse nos cursos do C. A. P.; não tenho tempo disponível; o horário dos cursos não o permite; ou moro longe do local dos cursos.

b) Se SIM, retirou algum proveito?

3 — Se se decidir a inscrever-se num curso do C. A. P., assinale a sua preferência: curso longo (2 a 3 anos), com um numero relativamente pequeno de horas semanais; curso curto (2 meses), com uma maior concentração de horas semanais; curso itinerante; curso de fim-de-semana; ou curso por correspondência.

4 — Em sua opinião, qual o horário que lhe parece de maior interesse?

5 — Onde preferiria seguir um curso do C. A. P., caso estivesse interessado: no local de trabalho ou no local de residência?

6 — Indique o seu grau de preferência pelas disciplinas a seguir indicadas, assinalando na caseta respectiva (com muito interesse; ou com pouco interesse; ou sem interesse): análise financeira; analista de sistema; arquivologia; computadores; contabilidade geral; contabilidade industrial; contribuições e impostos; estatística; estenografia (português, francês, inglês); gestão económica financeira, orçamental ou de «stocks»; legislação do trabalho e previdência social; línguas (comercial) — francês, inglês ou alemão; línguas (meios audiovisuais) — francês, inglês ou alemão; matemática; marketing; noções de comércio; noções de contabilidade; operador de máquinas de contabilidade; operador mecanográfico (cartões perfurados); organização de escritório; português; programador de máquinas electrónicas; psicologia aplicada á empresa; relações humanas na empresa; relações publicas (indique outras matérias que lhe pareça terem também interesse).

«Só as grandes empresas podem, por enquanto, fazer cursos de programadores para computadores» — Carlos Afonseca

«O Sindicato deve estar á frente das empresas na preparação do pessoal» — Maria Teresa Cardoso

«O curso de Correspondente pode ser tirado por cadeiras» — Maria Albertina Beato

PORQUE NÃO CURSOS POR CADEIRAS?

É ideia geral, entre o grupo de trabalho, que este inquérito virá a dar uma importante ajuda ao estudo empreendido pela comissão do Sindicato, ao mesmo tempo que (ainda para muitos) divulgará a existência do Centro de Aperfeiçoamento Profissional.

— *A propósito, a senhora que é aluna dos cursos actuais do C. A. P., como soube da sua existência?* — perguntámos a D. Maria Albertina Beato.

A resposta é significativa:

— *Disse-me o meu chefe, quando eu lhe manifestei que queria aprender, valorizar o meu inglês. Vim ao C. A. P. e pediram-me o cartão de sócia do Sindicato. Eu era apenas contribuinte. Legalizei a situação, passando a efectiva e fui aceite como aluna. Matriculei-me no curso de Correspondente. Inscrevi-me nas três línguas do curso.*

— *Não teve que fazer nenhuma prova de aptidão?*

— *Apresentei o certificado de habilitações, senão teria que fazer um teste.*

— *Qual é a duração do curso?*

— *É de três anos, incluindo o básico.*

Sobre este curso, a sua extensão e a obrigatoriedade das três línguas, o dr. Virgílio Mendes deu o seguinte esclarecimento:

— *A partir de 70-71 (pois foi aprovado em Outubro em Conselho Escolar), o curso de Correspondente passa a funcionar noutras bases, ou seja no esquema de dois idiomas: português-francês; português-inglês ou português-alemão.*

Entre a aluna e o director do C. A. P. estabeleceu-se diálogo.

— *Esse esquema é importante* — deduziu D. Maria Albertina Beato — *porque as alunas desta escola, além do seu trabalho diário profissional, ainda têm uma regular actividade caseira. Só heróis chegam ao fim com aproveitamento nas três cadeiras. Há aqui pessoas que estão a estudar com um esforço total e, logo, seria preciso que as estimulassem com certas facilidades, pois, se o aluno do C. A. P. se está a valorizar, está também a valorizar o meio em que vive. Portanto, eu admito que, paralelamente á existência de cursos com diploma de Correspondente, deveria ser estimulado o aluno que só quisesse fazer uma cadeira. Por exemplo, o Inglês, que era o meu caso, quando decidi ir ao C. A. P.*

Informação do dr. Virgílio Mendes:

— *Mas há, na escola, um curso audiovisual.*

— *É certo, mas não é a mesma coisa. E a verdade é que, no meu caso, para conjugar o estudo com a minha vida extra-escolar, eu venho a tirar, em três anos, um curso de Correspondente, quando, por cadeiras, eu tiraria o Inglês num ano.*

LANÇAMENTO DE 40 MIL INQUÉRITOS

O sr. Leonel Capucho apoia, na sua experiência como aluno, a eficiência das conclusões do G. T. de que faz parte.

— *Como aluno do C. A. P., procuro não só o aperfeiçoamento como a obtenção de um elemento de ascensão profissional. Sou técnico de contas e tirei, no C. A. P., um curso de dois anos: Contabilidade. O curioso é que, apesar de ter todos os papéis referentes ás habilitações em contabilidade geral, tive que voltar a fazer a cadeira, pois*

(Continua na 12.ª página)

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

VISITA MINISTERIAL AO PORTO

POSTOS EM EVIDÊNCIA PROBLEMAS DA MISERICÓRDIA

PORTO, 27 — No segundo e último dia da sua visita, o sr. ministro das Corporações e da Saúde, acompanhado pelo secretário de Estado da Saúde, sr. dr. Gonçalves Ferreira e pelo governador civil, sr. major Paulo Durão, esteve esta manhã, na sede da Misericórdia. Ali, o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa foi recebido pelo respectivo provedor sr. dr. Braga da Cruz, que estava com os restantes mesários e numa breve cerimónia de recepção, manifestou a satisfação pela visita daqueles membros do Governo aos quais prestou homenagem. Salientou, com orgulho, os 470 anos de serviço prestados pela benemérita instituição ao País, dizendo dos propósitos dos seus dirigentes de bem servirem.

Prosseguindo disse o orador ter havido há anos um movimento ao qual aderiram outras Misericórdias, para uma alteração legal ou seja a dissociação da Santa Casa do hospital. Mas — acrescentou — o problema está estagnado; porque, quando se quis mudar o compromisso, uma assembleia geral vetou essa ideia. Os problemas consequentes desse movimento que se não realizou subsistem e — acentuou — sente-se, cada vez mais, a necessidade de mudar o compromisso por se entender ser a melhor e única forma destas sociedades progredirem. Por isso, chamava, de novo, a atenção dos dois membros do Governo para aquele assunto, o qual não se limita a ser um problema apenas daquela Misericórdia, mas da maioria das restantes, também interessadas numa renovação.

O sr. dr. Braga da Cruz, falou, depois, da necessidade da actualização das remunerações do pessoal, pois não se pode deixar de seguir o exemplo dos Hospitais Centrais.

Lembrou, ainda, a urgente necessidade de ajuda ao Hospital Conde de Ferreira, cujas instalações na maior parte, foram cedidas ao Estado; e falou, também, da urgência de se atender devidamente aos problemas e necessidades do Sanatório Rodrigues Semide, embora lembrando que dos três últimos assuntos a Misericórdia tinha já tratado, pelos meios legais, junto dos departamentos respectivos.

A terminar, referiu-se a ambiação da Misericórdia, que julga poder iniciar em breve as suas obras, a qual é o Hospital da Prelada e pediu, igualmente, todo auxílio e a melhor colaboração.

Palavras do ministro

Usou, a seguir, da palavra o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que agradeceu as palavras que lhe foram dirigi-

(Continua na 15.ª página)

O Banco de Crédito Comercial e Industrial inaugurou em Vila Pery

o 28.º estabelecimento de Moçambique

VILA PERY, 27 — (L.) — No prosseguimento da sua expansão geográfica na província de Moçambique, o Banco de Crédito Comercial e Industrial inaugurou uma agência nesta cidade, no decorrer de uma cerimónia que se revestiu de assinalável significado.

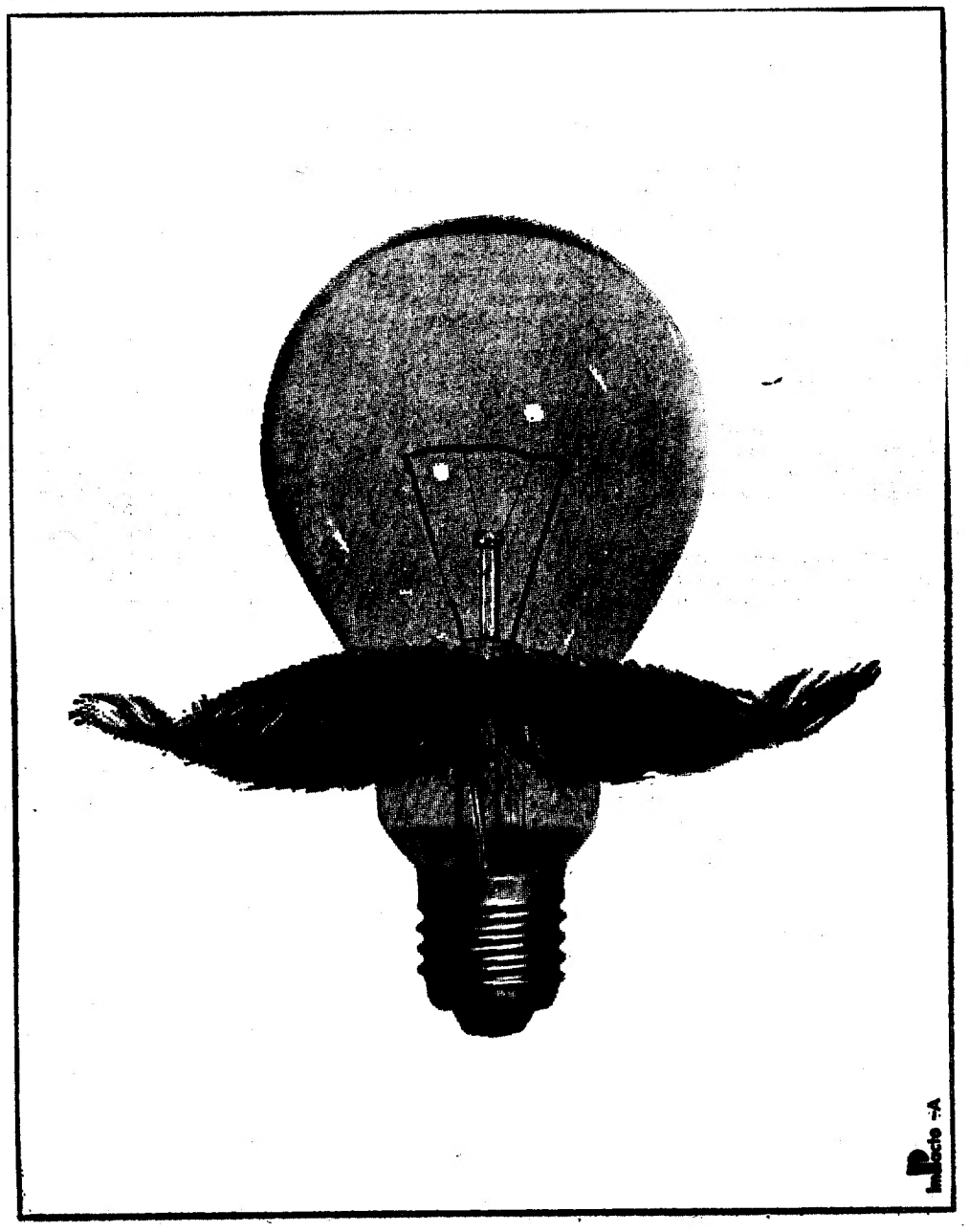
Ao acto, que foi encerrado com um beberete, assistiram as entidades oficiais de maior relevo local, entre as quais o presidente da Câmara Municipal e o administrador do concelho, representantes das unidades económicas de maior relevo, nomeadamente membros do conselho de administração da Sher (Sociedade Hidroeléctrica do Revué), e o sr. eng.º Manuel Magalhães, pela Soalpo.

Os convidados foram recebidos, em nome do Banco de Crédito Comercial e Industrial, pelos ssr. drs. Pedro Alvim, director-geral, Cunha e Costa, director-geral adjunto, e Jacinto Cabido e Óscar Bessa Gomes, respectivamente, director adjunto e subdirector do serviço de agências.

Usando da palavra no decorrer da cerimónia, o sr. dr. Pedro Alvim afirmou que o Banco de Crédito Comercial e Industrial conta apoiar as actividades económicas da zona, que, além de particularmente rica no sector agrícola, dispõe já de unidades industriais de reconhecida importância. Salientou ainda que o sistema e critérios de trabalho a adoptar no Chimoio serão idênticos àqueles que têm podido assegurar ao B. C. C. I. a posição cimeira que ocupa na banca comercial da Província.

Em resposta, o administrador do concelho louvou a iniciativa daquele estabelecimento de crédito, salientando os benefícios resultantes da sua actividade em Moçambique.

A nova agência constitui, com efeito, contributo apreciável para o apoio cada vez maior que o Banco de Crédito Comercial e Industrial tem vindo a prestar ao desenvolvimento económico das nossas duas grandes províncias africanas, onde já possui 60 estabelecimentos, 32 dos quais distribuídos largamente no território de Angola.



Um aspecto da assistência á sessão

A história do jornalismo por divide-se em dois períodos antes e depois do «Diário de L

—disse Ferreira de Castro na entrega do Prémio

Como oportunamente foi anunciado, o primeiro Prémio de Reportagem Artur Portela foi atribuído a três redactores do «Diário de Lisboa», Renato Boaventura, Oliveira Pinto e Silva Pinto. Ontem ao fim da tarde, na Casa da Imprensa, em sessão efectuada na sala que tem o nome daquele ilustre jornalista, procedeu-se á entrega do referido prémio. E muitos foram os profissionais da Informação que estiveram presentes

Presidiu á sessão o sr. dr. Norberto Lopes, director de «A Capital», que se encontrava ladeado pelos srs. dr. António Pedro Ruella Ramos, director do «Diário de Lisboa»; escritor Artur Portela Filho, João Gomes, como membro directivo da Casa da Imprensa; e José Estevão Santos Jorge, dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

● O significado de um prémio de reportagem ter o nome de um jornalista

Usando da palavra, disse o nosso camarada João Gomes:

— Esta sessão de homenagem á memória de Artur Portela é o primeiro acto publico promovido pela nova direcção da Casa da Imprensa. E nenhum outro lhe seria mais grato. A entrega do primeiro Prémio de Reportagem Artur Portela constituu ensejo feliz para exaltar a figura daquele que foi profissional brilhante e admirado e que a esta instituição deu o melhor da sua inteligência, do seu esforço, da sua dedicação e do seu entusiasmo. O nosso encontro decorre na sala que tem o seu nome, e o busto que nela sobressai representa testemunho perene do tributo de reconhecimento que esta Casa e alguns amigos lhe quiseram prestar. Tributo singelo, mas expressivo do lugar excepcional que Artur Portela ocupa na construção árdua e corajosa da Casa da Imprensa. E não só da Casa-edifício. Mas da Casa-empreendimento, da Casa que é espírito, da Casa que é símbolo da unidade, da solidariedade e do serviço mutuo de uma Classe. Reunimo-nos aqui para soltar para lá destas paredes a palavra de elogio, o brado de gratidão e de reconhecimento devidos á memória de Artur Portela. Na economia de palavras que marca o nosso tempo, dar o nome de um jornalista a um prémio de reportagem equivale a apontar a sua vida e a sua actividade á admiração de todos os homens da Imprensa. Dos homens da Imprensa e do publico em geral. Artur Portela merece-o não só pelas qualidades que nele concorriam para o distinguir como jornalista invulgar, como pela soma volumosa de ideal que consumiu no serviço dos camaradas. Utilizar a obra que lhe brotou das mãos, gastá-la no limite extremo das possibilidades, na consecução dos objectivos para que foi criada, eis uma das melhores formas de exaltar o homem da informação, de prestar homenagem ao jornalista talentoso e culto, de recordar com gratidão e afecto o camarada dedicado. Este o propósito que move a direc.

● MORADIAS
● TERRENO
● ANDAR
● QUINTAROLA

Vendem-se: Moradias em Carcavelos, 850 contos — Andar próximo da praia, em Carcavelos, 420 contos — Terreno em Caxias, para moradias, 360 contos cada lote — Quintarola perto do Estoril, 420 contos — Moradias em Cascais, 950, 1050, 1400 e 1500 contos cada. Todos os preços sujeitos a oferta e facilito o pagamento em tudo. Trata o dono T. 539773 e 539774 escritório, e 771664 residência, ou carta para Apartado 1048, Lisboa-1.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

ortuguês dos: e Lisboa»

mio Artur Portela

ção da Casa da Imprensa, este o programa que se pro. põe: torná-la uma instituição viva e dinâmica, suscitar o interesse e a participação dos seus sócios. Desejamos que esta Casa seja ca. da vez mais centro de encontro, local de convívio, cruzamento do diálogo fran. co, tolerante e despretencioso.

● O homem da Informação e a batalha pelo desenvolvimento

Disse ainda o nosso camarada João Gomes:

— *As responsabilidades crescentes que caracterizam*

(Continua na 13.ª página)

Ensino Florestal — é urgente a reforma

— afirmou-se na sessão de hoje da Assembleia Nacional

A hora regimental, prosseguiram esta tarde os trabalhos da Assembleia Nacional, em cuja ordem do dia se inscrevia a discussão e votação, na especialidade, da proposta de lei sobre criação de tribunais de família. Como se sabe, a Camara rejeitou, ontem, por maioria, uma questão prévia pedindo que aquela proposta fosse retirada da discussão.

Deste modo, devem hoje ser interrompidos os trabalhos parlamentares, que nos ultimos dias haviam registado invulgar vivacidade, só devendo a Camara reabrir no próximo dia 7 de Abril.

Dos treze deputados ontem inscritos para usar da palavra durante a sessão de ontem, apenas seis o puderam fazer, transitando os restantes para hoje. São eles os deputados Pinto Leite (sobre a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa), João Duarte de Oliveira (problemas de Economia, nomeadamente os inconvenientes evidenciados pelo condicionamento industrial), David Laima (técnicos portugueses ao serviço de empresas petrolíferas), Gabriel Gonçalves (ensino superior florestal), Oliveira Dias (Peniche e os seus pescadores), Correia das Neves (delinquentes inimputáveis) e Camilo de Mendonça (problemas dos azeites).

GABRIEL GONÇALVES: Actualização do curso superior de Silvicultura

A actualização urgente do curso de Silvicultura, do Instituto Superior de Agronomia, é pedida pelo deputado Gabriel Gonçalves (de Évora), que lembra a ideia expressa no III Plano de Fomento segundo a qual a cultura agrícola abrange, em Portugal, «superfície muito superior á que se considera com aptidão para tal, o que, em termos simplistas, levar a a concluir terem de desviar-se para a cultura florestal mais de dois milhões de hectares».

Nestas circunstancias, aquele deputado pede a actualização do ensino florestal, e afirma:

«Não creio possivel um franco progresso do sector agrário sem uma reconversão que gradualmente conduza ao ajustamento entre as utilizações e potencialidades edafoclimáticas, tudo, naturalmente, acompanhado de decisões políticas que assegurem rentabilidade ás soluções técnicas adoptadas.»

Recorda depois o deputado Gabriel Gonçalves a proposta nesse sentido elaborada pelo conselho escolar do Instituto Superior de Agronomia. Por fim, defende a criação de uma escola independente.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ A sessão de ontem da Assembleia Nacional abriu com a presença de 117 deputados. A abrir o período antes da ordem do dia, foram apresentados vários requerimentos pelos deputados Silva Mendes, Martins da Cruz, Coelho Jordão e Pinto Machado, tendo este solicitado da Secretaria de Estado da Informação fotocópias dos relatos da Imprensa sobre as sessões da Assembleia que tenham sido cortadas pela Censura.

★ *O primeiro orador, a quem o presidente deu honra de tribuna, dada a importancia do assunto, foi o deputado Montanha Pinto, que depois de saudar o presidente e os seus colegas, prestou homenagem aos órgãos de informação, afirmando desejar para breve a publicação «de lei de Imprensa que vos permita maior liberdade com efectiva responsabilidade, na expressão de pensamentos e divulgação de ideias e factos que melhor sirvam o interesse colectivo e o bem estar do País».*

★ Entrando propriamente no assunto da sua intervenção, o deputado Montanha Pinto explicou o seu desejo de evocar a data do aniversário do surto terrorista em Angola (15 de Março), pois «uma sempre possível interrupção dos trabalhos desta Assembleia», o poderia fazer perder a oportunidade. Aquele parlamentar recordou os factos ocorridos em 1961, «traiçoeiro e inesperado ataque, em que pereceram inglòriamente, mas em condições trágicas, mais de 2 mil portugueses». A terminar, fez votos para que «cada vez mais unidos e com maior participação na vida da Nação, possamos em breve ter um verdadeiro e total clima de paz que nos permite dirigir toda a nossa dedicação, o nosso talento, o melhor do nosso esforço intelectual e físico num crescer contínuo de promoção social e desenvolvimento económico do Todo Nacional.»

★ *O deputado Julio Evangelista, ao destacar a importancia política do ultimo discurso do prof. Marcello Caetano, sublinhou ser esse discurso «o enunciado de um ideário político proposto aos portugueses e também um apelo á acção dinamizadora». E afirmou mais adiante: «O mandato que, de há quatro legislaturas, o eleitorado generosamente me confia, conjere-me de algum modo o justo depoimento dum homem novo com algum passado político, no qual pude aprender o segredo da humildade e da coragem — humildade que me leva a não recear o facto de ser ou poder parecer «menos inteligente» que outros; coragem na serenidade e na afirmação das atitudes, na fidelidade ás ideias, ás raizes e aos comandos legítimos, sem por isso me julgar ou ser «menos independente», ou menos livre que quem quer que seja».*

★ Por sua vez, o deputado Cancella de Abreu solicitou ao ministro das Finanças que se incluam na lista das transacções isentas do respectivo imposto as operações de compra de material para combater incêndios e transportar doentes.

★ *O recente congresso da União Nacional mereceu considerações ao deputado Almeida Garrett, que se referiu ás solicitações básicas a que os trabalhos do congresso procuraram responder.*

★ Ao solicitar do Governo uma urgente revisão dos vencimentos dos funcionários publicos de Angola, o deputado Barreto Lara fez o elogio dos jornalistas, acrescentando «comungar na sua aspiração que alcance, finalmente e em regimentação nova, um estatuto que lhe facilite a acção informativa e lhe possibilite melhor desempenho da sua tão árdua quão espinhosa tarefa». E acrescentou mais adiante: «Nesta hora e neste País não pode haver lugar a indiferentes. Exactamente por isso eu, que nunca fui filiado da União Nacional e que me mantinha de há longa data inteiramente alheado á politica mas que desde o berço me integrei num partido que se chama «Portugal», acedi a tentar lugar nesta Casa e sem que vez alguma sentisse a mais ténue necessidade de alterar as minhas convicções políticas de base. Porque nessa base esteve sempre e está sempre com primasia sobre tudo «o meu País». Não me chamem pois nunca, jamais, á disciplina de qualquer partido. Chamem-me sim, a servir a minha Pátria. E foi a essa chamada que respondi e foi por essa chamada que aqui estou».

★ *O deputado Sá Carneiro pediu a palavra para lamentar a acção censória sobre os seus textos, o que vinha reforçar a sua intervenção de véspera, na qual defendera a necessidade urgente de uma lei de Imprensa. Não se sentia ofendido, mas achava que a Câmara o fora. Em seu apoio falou o deputado Francisco Balsemão, o qual referiu os prejuízos dessa prática. O «leader», dr. Almeida Cotta, interveio para informar que o estudo do projecto governamental de uma lei de Imprensa, estava a ser feito e em estado adiantado, e lembrar a necessidade de certas limitações á liberdade de Imprensa, tendo em conta o interesse nacional. O deputado Sá Carneiro, concluindo, disse que para afirmar que o interesse nacional não era incompatível com a liberdade de expressão.*

★ O deputado e «leader», dr. Almeida Cotta, fez á Câmara uma declaração, a propósito da polémica suscitada pelo discurso do secretário de Estado da Indústria proferido no colóquio sobre política industrial. E acentuou: «O sr. secretário de Estado teve de encarar o problema do desenvolvimento da indústria metropolitana em face dos compromissos assumidos internacionalmente por Portugal no contexto dos Acordos europeus. É da Europa que virão as importações susceptíveis de criar a concorrência às indústrias da Metrópole. É para a Europa que teremos de fazer um esforço no sentido de incrementar as exportações dos produtos industriais de maneira a obter as divisas necessárias à nossa economia. O facto de constituirmos uma unidade aquém e além-mar não exclui a existência de problemas peculiares a cada uma das parcelas que compõem o todo nacional».

★ *Na ordem do dia, a criação dos Tribunais de Família, o deputado Gonçalves de Proença, em nome das comissões de Política e Administração Geral e Local e de Legislação e Redacção, recomendou a aprovação do texto governamental.*

O presidente anunciou haver na mesa uma questão prévia de rejeição da proposta de lei, por «inoportuna e inconveniente», da autoria do deputado Sá Carneiro.

Casal Ribeiro — *Requeiro que a votação seja nominal.*

O deputado Santos da Cunha pediu alguns esclarecimentos á mesa, sobre a forma de votar. Após a votação, a questão prévia foi rejeitada por 58 contra 24, pelo que a proposta de lei sobre a criação dos Tribunais de Família continuará na ordem do dia. Hoje, a proposta será discutida na especialidade.

DEPUTADOS RECEBIDOS PELO MINISTRO DO INTERIOR

O ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, recebeu ontem os deputados prof. dr. Pinto Machado e drs. Sá Carneiro, Pinto Leite, Mota Amaral, José da Silva e Pinto Balsemão e eng.os Correia da Cunha e Macedo Correia.

O general França Borges passa (a partir de amanhã) à situação de aposentado

O sr. general França Borges recebeu, hoje, na sala Rosa Araujo, nos Paços do Concelho, a direcção do Grupo Amigos de Lisboa, os corpos gerentes da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e a direcção do Oriental Recreativo Cube, que lhe foram apresentar cumprimentos.

Amanhã, ás 10 horas, o presidente da Camara Municipal de Lisboa, procede, no seu gabinete, á imposição de medalhas de ouro aos vice-presidentes, e de ouro e prata a alguns funcionários, dando assim cumprimento á decisão aprovada na ultima reunião publica do Município.

O sr. general França Borges, que na próxima quarta-feira, ás 20 e 30, no restaurante de Monsanto é homenageado com um jantar promovido pela vereação e funcionários da C. M. L., passa, amanhã, á situação de aposentado, a seu pedido.

As inscrições para o jantar podem ser feitas no 1.º andar dos Paços do Concelho ou pelo telefone 362951, extensões 19 e 45.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COM TAKY NÃO HÁ PROBLEMAS PARA A MULHER MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS QUE ELIMINA OS PÊLOS EM POUCOS MINUTOS
SEM DÓR SEM IRRITAÇAO
PEÇA LITERATURA
Couto, L.da
PORTO

Em «A KAVERNA»
(RESTAURANTE TÍPICO)

JORGE rONTES e o seu conjunto
«OS 3 DE PORTUGAL»
(gentilmente cedidos pelo Restaurante Folclore)
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO ✲ TRISTÃO DA SILVA ✲ TINA SANTOS
Travessa Fiéis de Deus, 34 — Tel 35593 — Maiores 17 anos

Actualidade internacional

A CBS participou numa conjura para invadir o Haiti

— confirma um relatório

WASHINGTON, 27 — (F. P.) — A grande companhia de televisão americana Columbia Broadcasting System (C. B. S.) participou numa conjura para a invasão do Haiti, segundo os autores de um relatório oficial que actualmente está a ser examinado por uma comissão do Congresso americano.

O relatório preparado por uma sub-comissão da Câmara dos Representantes diz que os «revolucionários» projectavam, com o auxílio financeiro da C. B. S., invadir o Haiti, a partir da Florida, passando a uma base situada na República Dominicana, e depois invadir Cuba.

O objectivo imediato era derrubar os regimes de François Duvalier e de Fidel Castro e o objectivo final instalar no lugar de Castro Rolando Masferrer Rojas cognominado «o Tigre», e no lugar do presidente do Haiti, o reverendo Jean Baptis a Georges, padre católico que noutros tempos foi ministro da Educação no Governo de Duvalier.

As revelações contidas neste relatório (que devia ser confidencial) são dadas pelo jornal «The Evening Star» de Washington. A C. B. S. já na quarta-feira pela boca do seu presidente tinha desmentido ter qualquer cumplicidade no plano de invasão do Haiti.

Os protagonistas da conjura urdida em Miami, segundo o relatório citado pelo jornal, são: o padre George e Rolando Masferrer Rojas, este último ex-político cubano da extrema Direita e «patrão» de um grupo armado no tempo de Fulgêncio Batista.

John Aton Constanzo-Lelau, outro aventureiro cubano, fotógrafo assistente da C.B.S., há pouco tempo ferido em Miami por um tiro: Mitchaell Bell, americano, traficante de armas e de munições, veterano de diversas «operações» latino-americanas trabalhando na C.B.S. como «técnico»; Jay McMullen, produtor da C.B.S. que teria sido por missão filmar a invasão do Haiti; e Andrew St. George, jornalista independente, encarregado de escrever o enredo da invasão, bem conhecido na América Latina tendo estado na Bolívia na altura da guerrilha de «Che» Guevara.

O objectivo da C.B.S., segundo o referido relatório parlamentar, era assegurar-se do exclusivo do filme da queda do regime de «papa doc».

ALTERAÇÃO AÉREA — Malas de passageiros da Swissair são examinadas no aero orto britânico de Heathrow antes de serem levadas para bordo do avião para Zurique. A bagagem não identificada é posta de parte. Esta medida segue-se ao incidente ocorrido, a semana passada, com um avião suíço e no qual perderam a vida 47 pessoas. Entretanto, as autoridades helvéticas estudam a possibilidade de suspender todo o tráfego aéreo para os países árabes.

Queixa da Guiana nas Nações Unidas

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 27 — (F. P.) — P. A. Thompson representante da Guiana da O. N. U., declarou que havia informado on em o Conselho de Segurança de que as forças militares venezuelanas «que ocupam ilegalmente desde Setembro de 1966 a ilha de Ankoko», tinham, em 19, 21 e 22 deste mês, disparado com metralhadoras e morteiros contra o posto da Polícia, o acampamento militar e a pista de aterragem da Guiana, que se encontram na proximidade da fronteira entre a Venezuela e a Guiana.

Depois de ter indicado que as forças da Guiana não haviam ripostado, Thompson acrescentou que as forças da Venezuela tinham sido reforçadas, em 23 e 24 de Fevereiro, ao longo de toda a fronteira guiano-venezuelana, e que era de recear que uma tal situação conduzisse a novas violações da integridade territorial da Guiana por parte da Venezuela.

O PRÍNCIPE SOVANA PHUMA, chefe do Governo do Laos, declarou numa entrevista a uma cadeia de TV australiana: «Não queremos tropas estrangeiras no Laos e não queremos a extensão do conflito. O que precisamos é de dispor de meios para nos defendermos»

Oficiais líbios inspirados por Tito

TRIPOLI, 27 — (F. P.) — Realizaram-se ontem, nesta cidade, conversações oficiais entre a Jugoslávia e a Líbia, sob a presidência do marechal Tito, chefe de Estado jugoslavo, e do coronel Muammar El Kadhafi, presidente do conselho líbio da revolução.

Os oficiais líbios que fizeram a revolução, em Setembro último, foram inspirados pelo marechal Tito e pela sua luta pela liberdade, declarou em substância o coronel Ladhafi, no jantar que o chefe de Estado líbio deu em honra do seu hóspede jugoslavo.

Por seu lado, o marechal Tito aludiu á situação em toda a zona do Mediterrâneo, que ameaça «transformar-se numa zona de confrontação entre as potências, com todas as perigosas consequências que isso comporta», e acrescentou ser indispensável que «Israel retire incondicionalmente as suas tropas dos territórios ocupados, e que os direitos do povo palestiniano, que sofre há longo tempo, sejam plenamente reconhecidos».

CRÍTICA A SCHILLER

BONN, 27 — (F. P.) — A Imprensa alemã critica hoje, sem reservas, o novo plano de estabilização de Schiller, ministro federal da Economia, que encontra uma forte oposição, mesmo no seio do Partido Social-Democrata.

«Rebelião contra Schiller», «Schiller isolado», «Schiller entre duas cadeiras», «Schiller vítima da avalanche dos preços», são alguns dos títulos dos editoriais. Certos jornais encaram uma demissão do «pai do segundo milagre económico alemão».

A GUERRA NO LAOS

HANÓI ACUSA OS EUA

PARIS, 27 — (F. P.) — Hanói transportou na quinta-feira a crise laociana para o plano diplomático: na conferência de Paris, o seu representante acusou o presidente Nixon de «procurar escapar á derrota no Vietnam do Sul fazendo alastrar a guerra a toda a Indochina e aumentando a ameaça que pende sobre a segurança da República Democrática do Vietnam».

Nguyen Minh Vy acusou os Estados Unidos de haverem violado os acordos de Genebra de 1962 ao instalar um Governo pró-americano em Vientiane e introduzindo unidades combatentes americanas no Laos. Um porta-voz explicou que Vy aludia aos militares americanos que enquadram as tropas especiais da raça minoritária Meo.

O chefe interino da delegação americana, Philip Habib, limitou-se a replicar que é a presença de 50 000 norte-vietnamianos que põe em perigo a sobrevivência do Laos. E o porta-voz afirmou categóricamente que não há unidades combatentes americanas no Laos.

DECLARAÇÃO DE WASHINGTON

WASHINGTON, 27 — (F. P.) — O Departamento de Estado ocupou-se ontem sobre a oportunidade de reunir novamente a conferência de Genebra sobre o Laos, como o deseja o príncipe Suvana Phuma depois da reconquista da Planície dos Jarros pelas tropas comunistas.

Carl Bartch, porta-voz do Departamento de Estado, declarou que os Estados Unidos são partidários de uma aplicação rigorosa dos acordos de 1962 e que apoiaram as diferentes iniciativas do Governo laociano para que esses acordos fossem respeitados.

De fonte oficial, reconheceu-se em Washington que as tropas comunistas regressaram «mais ou menos» ás suas posições do Outono passado, não sendo ainda possível saber quais são as suas intenções.

RECOMEÇO DO DIÁLOGO BONN-VARSÓVIA

VARSÓVIA, 27 — (F. P.) — As conversações políticas entre a Polónia e a Alemanha do Oeste recomeçarão em 9 de Março em Varsóvia, confirma-se de fonte informada na capital polaca. Poderiam durar dois ou três dias.

Jozef Winiewicz, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros encarregado das questões internacionais, dirigirá a delegação polaca. George Ferdinand Duckwitz, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, é esperado no dia 8 de Março em Varsóvia á frente da delegação oeste-alemã.

O encontro de 5 e 6 de Fevereiro, igualmente em Varsóvia, inaugurou o primeiro diálogo político do após-guerra ao nível ministerial entre a Polónia popular e a Alemanha Federal, tendo sido qualificada na capital polaca como simples «troca de vistas».

Quanto ás negociações económicas polaco-oeste-alemãs, interrompidas em 3 de Fevereiro último continuam num beco sem saída, indica a mesma fonte. Haviam começado em Outubro do ano passado em Bonn, e foram suspensas por três vezes. O maior obstáculo para a conclusão de um acordo parece ser o problema dos créditos que a Alemanha do Oeste poderia conceder á Polónia no sector industrial, acontecendo que as taxas de juro encaradas pelos bancos alemães parecem demasiado elevadas aos polacos.

Melvin Laird defende a intervenção americana

WASHINGTON, 27 — (R.) — O secretário da Defesa americano, Melvin Laird, admitiu hoje que aviões americanos têm estado a fazer bombardeamentos no Laos mas negou categóricamente que existam tropas americanas em acção naquele país.

Laird disse que os bombardeamentos estão a ser feitos apenas para protecção das tropas americanas no Vietnam do Sul mas não foi ao ponto de negar as notícias segundo as quais os bombardeiros americanos foram igualmente utilizados para apoiar as forças governamentais do Laos durante a recente ofensiva comunista que na semana passada expulsou os governamentais da Planície dos Jarros.

Entretanto, as últimas notícias recebidas da frente de combate dizem que as tropas comunistas poderão prosseguir na sua ofensiva avançando mais para sul em direcção a Vientiane, a capital.

Falando aos jornalistas depois de depor perante uma comissão do Congresso sobre a guerra no Vietnam, o secretário da Defesa defendeu o uso da Força Aérea americana no Laos e disse que isso não representa qualquer alteração básica da política que os Estados Unidos têm seguido naquele país nos últimos anos.

As suas garantias, porém, não conseguiram abafar a crescente preocupação do Congresso sobre o envolvimento americano na luta que se trava no Laos.

O senador William Fulbright, adversário da intervenção americana no Vietnam, disse que a actual situação no Laos é extremamente perigosa, tornando-se mais imperativo do que nunca que o Governo divulgue até que ponto é que forças militares americanas estão ali envolvidas.

MANIFESTAÇÕES NUMA CIDADE DA CALIFÓRNIA

SANTA BÁRBARA (Califórnia), 27 — (F. P.) — O governador da Califórnia, Ronald Reagan, declarou o estado de extrema emergência ontem em Santa Bárbara após as manifestações de violência que ocorreram durante duas noites consecutivas nos bairros universitários da cidade.

Ao mesmo tempo, o governador pediu ao procurador-geral da Califórnia para abrir um inquérito.

POMPIDOU AVISTA-SE COM DIRIGENTES JUDEUS

S. FRANCISCO, 27 — (R.) — O presidente Georges Pompidou avista-se hoje com dirigentes judeus locais e os observadores esperam que a discussão possa vir a ter algum calor proveniente da crítica pública á política francesa no Médio Oriente.

Uma delegação judaica tenciona manifestar a Pompidou a sua preocupação com o que considera o papel «elevador de tensão» da França. No entanto se o presidente puder acalmar os seus receios poderá evitar a repetição dos protestos que assinalaram a sua chegada a S. Francisco.

Ontem á noite, cerca de 2000 judeus e simpatizantes de Israel reuniram-se em frente do hotel onde se encontra Pompidou para condenar a venda dos Mirages á Líbia. No momento em que Pompidou chegava, a manifestação já tinha passado o auge mas ainda entoaram alguns estribilhos e exibiram cartazes afirmando que «a paz não é uma miragem» e «não compre petróleo árabe com sangue israelita».

Hoje, Pompidou deve ir de helicóptero para Paolo Alto, onde observará o acelerador linear de partículas da Universidade de Stanford antes de visitar o Commonwealth Club, forum dos visitantes célebres a S. Francisco.

O tema do discurso de Pompidou será a juventude. À tarde receberá a delegação judaica e amanhã partirá para Chicago.

Descobertos canhões portugueses do século XVII

SALVADOR (Brasil), 27 — (F. P.) — Três canhões portugueses do século XVII foram encontrados nas escavações que estão a ser feitas para a instalação da fonte monumental de Mário Javo no local onde estava o mercado modelo que se incendiou, e, segundo alguns historiadores, as peças de artilharia faziam parte do sistema de fortificações da cidade. Os tractoristas não deram importância ao achado e se não fosse o engenheiro encarregado das obras o notar, aquelas peças de ferro fundido agora estariam a entulhar o bairro de alagados. Ao todo, elas pesam cerca de sete toneladas e as autoridades ainda não resolveram o que irão fazer com elas, havendo, porém, uma sugestão dada pelo historiador Frederico Edelweiss: que sejam colocadas na área em que foram achadas, num pedestal. O historiador Frederico Edelweiss disse que os canhões pertenceram ao sistema de fortificações da cidade, construído pelo arquitecto português Luís Dias.

Dois árabes detidos pela Polícia alemã

BONN, 27 — (R.) — A Polícia alemã ocidental deteve a noite passada dois árabes que se julga estarem relacionados com os dois homens que procuram por causa da explosão que se registou a bordo de um avião comercial austríaco em Frankfort.

A sede da Polícia Judiciária informou que os homens ficaram a noite passada detidos para serem interrogados.

Os dois detidos eram dois árabes que a Polícia procurava para serem interrogados por causa da explosão, que ocorreu no sábado.

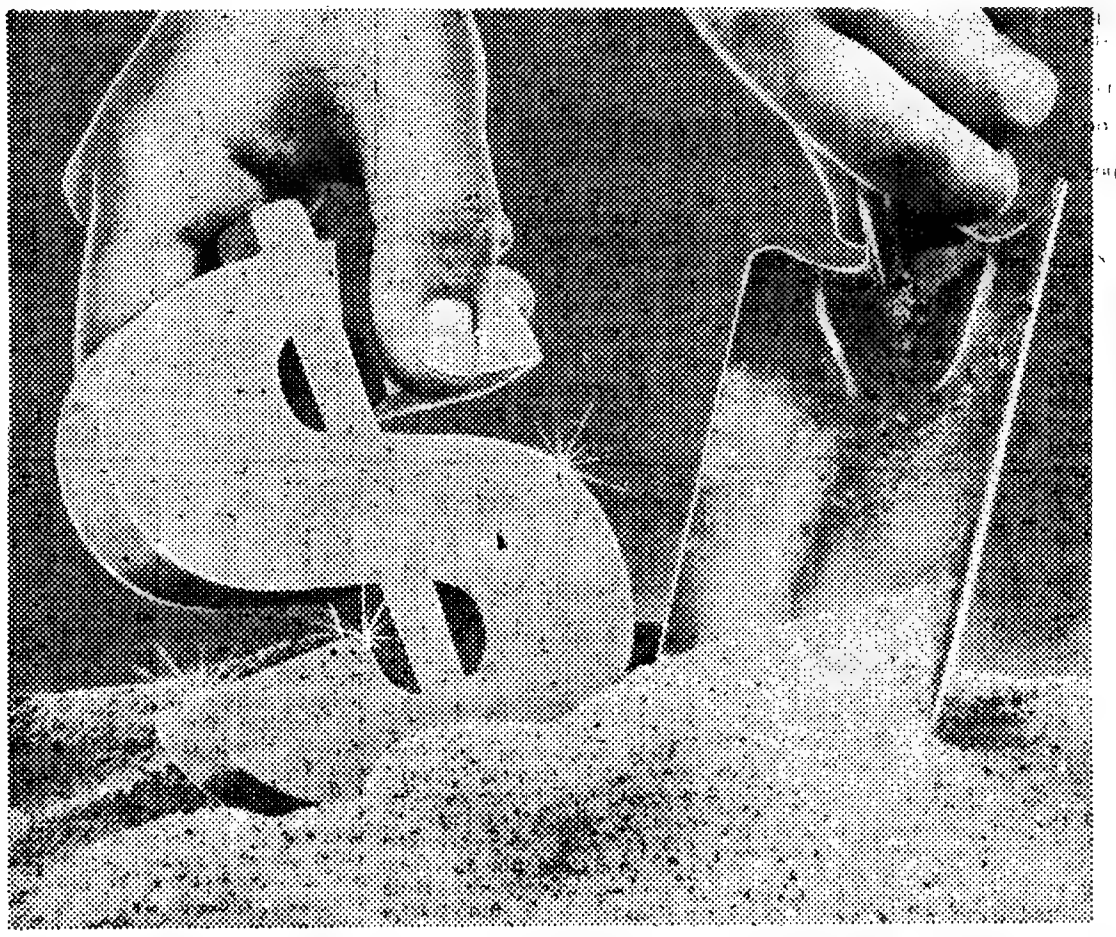
Manobras do Exército soviético

MOSCOVO, 27 — (F. P.) — Durante o mês de Março haverá, no território de Bielorússia, manobras das Forças Armadas soviéticas, com o nome de código «Dvina», anuncia o ministério soviético da Defesa.

Segundo a agência Tass, que difunde esta informação, todas as armas tomarão parte, «segundo o plano de preparação do Exército soviético».

«O fim destas manobras, declara ainda a agência soviética, será o de se verificar o nível de perfeição das tropas e a capacidade operacional dos estados-maiores».

Fontaínhas do Mar



Plante o seu capital nos nossos terrenos confinantes com o mar. Veja-o crescer e multiplicar-se

- Quintas entre praias e lagoas com área mínima de 5.000 m² por Esc. 70.000$00
- Valorização mínima de 10 % ao fim do primeiro ano (com garantia bancária)
- Zona fértil, de clima ideal para construir a sua casa de férias e fins de semana
- Fontaínhas do Mar tem electricidade, água, telefone e acessos
- Quilómetros de praia de areia branca e de águas aquecidas por um braço da quente Corrente do Golfo
- A 75 Km. de Lisboa (ligação por ferry-boats), a 35 Km. de Setúbal
- 15 minutos em táxi aéreo até ao aeroporto da Portela
- Entrada para Fontaínhas ao Km. 25 da estrada nacional 261 da Comporta a Melides

CONTACTE-NOS PELOS TELEFS.: 76 98 02 - 56 13 16
VISITE-NOS NA NOSSA SEDE, AV. DA REPÚBLICA, 56-D-7.º-E.
OU NA SUCURSAL, R. LATINO COELHO, 10-2.º-E.

Partida dos barcos em Setúbal 9,30 — 14,30 h.
Deixe o seu carro em Setúbal -
O nosso autocarro aguarda-o na outra margem do Rio.

morrison

«O último curso de Dactilografia teve todos os candidatos reprovados na prova de Português — dr. Virgílio Mendes

«O caso imediato de cada um está mais em jogo do que o da própria escola» — Irene Carmo

«Pretendemos reunir ideias, fazer um relatório e apoiá-lo no inquérito aos sócios do Sindicato» — Leonel Capucho

Uma campanha de aperfeiçoamento

(Continuação da 7.ª página)

não sabia que podia realizar exame de aptidão. Ora, até no aspecto de informação á classe, é importante o inquérito que vamos realizar.

— *Mas há outras razões que conduzem os trabalhos da comissão, não é verdade?*

— *Pretendemos* — afirmou o sr. Leonel Capucho — *reunir ideias e fazer um relatório apoiado nas respostas do inquérito e levá-lo á assembleia geral do Sindicato.*

Indicação subsidiária do sr. Carlos Afonseca:

— *Há carências no C. A. P., como, actualmente, funciona e nos vamos pô-las. Mas, também, iremos recomendar que uma pessoa do próprio Sindicato estude a sua aplicação, a sua realização e a sua eficácia.*

— *De resto* — concluiu D. Maria Alberfina Beato — *para nos apoiarmos nas respostas dadas, vamos lançar 40 mil inquéritos.*

Intervenção esclarecedora de D. Maria Fernanda Leitão, das Relações Publicas do Sindicato, para informar que uso os sócios efectivos tem documentação com morada, o que obriga os socios contribuintes a receberem o inquérito por intermédio da empresa onde trabalham».

AS GRANDES E AS PEQUENAS EMPRESAS

Na reunião do G. T., a que assistimos, foi posta uma questão que parece, na verdade, pertinente. É que há cursos absolutamente de aperfeiçoamento que não são, nem podem ser, dados no C. A. P.

— *Por exemplo...*

— *Não há* — declara o sr. Afonseca — *curso de programação de computadores, especialização importante na vida de uma empresa moderna.*

Fala o director do C. A. P.:

— *Já pensámos realizar um curso semelhante, mas não conseguimos arranjar professor. Eles trabalham com as casas de computadores ou com as empresas que já os têm e não podem leccionar fora das suas actividades normais. Pois, nós bem queríamos ter, além do de programadores, cursos de Analista de Sistemas, de Relações Publicas e de Adaptação ás Máquinas e Técnicas.*

Neste sentido, D. Maria Teresa Cardoso afirmou:

— *Eu, pessoalmente, pressinto que o Sindicato deve estar á frente das próprias empresas na preparação do pessoal, no sentido de travar contacto com novas técnicas.*

Em conclusão, o sr. Carlos Afonseca indicou:

— *A empresa grande pode fazer, por si, cursos de aperfeiçoamento, mas as pequenas não. Por isso, eu penso que, no futuro, o Sindicato pode aglutinar boas vontades de muitas pequenas empresas e, com os seus e os delas, profissionais, fazer esses cursos que só estão á disposição das grandes empresas.*

A SEGUIR: «Cursos Itinerantes e por Correspondência».

O prof. Torres Pereira nomeado vice-reitor da Universidade de Lisboa

O prof. dr. Artur Torres Pereira, catedrático da Faculdade de Medicina, vai ser nomeado vice-reitor da Universidade de Lisboa, tendo sido enviada já para o «Diário do Governo» a respectiva portaria do ministro da Educação Nacional. Assim, a Universidade de Lisboa passará a ter dois vice-reitores pois, como noticiámos, tomou anteontem posse do mesmo cargo o prof. dr. Pinto Peixoto, catedrático da Faculdade de Ciências.

O sr. prof Torres Pereira, que tem 45 anos, concluiu a licenciatura em Medicina e Cirurgia na Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1948, com 18 valores, sendo nomeado segundo-assistente da cadeira de Bacteriologia e Parasitologia da mesma Faculdade na qual veio a doutorar-se em Julho de 1961, com 19 valores. Em Maio de 1965, foi aprovado no concurso para o lugar de professor extraordinário do 5.º Grupo da Faculdade (Bacteriologia, Parasitologia, Higiene e Medicina Social), e em Julho de 1969 no concurso para catedrático.

Completou o internato geral e o complementar de clínica médica dos Hospitais Civis de Lisboa e, há dezoito anos, subchefe de serviço do quadro do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana.

Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura em Londres em 1957, no Public Health Reference Laboratory, Colindale, e em Roma, no ano de 1963, no Instituto Superiore di Sanità. E desde 1963, vogal do International Subcommittees on the Nomenclature and Taxonomy of Staphylococci and Microscocci criado no âmbito do International Committee on Nomenclature of Bacterie. Colaborou nas três reuniões efectuadas em Brno, Checoslováquia (1964), em Moscovo (1966) e em Londres (1968).

Fez parte de diversas missões de estudo em Portugal e no estrangeiro e durante seis meses foi professor visitante na Universidade do Brasil. Colaborou em vários cursos da especialidade e é autor de numerosas obras científicas.

PROF. TORRES PEREIRA

«Roteiro poético» na Casa do Algarve

Amanhã, ás 21 e 30, na Casa do Algarve, decorrerá um «Roteiro poético», orientado pela dr.ª Maria Odette Leonardo da Fonseca, com a colaboração do declamador sr. Eduardo de Oliveira. A entrada é livre.

Recital da Marquesa de Valverde

Por sua vez, a escritora Marquesa de Valverde promove, também amanhã, ás 15 horas, um recital na Cooperativa Militar, durante o qual terá um «Manifesto neo-romantico» da autoria do poeta Santos Cravina. A anteceder as declarações, haverá um almoço (com início ás 13 horas) comemorativo do primeiro aniversário do Cenáculo Poético Marquesa de Valverde.

A AMÉRICA DO SR. MITCHELL

(Continuação da 3.ª página)

midação por parte dos polícias americanos, com a aprovação do ministério federal da Justiça? O ministério lesmente. Reconhece, contudo, que autorizou o F. B. I. a utilizar meios ilegais, tais como microfones camuflados e escutas telefónicas para vigiar os *Panteras*. As informações assim reunidas são depois transmitidas aos polícias locais, que, é claro, procuram muitas vezes os reconfortos com aqueles que o vice-presidente Agnew classificou de «*criminosos anarquistas e irresponsáveis*». As informações de toda a ordem são assim utilizadas pelo F. B. I. para recolha de dados. Em certos casos, terão sido os próprios polícias que arranjaram armas automáticas (que são proibidas, ao contrário do que acontece com as de repetição) aos *Panteras*, para justificarem assim uma inculpação.

Foi pelo menos o que afirmou, no fim do mês de Dezembro, uma comissão de inquérito da *American Civil Liberties Union*, que até agora não foi desmentida. Este relatório foi entregue a uma comissão independente, presidida por Arthur Goldberg, antigo ministro de John Kennedy, antigo juiz do Supremo Tribunal e antigo embaixador na O.N.U. Termina com a seguinte acusação: «*Altas personalidades têm contribuído, pelas suas declarações e pelos seus actos, para criar um clima repressivo e encorajarem os políticos locais a passarem á ofensiva*». É significativo que a comissão Goldberg inclua entre os seus membros, o sr. Ramsey Clark, antigo ministro da Justiça, de Johnson. Muito respeitador das liberdades individuais, Clark sempre se recusou, ao contrário do sr. Luntchell, a torcer o direito comum para facilitar a tarefa do F. B. I. na sua ofensiva contra os *Panteras*.

Um ministro de mérito

Uma espantosa personagem, este Ramsey Clark! Fugindo resolutamente de toda a publicidade passou praticamente desapercebido quando dirigiu um dos mais importantes ministérios. Hoje a sua falta é ùnicamente sentida nos meios liberais. A chegada do sr. Mitchell, ao poder não é, sem dúvida, alheia a esse sentimento: os dois homens são o oposto um do outro. O segundo é considerado ùnicamente um político ao serviço do seu chefe supremo, o presidente, e como tal se comporta. O primeiro concebia a sua missão de modo inteiramente diferente: nas vésperas de 1964, queria, acima de tudo, esconjurar os fantasmas de Orwell, preservar a vida privada dos seus concidadãos e fazer respeitar os seus direitos. Por entender que se tratava ùnicamente de uma operação de propaganda política, recusou ao presidente Johnson a satisfação de processar vários *leaders* pacifistas que tinham organizado as manifestações contra a guerra do Vietnam, aquando da «Convenção Democrática» de Chicago. Logo que chegou ao poder, Mitchell pôs a máquina judiciária em marcha, dando assim as três pancadas de abertura para uma das mais absurdas farsas jurídicas de todos os tempos... É verdade que (a acreditarmos na sra. Mitchell, que numa entrevista um tanto escandalosa dada a TV, não hesitou em afirmá-lo...) o sr. Mitchell «*tracaria, de boa vontade, alguns comunistas liberais americanos por comunistas russos*»...

Nada predispunha o sr. Mitchell para dirigir o ministério da Justiça, a não ser a sua velha amizade com Nixon durante a travessia do deserto. Advogado comercial, especializado nos arcanos do direito municipal, pareceu sempre perfeitamente fechado aos problemas sociais. Nixon recompensa a sua fidelidade confiando-lhe a direcção da campanha eleitoral. Mais tarde terá insistido bastante para que Mitchell entrasse no seu Governo. Ouçamos ainda a sra. Mitchell: «*Já não temos os rendimentos que tínhamos. Tive que vender as minhas acções e agora somos obrigados a viver delas. Acho que o Governo devia dar-nos alojamento. Gostaríamos de sair de Washington e de voltarmos a ganhar dinheiro...*».

Um «conselheiro» influente

Mas, aos olhos de Nixon, que, ao fim e ao cabo, realizou uma excelente operação imobiliária, instalando a Casa Branca de Verão, na costa californiana, não há dificuldade nenhuma em ganhar dinheiro. Para o presidente, como para os seus amigos, «*Lucro não é palavra obscena*»; pelo contrário, é mais que tempo de a reabilitar. John Mitchell não tardou a impor-se como um dos mais proximos conselheiros de Nixon. Foi ele que recomendou ao presidente a escolha de um *co-lister* aceitável para o Sul, a fim de limitar os desgastes ocasionados pela candidatura Wallace. Foi ele igualmente que assegurou a ligação entre o candidato republicano á presidência e um dos seus aliados «vergonhosos», o senador segregacionista Strom Thurmond, ex-democrático de Carolina do Sul convertido ao republicanismo mais retrógado. A pequena história de Washington pretende também que Mitchell terá prometido pessoalmente a Thurmond que, no caso da vitória republicana, o faria nomear no Tribunal Supremo. É bastante plausível, pois foi o ministro da justiça quem sugeriu a Nixon a nomeação de outro sulista, o juiz Haynsworth, em substituição de Abbe Fortas. O caso custou, como se sabe, a primeira derrota ao presidente. Está longe do seu termo, pois após a rejeição da nomeação de Haynsworth pelo Senado Nixon anunciou que escolheria outro candidato (1) com «*a mesma concepção do direito*», isto é sulista, sem dúvida «*para equilibrar o Supremo Tribunal*», considerado demasiado liberal. Curiosa concepção da democracia que leva a contrabalançar os juízes supremos partidários da integração por homens pouco dispostos a traduzir em factos a igualdade de direitos.

De há um ano para cá, o poder de Mitchell tem vindo continuamente a crescer. E assim o ministro da justiça conseguiu eclipsar uma das personalidades mais abertas do Governo, Robert Finch, secretário da Saúde, Educação e Segurança Social. A influência de Mitchell vai muito além das suas atribuições. Segundo dizem os íntimos da Casa Branca é uma das raras personalidades frequentemente recebidas no famoso gabinete oval do 1600 Pennsylvania Avenue.

Ramsey Clark concebia o seu ministério como um serviço público acima dos partidos. Tal não é o caso de Mitchell, feroz partidário da lei e da ordem, que se rodeou de elementos particularmente reaccionários, todos comprometidos na vida política e em especial o caso do seu adjunto directo no ministério, Richard Kleindienst que foi chefe da campanha presidencial de Barry Goldwater, em 1964. Kleindienst que aconselhou igualmente Nixon em 1968, é membro do Comité Nacional Republicano. Foi também candidato infeliz ao cargo de governador do Arizona. Will Wilson, secretário-adjunto encarregado dos assuntos criminais, compartilha da maior parte das ideias de Kleindienst; protegido do senador republicano do Texas, John Tower — homem da mesma têmpera que Goldwater — foi ele quem censurou Clark, durante a campanha eleitoral, por «*se preocupar demasiado com os direitos dos individuos*». O departamento homem» de Mitchell, Jerris Leonard, tem a seu cargo um sector ao qual Clark dava toda a atenção — o dos direitos cívicos. Antigo membro da legislatura do Wisconsin, antigo candidato ao Senado, continuava a ser membro de um clube que recusava os negros, quando foi nomeado.

Este simples pormenor basta para explicar por que razão a Administração Nixon foi até agora incapaz de construir essas famosas «pontes» em direcção aos «ghettos», cuja necessidade tinha sido sublinhada pelo presidente, no ano passado. Com certeza não, foram o caso Haynsworth nem o das escolas segregacionistas do Mississipi — para as quais o ministério da Justiça pediu um prazo... que lhe foi recusado pelo Supremo Tribunal — que melhoraram as relações entre Washington e a comunidade negra. Mas a, despeito de toda a literatura consagrada pelo presidente á criação de um «capitalismo negro» haverá, na verdade, lugar para a comunidade negra, na estratégia política do sr. Nixon?

Último artigo:
«HORIZONTE 72»

(1) A escolha recaiu em George Harold Carlswell, de 50 anos, advogado na Florida, oriundo da Georgia. A princípio foi fortemente segregacionista, mas depois passou a ter posições profissionais muito «heterodoxas» na matéria. Seja como for a sua personalidade é um tanto desconhecida até agora. A maioria dos observadores inclinam-se para o apelidar de «sulista conveniente», considerando-o o homem que Nixon há muito procurava para o Supremo Tribunal.

A SESSÃO DE HOMENAGEM À MEMÓRIA DE ARTUR PORTELA

(Continuação da pág. central)

o exercício da profissão impõe-nos uma atenção redobrada na actualização das ideias e dos conhecimentos. Se existe algum conceito novo ligado á prática do Jornalismo, esse conceito é aquele que une o homem da informação á batalha pelo desenvolvimento. Ao jornalista cumpre ser agente difusor dos acontecimentos, transmissor dos eventos a todos os homens, qualquer que seja a sua situação económica e social. Mas pede-se-lhe hoje que seja também obreiro da construção social, colaborador consciente na luta contra o subdesenvolvimento. E pode fazê-lo na medida em que tem ao seu alcance ins-

Vítor Direito apontou Artur Portela como um exemplo a seguir

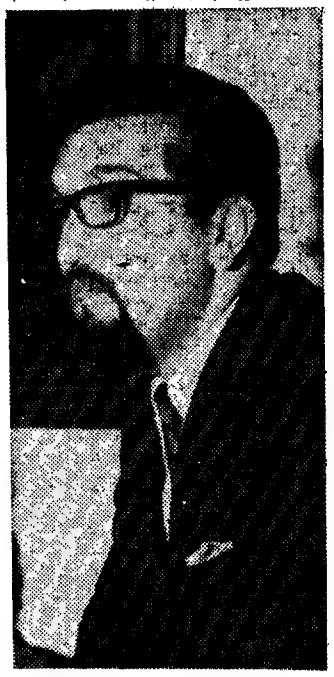
trumentos poderosos na transformação das mentalidades, na revolução dos estádios mais avançados de organização social, na mobilização das consciências e dos homens ao serviço do Homem. Quem ousará erguer obstáculos á realização de tão nobre ideal? Quem negará força dignificadora a missão tão elevada? Pois a Casa da Imprensa propõe-se incentivar a aproximação de todos os profissionais, estimular a troca de experiências jornalísticas, contribuir para o aperfeiçoamento e a valorização da Classe. Fazendo-o, considera-se fiel ao espírito aberto e vivo de Artur Portela, cabe acudir ao apelo do cidadão íntegro e á visão rasgada do jornalista atento aos acontecimentos da cidade e do mundo. Em nome da direcção da Casa da Imprensa agradeço a todos vós que quisestes, com a vossa presença realçar a homenagem a Artur Portela. Dirijo uma palavra de particular afecto e saudação á senhora D. Maria Luísa Guerra Jardim Portela como sinal da nossa admiração e reconhecimento pela obra de seu marido. Ao pintor Severo Portela e a Artur Portela Filho, obreiros da criação do Prémio de Reportagem que hoje vai ser entregue exprimo-lhes o nosso agradecimento. A Ferreira de Castro sócio ilustre desta Casa, honra do Jornalismo e das Letras em Portugal, o meu muito obrigado por ter aceitado enriquecer esta sessão com o seu depoimento valioso. Aos profissionais e camaradas distinguidos com o primeiro Prémio de Reportagem Artur Portela dirijo os meus calorosos parabéns.

● Artur Portela reunia todas as condições para servir de exemplo a um iniciado na profissão

Falou depois Vítor Direito, chefe de redacção do «Diário de Lisboa», na qualidade de componente do júri que atribuiu o prémio.

— Conheci Artur Portela na delegação que o «Diário de Lisboa» tem na cidade do Porto — começou por dizer — Andava então pelos meus quinze anos, rabiscava linguados com pomposos relatos de futebol (II Divisão — Zona Norte) e, sem saber ao certo o que me ia esperar, desejava ardentemente ser jornalista. Cinco anos depois, quando entrei como estagiário para a redacção do jornal onde Artur Portela esbanjava, diariamente, o talento da sua adjectivação fluente, foi como se nele encontrasse um velho amigo. Lembrava-se de mim, do jovem estudante liceal que, em dois dedos de conversa, quase o forçava a dizer: — Sim senhor, faz bem em querer ser jornalista. Jamais esquecerei o tom amigável com que me recebeu, chegando ao ponto de contrariar a normal posição sarcástica da sua boca e de transformar o seu olhar constantemente irónico num benévolo acolhimento fraternal. Depois, ao longo dos anos, em continuada convivência, sempre dele recebi provas de sã camaradagem. O discípulo e o mestre eram dois alegres paradores, quando paulatinamente subíamos a Calçada dos Caetanos ele vindo de sua casa, na Travessa do Arco a Jesus, eu da Academia das Ciências (esclareça-se que, então, a Faculdade de Letras funcionava na Academia das Ciências) a caminho da redacção, onde um ocupava cátedra por mérito próprio e o outro balbuciava, timorato, o ABC, foram belas lições peripatéticas essas. Como as recordo com saudade. E quanto a elas devo do pouco que valho. Dispondo então, no «Diário de Lisboa», de mestres como Joaquim Manso, Norberto Lopes, Ribeiro dos Santos, Rogério Peres e Tavares da Silva, confesso, sem desprimor para nenhum dos outros, que foi de Artur Portela que quis receber maior quinhão do ensinamento. A sua vincada personalidade de jornalista impô-lo sem dificuldade á minha ansia juvenil de aprender muito e depressa — numa altura da vida em que não se sabe ainda ser o tempo o grande mestre e a vida a maior lição. Repórter cintilante, entrevistador arguto, correspondente de guerra objectivo, crítico imparcial de cinema, Teatro e artes plásticas, Artur Portela reunia todas as condições para servir de exemplo a um iniciado da profissão. E, para além de tudo, o seu convívio era aliciante, até mesmo quando a doença minava já o feito de constante conciliação e calor humano que sempre punha nas suas relações. É que Artur Portela, além de grande jornalista, era um homem, um homem com caixa alta — da estirpe dos que fundaram o «Diário de Lisboa» e lhe traçaram um rumo de vida tão linear, estruturado então em sólidos ideais — de isenção, de independência e de amor á verdade — que ele tem resistido aos golpes traiçoeiros do destino e dos homens e tem sabido vencer quantas dificuldades lhe são diáriamente criadas por condicionalismos externos infelizmente tão nossos conhecidos.

João Gomes falou em nome da direcção da Casa da Imprensa



Artur Portela Filho no uso da palavra

● O que é (e significa) a Casa da Imprensa

A finalizar, acentuou:

— Mas a lição maior de Artur Portela está patente nas quatro paredes desta Casa — obra do amor a que se devotou de corpo e alma, com o objectivo supremo de dignificar e valorizar a profissão que não era apenas sua, mas igualmente de todos os seus camaradas. A visão lúcida da necessidade imperiosa, para a classe, duma efectiva conjugação de esforços, levara-o a fazer parte do grupo de jornalistas que conseguiu a aprovação da nossa 1.ª carteira profissional. Depois, manteve-se sempre na primeira linha da renovação do movimento associativo de que esta «Casa da Imprensa» é símbolo. Tal como há onze anos, quando Artur Portela deixou de pertencer ao número dos vivos, o quadro social em que se exerce a actividade jornalística no nosso País não é dos mais brilhantes. Camaradas: O caminho que Artur Portela começou a desbravar está ainda longe de levar ao fim desejado. Seria trair a sua memória se, por negligência ou por comodismo, nos recusássemos a trilhar o que falta. A conquista de uma justa melhoria de condições espirituais e materiais para os trabalhadores da Imprensa será a nossa melhor homenagem á memória do camarada cujo nome está ligado para sempre á história do jornalismo português, como já está em nossos corações. A tarefa pode ser árdua, mas teremos a fortalecer-nos o nobre exemplo de incansável trabalhador que foi Artur Portela.

● Palavras do romancista Ferreira de Castro

O romancista Ferreira de Castro, que seguidamente usou da palavra, afirmou que «nos anos 20 do nosso século houve uma revolução inesperada» — com o aparecimento do «Diário de Lisboa». Tratava-se de um jornal de características diferentes, «onde todos os redactores assinavam o que escreviam».

Segundo Ferreira de Castro, «o êxito do jornal foi imenso», de tal maneira que se pode dividir a história do jornalismo português em dois períodos: antes e depois do aparecimento do «Diário de Lisboa».

O romancista citou os nomes que deram fama ao periódico e afirmou que os actuais redactores estavam no bom caminho. Fez, depois, o elogio de Artur Portela, salientando as facetas de repórter, de crítico teatral e de artes plásticas e de cronista. Referiu-se, por fim, á «concretização da solidariedade do grande jornalista»: a constituição da Casa da Imprensa, «um baluarte para a defesa e convívio dos homens dos órgãos da Informação».

● «O corpo redactorial do «Diário de Lisboa» não envergonha a memória de meu pai» — disse Artur Portela Filho

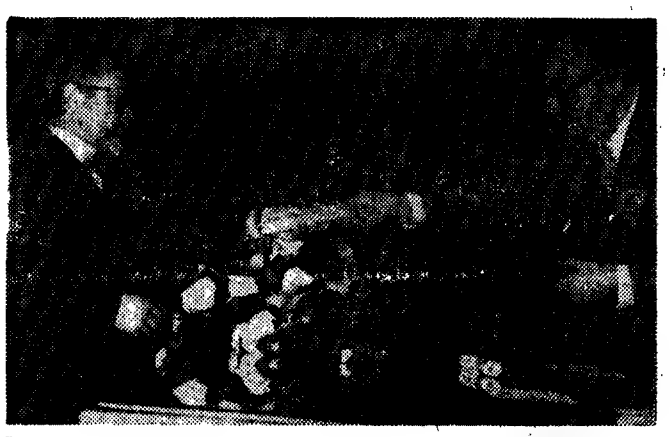
Artur Portela Filho, penúltimo orador, começou por dizer que, pouco antes de morrer, o pai tinha afirmado que «a sua maior ambição seria morrer como tinha nascido — livre».

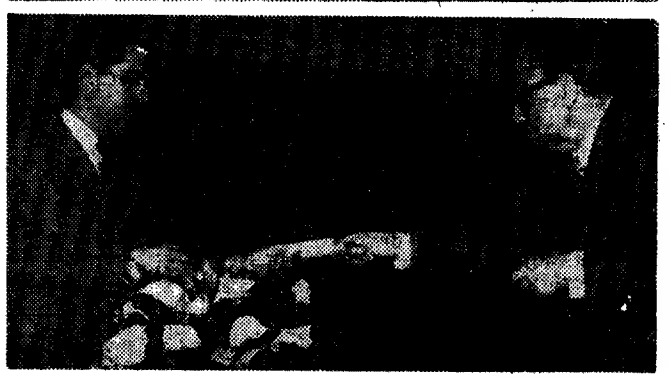
— Essa ambição — sublinhou o descendente do jornalista — talvez ele a não tenha concretizado. Mas em quarenta anos de jornalismo muita coisa concretizou O «Diário de Lisboa» — foi o seu jornal. A Casa da Imprensa — a sua casa. Através do «Diário de Lisboa» buscou (e concretizou) a verdade. Através da Casa da Imprensa edificou o civismo na classe e concretizou a solidariedade.

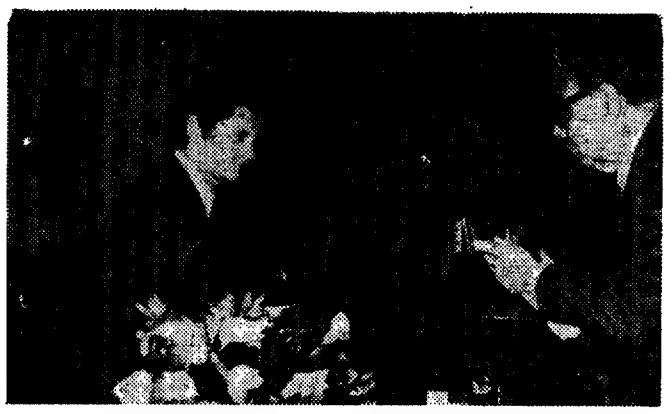
Pôs em evidência as qualidades profissionais de Artur Portela, caracterizadas — disse — «pela informação, formação e intervenção».

Por último, disse que o actual corpo redactorial do «Diário de Lisboa» não envergonhava a memória de seu pai.

Ao sr. dr. Norberto Lopes coube, depois entregar os prémios aos nossos camaradas de Redacção. Em nome







O dr. Norberto Lopes entrega o prémio aos jornalistas Renato Boaventura, Oliveira Pinto e Silva Pinto (de cima para baixo).

destes, agradeceu Renato Boaventura, que disse ter Artur Portela morrido livre, pois «a sua vida cifrou-se na necessidade de conquistar a liberdade através de uma profissão apaixonante e exigente.»

O dr. Norberto Lopes encerrou a sessão

A encerrar a sessão, usou da palavra o dr. Norberto Lopes:

— Já se disse, hoje, aqui, tudo quanto havia a dizer acerca de Artur Portela, da sua obra de jornalista, que foi exemplo de devoção e dignidade profissional, do seu amor por um ideal de liberdade que aquece os nossos corações e da sua dedicação por esta Casa, que lhe ficou a dever os mais relevantes serviços. Os oradores que me precederam fizeram-no com brilho e incontestável espírito de justiça. Os meu querido amigo e insigne escritor Ferreira de Castro, que conserva, como eu, do convívio com Artur Portela a recordação de uma amizade fraternal inesquecível, foi particularmente feliz na emocionante evocação que fez da sua vida, e do ambiente em que exerceu a sua actividade no justo elogio que consagrou aos seus méritos literários. Como presidente da Assembleia Geral desta Casa e como camarada que mais de perto e por um período mais largo conviveu com Artur Portela, não quero encerrar esta sessão sem agradecer a todos que contribuíram para o seu brilho e sem proferir uma palavra de saudade dirigida á memória do amigo querido, do camarada leal e do jornalista de talento fulgurante que deixou na Imprensa portuguesa páginas de antologia jornalística. Um dos seus filhos, aqui presente, herdou dele, além do nome, o talento literário. Sou o primeiro a lamentar que tenha desistido, em certa altura, de prosseguir numa carreira para a qual revelou magníficas aptidões e que lhe havia de proporcionar, estou certo, os maiores triunfos. Considero, no entanto, que está ainda a tempo de ser recuperado por uma profissão cada vez menos aliciante, mas também cada vez mais carecida de valores que concorram para a enriquecer e de consciências que contribuam para a dignificar.

Entre a assistência á sessão, viam-se a viuva de Artur Portela, o pintor Severo Portela (irmão do jornalista) e o também pintor Luís Jardim, seu filho

Banquete da Casa do Concelho de Arganil

É amanhã, ás 20 e 30, no salão nobre da Casa do Alentejo, que se realiza o banquete anual da Casa do Concelho de Arganil, simultâneamente de homenagem ao dr. Henrique Veiga de Macedo, antigo subsecretário de Estado da Educação Nacional e ministro das Corporações.

Na mesa de honra, que será presidida pelo presidente da Casa do Concelho de Arganil, dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, nosso prezado colaborador e advogado da «Renascença Gráfica», proprietária deste jornal, sentar-se-ão, além do homenageado, individualidades do mais alto relevo político e social do nosso País, entre os quais ministros, deputados, governadores civis, presidentes de Câmaras Municipais, etc.

O flash automático com olho mágico e computador

iluminação automàticamente correcta desde 50 cm. até 5 m.

Metz 185

IMPORTADORES profoto LIMITADA
RUA DE SANTA JUSTA, 25 — LISBOA

Á VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA

EMPRESA INDUSTRIAL EM MATOSINHOS

ENG.º QUÍMICO INDUSTRIAL

(ADJUNTO DO ENG. CHEFE DE FABRICAÇÃO)

- Não se exige experiência profissional
- Situação militar resolvida.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Ádmissão imediata. Vencimento inicial compatível. Regalias sociais. Possbilidades de formação.

Resposta para a **NORMA** indicando «curriculum». Rigorosa confidencialidade. Indicar referência 140/DPA.

O MINISTRO DA DEFESA EM CAÇADORES 5:

«Agitações para enfraquecer a estrutura das Forças Armadas»

O Batalhão de Caçadores 5 esteve hoje em festa por motivo do seu «Dia da Unidade», e as cerimónias tiveram a assistência dos srs. general Sá Viana Rebelo, ministro da Defesa e do Exército e general José Oliveira Vitorino, secretário de Estado do Exército e de altas patente do Exército.

Á's 6 e 30 houve alvorada pela fanfarra e ás 10 horas, foi celebrada missa campal por intenção dos militares do Batalhão, mortos em combate. Oficiou o capelão cap. Bártolo Paiva, que ao Evangelho pronunciou uma homilia alusiva á cerimónia.

Pelas 11 horas, houve na parada principal formatura do batalhão sob o comando do sr. major Guimarães Costa. Às 11 e 30 chegou o sr. ministro da Defesa e do Exército, que foi recebido pelos srs. secretário de Estado do Exército e tenentes-coronéis Segismundo Revés e Meneses Falcão, respectivamente primeiro e segundo comandantes da unidade, altas patentes do Exército e outros oficiais.

O comandante de Caçadores 5 saudou os dois membros do Governo.

Por sua vez o sr. general Sá Viana Rebelo, nas suas declarações aos oficiais disse: *«O Batalhão de Caçadores 5 foi sempre uma unidade em que o Governo se apoiou, e dela saíram ministros e generais dos mais ilustres na vida militar portuguesa. A defesa da autoridade e da ordem publica tem constituído objectivos fundamentais do Batalhão e o ministro da Defesa, ao deslocar-se á unidade na data do seu aniversário, vem reafirmar o mesmo propósito de fortalecimento da autoridade e da vigilancia da ordem publica. Acompanhamos cuidadosamente as agitações que por aí andam, já muitas delas destinadas ostensivamente a enfraquecer a estrutura das Forças Armadas. Neste caminho, é a altura de tratar de forma diferente o problema pela sua gravidade e pelos extremos prejuízos que podem resultar para a Nação»*.

O sr. general Sá Viana Rebelo, dirigindo-se aos sargentos da unidade, manifestou-lhes o seu agrado pela forma como têm servido o Batalhão.

Depois de aludir ás dificuldades da vida dos militares, particularmente das classes mais baixas, salientou que foram já anunciadas algumas medidas tomadas especialmente nas visitas aos quartéis-generais das Regiões.

«Hoje quero declarar — disse — *que mandei para o «Diário do Governo» uma portaria estabelecendo o abono de fardamento e vestuário para os sargentos do quadro permanente e da vigilancia da ordem publica. Acompanhamos cuidadosamente as agitações que por aí andam, já muitas delas destinadas ostensivamente a enfraquecer a estrutura das Forças Armadas. Neste caminho, é a altura de tratar de forma diferente o problema pela sua gravidade e pelos extremos prejuízos que podem resultar para a Nação»*.

Abono de fardamento e vestuário para os sargentos do quadro permanente

O sr. general Sá Viana Rebelo, dirigindo-se aos sargentos da unidade, manifestou-lhes o seu agrado pela forma como têm servido o Batalhão.

Depois de aludir ás dificuldades da vida dos militares, particularmente das classes mais baixas, salientou que foram já anunciadas algumas medidas tomadas especialmente nas visitas aos quartéis-generais das Regiões.

«Hoje quero declarar — disse — *que mandei para o «Diário do Governo» uma portaria estabelecendo o abono de fardamento e vestuário para os sargentos do quadro permanente dos três ramos das Forças Armadas, em serviço activo na Metrópole, em valor bastante superior ao abono que era concedido quando foi suprimido; a liquidação do abono será feita em pagamentos mensais, contràriamente ao sistema anterior de crédito, nas oficinas de fardamento e cooperativas. Também se está estudando a possibilidade de criar brevemente a situação de reserva para sargentos do Exército e da Força Aérea e o termo ao regime dos contratos, esperando-se poder chegar a uma resolução positiva»*.

Por sua vez o sr. tenente Imaginário proferiu uma palestra alusiva ao «Dia da Unidade». Terminado o desfile das forças em parada, foi prestada homenagem aos mortos do Batalhão, com a deposição de um grande ramo de flores junto da placa comemorativa dos mortos pelo sr. ministro da Defesa e do Exército.

«POSSIBILIDADE DE CRIAR BREVEMENTE A SITUAÇÃO DE RESERVA PARA SARGENTOS DO EXÉRCITO E DA F. A. P.»

Seguiu-se uma visita ao quartel e um almoço aos convidados. De tarde, houve um encontro de futebol entre soldados prontos e soldados recrutas e á noite haverá um sarão para soldados, pela Emissora Nacional.

Necrologia

FALECIMENTOS

Tenente-coronel Francisco José Dentinho

Faleceu em Faro, com 74 anos, o sr. tenente-coronel Francisco José Dentinho. Era natural de Olhão, sendo casado com a sr.ª D. Antónia dos Santos Oliva Dentinho, pai das sr.as D. Maria de Lurdes Oliva Dentinho de Oliveira e D. Maria do Carmo Dentinho, e dos srs. Francisco Filipe Dentinho e Henrique Miguel Oliva Dentinho; sogro dos srs. Virgílio João Sanches Inglês Trigoso do O'Ramos e Fernando Lopes de Oliveira; irmão da sr.ª D. Maria do Carmo Dentinho Guita e do sr. capitão-de-mar-e-guerra Luciano Dentinho.

O extinto foi combatente da Primeira Grande Guerra, possuia numerosos louvores e valiosas condecorações, entre as quais a Cruz de Guerra e a Medalha dos Serviços Distintos.

Foi um dos oficiais da arrancada do «28 de Maio», em Lagos. Comandou o Batalhão de Caçadores n.º 4, e chefiou o Centro de Mobilização de Infantaria n.º 4, em Faro, encontrando-se agora na situação de reforma.

Carlos Gomes Fortes

Com 76 anos, faleceu o sr. Carlos Gomes Fortes, comissário-chefe da Marinha Mercante, aposentado, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Amélia Barreira Fortes.

O funeral, a cargo da Agência Barata, efectuou-se esta manhã, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Lumiar.

Madame Jane Demoustier

Com 77 anos, faleceu a sr.ª D. Jane Possoz Demoustier, natural de Lisboa, e mãe dos srs. dr. Alain Demoustier e do eng.º Claude Demoustier.

Madame Demoustier era irmã da pintora Milly Possoz e era vice-presidente, desde 1942, do Home International Comittee.

Foi uma das iniciadoras do Bazar Anual a favor da Cruz Vermelha Portuguesa e do Home International, tendo a medalha de dedicação daquele organismo.

Após a celebração de missa de corpo presente na basílica da Estrela, realizou-se o funeral para o cemitério da Guia, em Cascais.

Os serviços funebres ficaram a cargo da Agência Barata.

ANGEL REGOJO RODRIGUEZ

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Sua esposa Consuelo Fernandez Alfaya, filhas Concepción e Maria do Rosário, genros Cecílio Fernandez Fernandez e Orlando Neves dos Santos, netos, irmãos, sobrinhos e mais família, participam que amanhã, dia 28, serão rezadas missas do seu eterno descanso, às 12 horas na Igreja do Sacramento (ao Chiado) e às 21 horas na Igreja Paroquial da Charneca do Lumiar.

Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a estes piedosos actos.

AGENCIA GIL

DOUTOR JOSÉ OLIMPIO PROENÇA DIAS

Participação e Missa do 7.º Dia

Sua família, participa com o mais profundo pesar o seu falecimento, cujo funeral se realizou no passado dia 23, para Jazigo no Cemitério do Alto de S. João, e que amanhã, pelas 12 horas, na Igreja de S. João de Deus será celebrada Missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Obras Públicas e Comunicações

O ministro das Obras Publicas e Comunicações recebeu o governador do distrito autónomo da Horta, dr. Freitas Pimentel, e os membros da administração da Sociedade Financeira Portuguesa. prof. Teixeira Pinto e drs. Almeida Fernandes e Gomes da Silva.

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar recebeu os sete dignitários de Moçambique que foram em peregrinação a Medina e a Meca e que, depois de amanhã, regressam a Lourenço Marques.

Aquele membro do Governo ofereceu-lhes várias lembranças.

● Secretário das Obras Públicas

O secretário de Estado das Obras Publicas recebeu os deputados por Ponta Delgada, prof. dr. Avila de Azevedo e dr. Valadão dos Santos, e ainda o sr. Basílio Dionísio, vice-presidente da Junta de Lacticínios da Madeira.

O ministro das Corporações na capital do Norte

(Continuação da pág. central)

das e ao secretário de Estado da Saude. referindo-se á Misericordia, salientou o interesse da cidade pela benemérita instituição, apontando controvérsias que, por vezes existem no seu seio. mas dizendo que estas mais não são do que resultado desse entusiástico interesse sobretudo, por isso — disse a seguir —, que escolhera para sua primeira visita, no campo da saude. a Misericordia do Porto. Mais adiante, o ministro, depois de se referir ao sentimento cristão de bem-fazer das Misericórdias e á evolução do mundo e suas técnicas, afirmou que embora no seio daquelas instituições prevaleça. muitas vezes. aquele sentimento, o que parece sensato é conciliar-se o mesmo com o ajustamento da técnica dos nossos dias Nesse aspecto — afirmou ainda — já estão estabelecidos alguns acordos. e nisso tem de se pressistir, o que é verdadeiramente compatível, sem deixar de ser respeitada a vontade das Misericórdias.

A visita aos hospitais

Na companhia das entidades referidas, o ministro das Corporações e Saude visitou depois o Hospital Santo António, onde foi recebido pelos srs. drs Pereira Guedes e Vasconcelos Teixeira, respectivamente. director clínico e adjunto e por médicos, etc.

O sr dr. Baltasar Rebelo de Sousa encaminhou-se. depois, para o Hospital Escolar de S. João, onde foi recebido pelo respectivo provedor sr. dr João Rodrigues: pelo director clínico, prof dr. Álvaro Rodrigues e director da Faculdade de Medicina. prof. dr Almeida Garrett.

Durante uma breve sessão, usou da palavra o dr. João Rodrigues que fez várias e judiciosas considerações. afirmando que ao cabo de 10 anos de funcionamento o Hospital está a necessitar de uma revisão profunda ás suas estruturas.

O ministro, que falou seguidamente, disse que os problemas da Saude como os da Assistência não são problemas estanques. tendo de se procurar o melhor caminho para se trabalhar com as realidades que nos cercam. «Temos de condenar — disse — o individualismo.»

Após a visita a todo o hospital, houve um almoço num hotel da cidade.

Palavras do secretário de Estado da Saúde

No uso da palavra o dr. Gonçalves Ferreira começou por acentuar a necessidade de definir uma política de saude que de todos seja conhecida — «esclarecida. técnicamente exequível. arrojada dentro dos limites. marcados pelas possibilidades financeiras e humanas e capaz de assegurar aos interessados, que são toda a população. os benefícios que estejam ao alcance da nossa Medicina e da nossa administração. Em suma — prosseguiu — assegurar ao indivíduo e á família a segurança e o amparo que hoje é lícito esperar na doença e simultâneamente dar-lhes a confiança que deve a acreditarem na continuidade dos êxitos resultantes de medidas de promoção de saude em que devem tomar parte directa».

E o secretário de Estado da Saude referiu depois as «normas realistas de administração» em que entende dever assentar a execução de uma programação de tarefas e orgânica de serviços.

«1) Organização da Medicina e dos seus apoios sem excessiva estatização e. mais ainda. sem orientação socializante. mas em permanente adaptação ás condições do País e tendo em linha de conta a capacidade de intervenção da medicina livre;

2) Cobertura médico-sanitária de toda a população. pela coordenação disciplinadora da orgânica do serviço de saude com a Previdência. isto e, segurança social, com as Misericórdias e as instituições particulares. Esta cobertura, na periferia, terá de ser unitária e disciplinada;

3) Cobertura hospitalar paralela e integrada, tanto quanto possivel nos escalões menos diferenciados;

4) Cobertura de ordem assistencial. subordinada á mesma orientação»

Após outras considerações sobre a linha de rumo a seguir no campo da saude e de cobertura médico-social da população («reformando se for caso disso as próprias estruturas») o dr Gonçalves Ferreira afirmou. em certo passo:

«Com o objectivo de assegurar directa e imediatamente aos responsáveis pelo Governo deste departamento o preciso apoio nos aspectos sociais e juridicos e de planeamento económico. vão ser criados gabinetes especializados. de resto já previstos pela legislação em vigor.

Estão os serviços respectivos a estudar já com a urgência requerida e audiência dos interessados alguns dos aspectos que importam a realização deste objectivo, de forma a que, gradual e prioritáriamente, possam ser asseguradas, de maneira digna, a prestação de serviço e respectiva retribuição».

E depois de acentuar que este assunto está «interligado ao estabelecimento das carreiras dos profissionais de saude», o secretário de Estado disse que não era de um dia para ao outro que as estruturas se modificavam e, após outras considerações, pediu a colaboração de todos para grandes tarefas que há para realizar.

À tarde, aqueles membros do Governo, acompanhados das entidades representativas dos diversos sectores dependentes do Ministério da Saude, deslocaram-se ao Internato de S. José e aos terrenos destinados ao Dispensário de Higiene Social e ao Hospital Joaquim Urbano.

O ministro e os secretários de Estado regressam a Lisboa num avião da TAP. que descola ás 18 horas do aeroporto de Pedras Rubras.

Entretanto, esta manhã, o sr. dr. Silva Pinto, secretário de Estado do Trabalho e Previdência, presidiu a uma reunião de trabalhos com os presidentes das Caixas de Previdência e do Serviço Nacional de Emprego, na delegação do I. N. T. P

Jovens condenados por se apoderarem de dois automóveis

BARREIRO, 27 — Em Tribunal Colectivo, presidido pelo corregedor dr. Santos Silveira, responderam Eduardo Pinhães, de 18 anos; Carlos Alberto Pratas Guerra. de 19; José Marques Belo. de 19 e Francisco José Paulo Carreto, de 18, acusados de se terem apoderado de 2 automóveis ligeiros estacionados na via publica O ultimo dos réus foi julgado á revelia. por se encontrar ausente em França. Os veículos vieram a ser encontrados com avarias longe dos locais de estacionamento.

O Tribunal condenou os réus respectivamente em 4 anos e meio de prisão maior, 3 anos e meio, 12 e 10 meses.

Os réus recolheram algemados á prisão do Montijo. Contra Francisco Paulo Carreto foi expedido mandato de captura.

INDÚSTRIA RODOVIÁRIA

«A organização geral e a gestão de pessoal nas empresas terrestres» é o tema do colóquio que, esta noite e ámanhã. vai dar continuação ao curso de Aperfeiçoamento dirigido a industriais e seus colaboradores directos que o G. I. T. A. tem vindo a promover no Grémio dos Industriais de Transportes Terrestres.

Treze empresas estão inscritas havendo a registar que de entre os participantes, cinco o fazem pela primeira vez. A direcção dos trabalhos está a cargo do dr. Raul Caldeira

VIDA SOCIAL

ALCIDIA RODRIGUES

A fim de ser sujeita a uma melindrosa operação. encontra-se internada no Hospital da Ordem Terceira a antiga artista Alcídia Rodrigues.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Elec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/2%	—	620$	—
Centenários 4%	1.480$	—	—
Obrig. Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	625$	640$
Externo 2.ª Série c.	—	—	800$
Externo 3% 1.ª Série	—	750$	—
Externo 3% 2.ª Série c.	—	800$	820$
Cautelas 3% Série	—	755$	760$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	920$
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/4% 65	—	—	925$
C P 5 1/2% 67	—	1.010$	—
C U F 6%	—	998$	—
C U F 6% 68	999$	—	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	800$	—
Gás Elect 4 1/4% 51	—	840$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 64	—	900$	—
Gás Elect 5% 63	—	930$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	1.020$	1.015$	1.021$
H E A Alentejo 5%	—	810$	820$
H E Cávado 5%	—	—	820$
H E Cávado 6%	1.000$	1.000$	1.002$
H E Douro 5%	819$	—	820$
H E Douro 6%	1.000$	999$	1.001$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	880$	880$	—
H E Zêzere 5% 57	850$	—	—
Lisnave 6%	—	1.010$	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	1.010$
Nac Electr 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	850$
Nitratos 5% 60	—	805$	820$
Petroquímico 5%	—	855$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	935$	—
Sacor 5% 60	—	900$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	805$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	—	850$
I A P 4%	820$	800$	879$
Termoelect Port 5%	—	940$	—
U E P 3 3/4%	—	—	820$
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	81$	82$
U E P 5% 63	—	—	820$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.470$	2.465$	2.475$
Alentejo	1.350$	1.350$	1.370$
Angola	4.180$	4.150$	4.180$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.650$	5.650$	5.700$
E Santo	—	22.000$	23.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S n	—	21.000$	—
Fomento Nacional	—	2.700$	2.780$
L & Açores p	—	7.550$	7.650$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.190$	6.185$	6.200$
Portugal n	—	—	—
Portugal p	—	4.400$	4.600$
Totta Aliança	—	6.620$	6.750$
Ultramarino n.	3.950$	3.925$	3.950$
Ultramarino p.	4.320$	4.300$	4.320$
Seguros			
Alentejo	157$5	157$	158$
Douro	—	—	—
Mundial	—	890$	905$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	860$	851$	860$
Ag Cassequel	—	810$	815$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	89$	88$5	89$
Cabinda	234$	231$	234$

Ultramarinas	Elec	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.925$	2.920$	2.940$
F E Revué	650$	—	670$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	210$	210$	215$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	506$	505$	510$
Zambézia	90$5	90$	90$5
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.600$	7.550$	7.700$
Cim Leiria	5.550$	5.500$	5.600$
Cim Tejo	7.300$	7.100$	7.300$
Col Navegação	1.580$	1.570$	1.580$
C U F	—	850$	1.950$
Aliança	—	—	—
Nac Navegação	4.780$	4.750$	4.800$
Petroquímica	2.100$	2.100$	2.150$
Port e Colónias	1.500$	1.500$	1.520$
Port Celulose	4.600$	4.580$	4.650$
Port Pesca	—	1.050$	1.100$
Port Tabacos	790$	788$	791$
Sacor	4.900$	4.850$	4.900$
Siderurgia Nac	2.260$	2.260$	2.270$
Soco	3.600$	3.550$	3.680$
Tabacos de Portugal	—	—	2.100$
Tabaqueira	7.950$	7.900$	8.000$
U F Azoto	905$	900$	905$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	—	445$
Aguas Lisboa 34	—	405$	440$
Aguas Lisboa 36	—	390$	400$
Comp Port de Electric	1.300$	1.300$	1.305$
Elect Beiras	1.770$	1.730$	1.780$
Gás Electr	464$	463$	465$
H E Alto Alentejo	180$	179$	181$
H E Norte Portugal	—	317$	325$
H. E. S. Estrela	1.750$	730$	—
U E P	201$	200$5	201$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	116$5	223$
F I D E	—	181$2	185$1

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 55 100)

	20/2/70	26/2/70	27/2/70
GERAL	167,2	167,5	167,7
METROPOL.	156,2	157,1	157,3
ULTRAM.	244,6	243,5	243,9

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$5	38$50
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$60	29$00
Canadá.		
— Dollar de 1 a 2	25$90	26$40
— Dollar de 5 a 100	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Argentina — Peso	$06	$09
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,3	$04,6
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$85	5$25
Suiça — Franco	6$65	6$85
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Operados e livres de perigo os dois feridos na explosão de Cabora Bassa

BEIRA, MOÇAMBIQUE, 27 — (L.) — Estão a recuperar, depois de operados num hospital de Salisbúria, para onde foram imediatamente transportados, num táxi aéreo rodesiano, o português Manuel Ferreira, casado, natural de Andim, concelho de Tabuaço, e o técnico francês Kravazyk Stephan, natural de Nancy, feridos quando, nos trabalhos de abertura de acesso nas obras de Cabora Bassa, a fricção de uma broca pneumática fez explodir um dos vários furos da rocha, já dinamitados.

O acidente provocou a morte de sete africanos, naturais de Manjacaze, cujos corpos, dificilmente foram identificados devido ás mutilações sofridas.

Segundo a opinião dos técnicos, o acidente foi provocado por imprevidência, imediatamente lamentada pelo eng. Chapell, director das obras da Zamco, que revelou que todos os trabalhadores estão seguros em companhias portuguesas.

No Songo, onde é geral a consternação, os trabalhos continuam, mas a Zamco, em sinal de pesar, adiou a inauguração de uma messe, a que estaria presente o governador do distrito.

O «COMANDANT BOURDAIS» A CAMINHO DA TERRA NOVA

Para trocar informações com organismos de pesca portugueses sobre a respectiva assistência aos navios bacalhoeiros, fez escala por Lisboa, o navio francês «Comandant Bourdais», que hoje largou para os Bancos da Terra Nova, Labrador e Gronelândia, onde permanecerá até Julho próximo

Com missão idêntica ao «Gil Eanes» a actividade da fragata francesa envolve a prestação de socorros médicos e cirúrgicos, apoio técnico, reabastecimento e entrega de correio aos navios pesqueiros daquela nacionalidade.

Durante a sua escala em Lisboa o comandante da fragata francesa teve contactos com o Chefe de Serviço de Assistência á frota bacalhoeira e com o seu representante a bordo do «Gil Eanes».

Exposição de jóias na Costa do Sol

Na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Sol. nas Arcadas do Parque Estoril. é inaugurada esta noite, pelas 22 horas. uma exposição de jóias de arte, de Gordillo, prémio nacional de Joalharia de Arte.

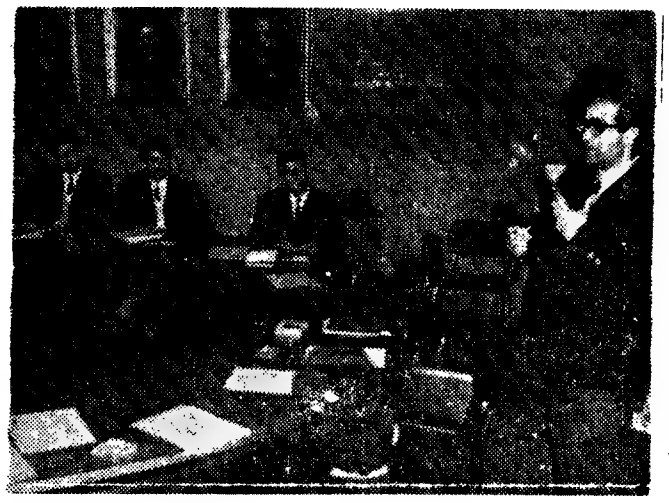
Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

EM 32 HORAS DE ESTUDO

Dez homens preparam-se para agentes de planeamento



Um aspecto da primeira lição do curso sobre «Preparação de agentes de planeamento».

«O que é um agente de planeamento?» — esta pergunta que a ignorância do repórter dirigiu ao eng.º Pedro Reis Santos, endossou-a ele aos dez indivíduos que hoje iniciaram, nas instalações da F. I. L., á Junqueira um curso sobre «A preparação de agentes de planeamento», organizado pela COPRAI — Comissão de Produtividade da Associação Comercial de Lisboa.

Um dos «alunos», quebrada a timidez inicial, tentou responder: *«Bem, há o planeamento da fábrica e o planeamento geral. O agente de planeamento será o indivíduo encarregado de dar seguimento a essas operações de planear. Assim, terá de estudar se há componentes, se há matéria-prima, se há meios, se há máquinas. É mais ou menos isto.»*

O repórter verificou que, embora qualquer dos dez futuros «agentes de planeamento» tivesse uma ideia aproximada da missão que lhes compete, eles tinham, em geral, dificuldade em defini-la.

O eng.º Reis Santos, monitor do curso, interrompeu: *«O agente de planeamento é o indivíduo que executa o procedimento estabelecido para o planeamento. Essa definição constitui, mesmo, o primeiro ponto em estudo neste curso e, precisamente, nesta sessão».*

Um dos alunos pediu licença para acrescentar: *«O agente de planeamento será, também, de certo modo, um agente de «contrôle» da produção, no que respeita a tempo, isto é, a prazos»* Concordância do monitor do curso de estrutura geral e ligações do planeamento com os outros serviços da empresa.

Nos próximos dias estudar-se-ão: condições prévias para o funcionamento do «contrôle» da produção; a preparação técnica da produção e o planeamento; a preparação do trabalho; as funções básicas do P C P e os dados fundamentais para o seu funcionamento — programação, lançamento e «contrôle»; metodologia geral do planeamento; capacidade e carga — o prazo de entrega e os planos; os quadros de carga e os documentos de trabalho e os gráficos.

As ultimas lições do curso serão dedicadas ao estudo dos seguintes temas: funcionamento do serviço; metodologia da programação — elementos, coordenação e carga, os meios visuais; metodologia do lançamento — o «contrôle»; técnicas especiais — PERT e programação linear; e finalmente casos de aplicação.

Trinta e duas horas de estudo

Claro que o curso hoje iniciado não forma «agentes de planeamento». O repórter verificou, até, que a quase totalidade dos dez «alunos» já trabalha em planeamento em diversas empresas. Com esta frequência pretendem, apenas, aperfeiçoar-se.

Aliás, este curso, que se inscreve num plano da COPRAI, que atinge muitos outros sectores de actividade, é de preparação, de aperfeiçoamento. Apenas dois ou três dos participantes não trabalharam ainda em planeamento e declararam-nos sentir «grande interesse» por um trabalho desse género.

A duração do curso é de 32 horas, prolongando-se até de amanhã a oito dias.

Após a definição e objectivos do planeamento, estudo que ocupou a primeira parte da lição de hoje (as lições decorrem nos dias úteis, das 9 ás 13 horas), o programa prosseguiu com a discussão

De vez em quando

A situação e a missão da nossa Imprensa foram ontem objecto de considerações várias na Assembleia Nacional. Alguns deputados dirigiram-lhe calorosas saudações (muito obrigado) **e enalteceram o papel que desempenha (apesar de tudo). Um dos oradores apontou a necessidade de uma Lei de Imprensa, que «considerava de primordial importância», respondendo-lhe o «leader» do Parlamento (a ele e a nós) com uma interrogação acerca do facto dos seus colegas de legislatura pensarem «se ao abrigo da futura Lei de Imprensa ( ) possa existir a forma mais ampla de expressão ou se admitem que tem de haver restrições a essa liberdade». Os interrogados não responderam, mas talvez tivessem uma palavra a dizer todos os profissionais directamente interessados na questão.**

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — O céu estava pouco nublado a limpo no Centro e Sul e muito nublado no Norte. O vento era fraco a bonançoso do Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 17º; mínima: Penhas Douradas, —6º.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 2º; Lisboa, 8º; Penhas Douradas, —1º; Coimbra e Portalegre, 3º; Faro 9º e Funchal 13º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 9º; na água do mar: 13º,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu em geral pouco nublado á excepção das regiões do Norte onde ocorrerá céu muito nublado a encoberto e períodos de chuva durante o fim da tarde e noite. Vento fraco a moderado do quadrante norte.

Amanhã
Nascer ás 8 e 12
Ocaso ás 19 e 28

Dia 1 Dia 7 Dia 14 Dia 23

MARES

PREIA-MAR — **Hoje:** 1 e 35 (3,6 m), 20 (3,5 m) **Dia 28:** 8 e 26 (3,4 m), 2 (3,3 m) **Dia 1:** 9 e 37 (3,2 m), 22 e 52 (3,2 m)
BAIXA-MAR — **Hoje:** 4 e 09 (1,2 m) e 18 e 35 (1,3 m) **Dia 28:** 2 e 0 (1,4 m); 14 e 31 (1,5 m) **Dia 1:** 3 e 07 (1,6 m), 15 e 42 (1,7 m).

Os problemas nacionais têm de pensar-se em termos internacionais

— afirmou no Funchal o prof. Daniel Barbosa

FUNCHAL, 26 (DL) — *«O crescimento económico pode ligar-se a uma tecnocracia, mas o desenvolvimento económico obriga, só por si, a uma política»* — afirmou o governador do Banco de Fomento Nacional, prof. Daniel Barbosa no anunciado discurso que ontem pronunciou, nesta cidade, após considerações sobre as diferenças existentes entre os dois termos. Analisando, depois, o conceito de «progresso», o prof. Daniel Barbosa afirmou que *«nem na teoria da evolução nem mesmo sob o aspecto político-económico, como Marx o encarou ao defender a luta das classes, se conseguiu definir claramente o sentimento a que o adjectivo* técnico *o vincula».* Por isso mesmo, o prof. Daniel Barbosa disse aceitar *«o termo de uma transformação positiva, contínua e regular, capaz de conferir á Humanidade uma maior felicidade e um maior conhecimento».* Mais adiante referiu a *«circunstância do dispêndio, cada vez maior, que as guerras implicam, o que inteiramente contraria a realidade que um verdadeiro progresso técnico tem de exprimir por uma economia e na prestação de um* serviço util.»

Nesta ordem de ideias, o governador do Banco de Fomento Nacional concluiu que *«a civilização, como pretende ser a Ocidental, não pode aceitar que haja progresso técnico a traduzir-se por acções que aumentam o sofrimento em vez de fomentar o bem-estar.»*

A aviação e a electrónica

Continuando as suas considerações em torno dos conceitos de «progresso» e «civilização», o prof. Daniel Barbosa referiu-se, depois, ás actuais descobertas e empreendimentos técnicos e observou que *«os progressos da aviação e da electrónica tornaram um mito as políticas isolacionistas, outrora tão queridas a certos Estados»*, chamando a atenção para o facto de o Pólo Norte passar a ser *«uma espécie de um segundo mar Mediterraneo que, aproximando os povos, os submetia a transformações revolucionárias quanto a concepções de defesa e ataque.»*

E depois de lembrar que *«o mundo passara a ser pequeno»*, o prof. Daniel Barbosa afirmou que *«os problemas nacionais s. têm de pensar, assim, em termos internacionais»* e que *«a unica forma de manter, para futuro, uma soberania, capaz de sobreviver em pleno repudio de colonizações económicas, será a de se mostrar capaz de ser util ao mundo perante as necessidades alucinantes deste que se impõe satisfazer.»*

O prof. Daniel Barbosa falou ainda da integração levada a cabo nos territórios portugueses *(«E quando se fala em povo português não se admitem distinção de credos, nem de ideologias, nem de raças»* — disse) para afirmar que *«a ultima fase de uma integração pressupõe a unificação de políticas monetária, fiscal, social, etc. e exige o estabelecimento de uma autoridade supranacional dominadora em relação a qualquer estado-membro.*

Chega amanhã a Lisboa o presidente do Rotary Internacional

O presidente do Rotary Internacional, Mr. James F. Conway, acompanhado de sua esposa, chega amanhã a Lisboa, ás 13 e 35, para uma visita oficial de cinco dias ao Rotary Clube de Lisboa e ao Distrito Rotário n.º 176 (Portugal), estando-lhe preparada uma afectuosa recepção por parte dos rotários portugueses no aeroporto da Portela.

Logo após a sua chegada, numa das salas do aeroporto Mr. Conway dará uma conferência de Imprensa.

O programa da sua visita está a ser elaborado pelo Rotary Clube de Lisboa, a que preside o advogado dr. Angelo de Almeida Ribeiro.

James F. Conway adoptou como tema principal do seu mandato o programa «Rever e Renovar», apelando a todos e cada um dos 14 mil clubes rotários espalhados por 148 países e regiões geográficas do mundo, a rever os seus projectos de acção e actividades.

CONSELHO DE DEFESA NACIONAL

Reuniu-se esta tarde, no Palácio de S. Bento, sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano, o Conselho Superior de Defesa Nacional.

Moçambique autorizada oficialmente a importar amendoim da Nigéria

Uma empresa moçambicana e o Grémio dos Industriais de Óleos de Moçambique foram oficialmente autorizados a importar um total de 6500 toneladas de amendoim, originário da Nigéria, a fim de atender às necessidades da produção industrial.

A cultura do amendoim é também feita em Moçambique pelos agricultores autóctones, sendo porém grande parte da produção consumida pela população local e uma grande percentagem exportada para a Metrópole.

Moçambique tem condições para produzir amendoim em larga escala não só para consumo do mercado interno como também para alimentar a indústria de óleos. Torna-se necessário, porém, criar as infra-estruturas básicas já previstas, como salientou o governador-geral no Conselho Legislativo.

ESTUDANTES DE COIMBRA RECEBIDOS PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

O ministro da Educação Nacional, prof. dr. Veiga Simão, recebeu ontem á tarde um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra que actualmente se encontram a prestar serviço militar, no qual foram incorporados em Outubro ultimo.

CONCERTOS DA EMISSORA NACIONAL

AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

AMANHÃ ÀS 18,30 HORAS

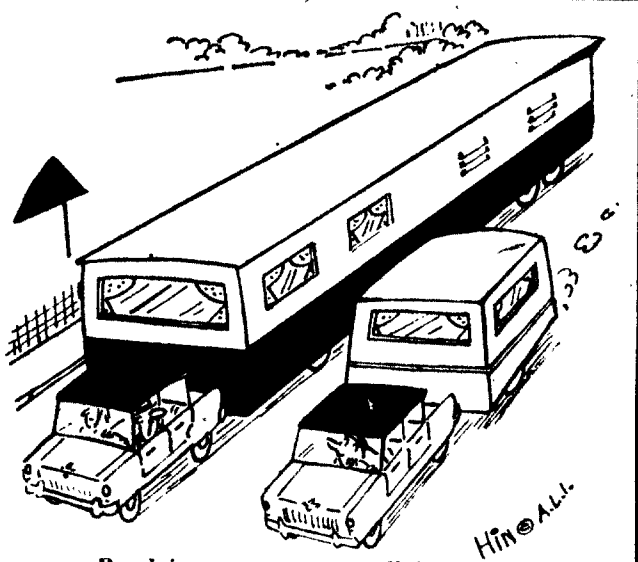
ANA LAGOA
cantora
MARIA ANTÓNIA SALDANHA
pianista

Seis «Lieder» — **SCHUMANN**
Três poemas de Verlaine — **ANTÓNIO FRAGOSO**
Quatro «Canções do Sol Poente» (poemas de A. Correia de Oliveira) — **ANTÓNIO FRAGOSO**
Canções populares portuguesas harmonizadas
Loureiro, verde Loureiro
Senhor da Serra
Vai-te embora passarinho — **LUÍS DE FREITAS BRANCO**
Canção das tecedeiras — **ARMANDO JOSÉ FERNANDES**
Macelada — **FREDERICO DE FREITAS**
Oh! que calma
A marcela — **ARTUR SANTOS**

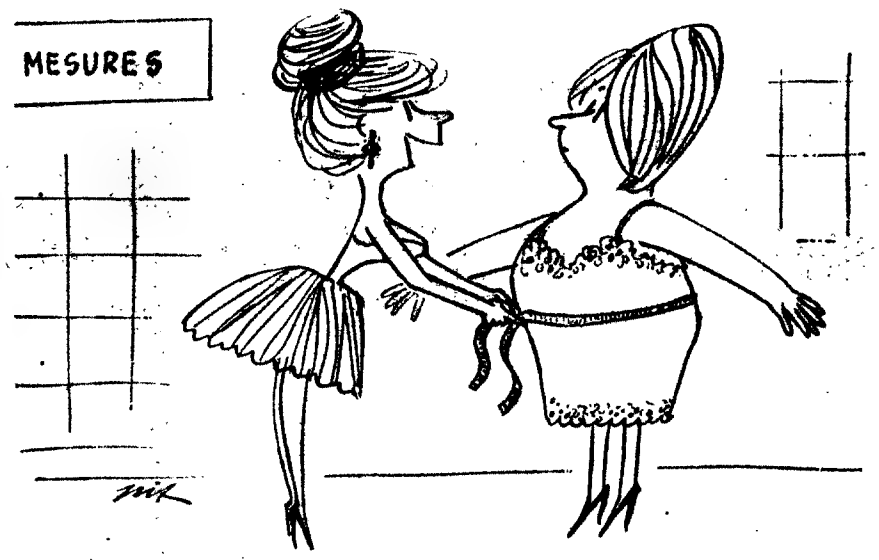
ESPECTÁCULO PARA TODOS
PREÇOS
Filas A a F ..... 20$00
Filas G a N ..... 15$00

BILHETES À VENDA
EMISSORA NACIONAL
RUA CASTILHO
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
CAMPO GRANDE

— Eu estou certa de que arquivei esse «dossier»!



— Resolvi comprar com «living», casa de banho e garagem!



— Maravilhoso! A senhora tem a cintura da Liz Taylor, da Brigitte Bardot e da Sofia Loren... juntas!

2.º caderno

ELEIÇÕES NA CASA DE TRÁS-OS-MONTES

No dia 3 de Março, ás 21 e 30, decorre, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, uma assembleia geral para discussão do relatório e contas e eleição dos novos corpos gerentes e do conselho regional.

CANDIDATURAS ACEITES ATÉ DOMINGO

SE É ESBELTA E MODERNA AINDA PODE CONCORRER A «MAJA DE PORTUGAL»

O Porto também está presente na corrida para o título de «Maja de Portugal». A jovem que apresentamos (Maria José Pereira Mota, residente na Rua Faria Guimarães, na cidade Invicta) é uma das mais credenciadas concorrentes aos magníficos prémios deste concurso do «Diário de Lisboa», que tem o apoio da Ibéria (Lineas Aéreas de España).

Maria José Pereira Mota (que completa 19 anos no próximo mês de Março) tem 1.69 m de altura, é morena, de cabelos escuros e olhos castanhos. É o tipo de mulher portuguesa, tendo como medidas: 89 (busto), 66 (cintura) e 88 (anca). É estudante e, nas horas vagas desfila como manequim da «Carom». Uma candidata, portanto, com largas possibilidades de obter o título de «Maja de Portugal» e, de imediato, representar as jovens do nosso País na fase internacional do certame, em Saragoça.

Entretanto, prosegue até ao próximo domingo a recepção dos cupões-inscrição do concurso para «Maja de Portugal-1970». Renovamos o convite a todas as jovens, de nacionalidade portuguesa, que já tenham feito 18 anos de idade e possuam para além de nível cultural, fotogenia e encanto acima da vulgaridade.

Os proprietários de salões de beleza — por exemplo — podem (e devem) recomendar as suas clientes que ostentem mais vincada fotogenia. Também os fotógrafos estão especialmente indicados para aconselharem as jovens que se julguem com o somatório de atributos exigido por um título internacional. A uns e outros, que (normalmente) têm bom gosto e sentido crítico, se reserva papel especial neste estilo de certames.

Isto se aplica, igualmente, aos donos de «boutiques», aos proprietários de salões de modas, aos modelos e manequis, a jovens com formação universitária, a todas as aspirantes a uma carreira cinematográfica em estúdios internacionais, a assistentes de bordo, guias-intérpretes, simples empregadas de balcão ou de escritório que-acima de tudo — sejam graciosas e modernas.

O concurso para «Maja de Portugal» tem grande latitude. Dada a natureza do certame (homenagem á memória do pintor Goya) as alunas de cursos superiores podem ser sérias candidatas em potencial. O que não exclui, evidentemente que uma jovem menos culta (mas dotada de grande beleza e simpatia) possa obter o título tão cobiçado.

MARIA JOSÉ PEREIRA MOTA

ESCRITURÁRIOS DA PREVIDÊNCIA

Têm-nos sido enviadas numerosas mensagens de apoio pelo relevo que temos dado aos problemas dos funcionários da Previdência, que reclamam, com inteira justiça, a sua equiparação aos empregados de escritório das outras actividades.

Entre os pontos mais focados pelos últimos leitores que sobre o assunto se nos têm dirigido — nos últimos dias, anotemos de passagem, recebemos 50 telegramas sobre a momentosa questão — avulta o de anulamento do concurso de promoção dos escriturários.

Como se sabe os escriturários, em geral, são promovidos em função do numero de anos de bom serviço, independentemente de concurso ou de quaisquer outras provas — e os funcionários da Previdência entendem, justamente, que não há nada que justifique constituirem eles uma excepção. Já foram enviadas superiormente diversas exposições, aguardando os interesados que o assunto se resolva, a seu contento, com a maior brevidade.

ora diga-nos...

— Qual a sua cor preferida?

As cores, que mundo encantador... Terá a humanidade coragem de mostrar a sua cor? A cor que muitos mostram será efectivamente a sua?

● *António Cândido Capela, repórter fotográfico, diz:*

— O verde. O verde porque sou do Sporting, desde pequeno. Este ano é que é certo, depois de tantos anos de espera...

● *O polidor de móveis José António Madruga da Silva, de 16 anos, um tanto melancólico, afirma:*

— O azul. Não sei explicar bem porquê mas simpatizo mais com o azul. Talvez por ser a cor do céu; a cor do mar.

● *Finalmente, Maria do Carmo Santos, de 20 anos, presentemente a tirar um curso de enfermagem, declara:*

— O amarelo. Desde pequena que gosto do amarelo. É uma preferência de muitos anos. É uma cor alegre que sobretudo condiz com a profissão que escolhi.

CONCURSO

MAJA DE PORTUGAL

Uma realização do «DIÁRIO DE LISBOA» com o patrocínio da IBERIA (Lineas Aereas de España)

Nome .....

Morada ..... Telef .....

Idade ..... Profissão .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Treino do Benfica no Estádio Nacional

O jogo que é sempre «o grande jogo»

AS DUAS «LINHAS» NA «LINHA»

• Estágio do Benfica em Carcavelos e do Sporting no Estoril

Surpreendentemente, acontece que há um interesse louco, louco, louco, por este Benfica-Sporting de depois de amanhã, no Estádio Nacional. À primeira vista (á vista da classificação...) Seria de esperar que não fosse assim, que não pudesse ser assim, pois tudo indica que o Sporting já não perderá o primeiro lugar e ainda mais indica que o Benfica está definitivamente afastado dessa posição. Mas uma coisa é o campeonato, que dura alguns meses, outra é a rivalidade, que vem de há muitos anos. E a curiosidade está agora em saber se o Benfica não perdeu só o título mas também a superioridade que desde há anos o tornou um caso singular no desporto português. Esse lume é que faz ferver o jogo de domingo.

Os benfiquistas certamente, já não pensam no título mas estão ansiosos por provar que a diferença «abismal» que os separa do seu eterno adversário é apenas fruto de circunstâncias momentaneas e não reflecte de forma alguma a diferença de valor entre as duas equipas. Por outro lado os «leões», extrema e naturalmente orgulhosos pelo comportamento da sua equipa nesta temporada não querem de forma alguma perder esta oportunidade de provar que são realmente os melhores. Claro que deste choque de opiniões e de variedades, dia a dia cada vez mais acentuado estão a provocar um movimento de interesse á volta do encontro verdadeiramente extraordinário. E, claro, ao facto também acabará por não ser estranho o simples adepto do jogo, aquele que há 8 horas quase se nem lembrava de que o embate tinha lugar no próximo domingo.

E enquanto os adeptos dos dois clubes e os próprios amigos desses adeptos procuram conseguir o indispensável papelinho de entrada, os jogadores e técnicos das duas equipas preparam-se com todo o cuidado para o grande prélio.

Tudo O. K. no Benfica

A turma benfiquista realizou ontem o habitual treino de conjunto defrontando os juniores em virtude dos reservistas terem jogado e vencido o Sporting na véspera, conquistando assim a Taça «Isaac Sequerra».

Simões, que estava em condições deficientes, tomou parte no treino e, porque não se ressentiu, está apto para domingo, o mesmo, aliás, acontecendo com Eusébio que deve também principiar a jogar se o treinador assim o entender. Aliás, a «pantera negra» tem no domingo um teste decisivo com vista á sua provável contratação pelo Vasco da Gama. À excepção de Adolfo, Calado e de Torres (castigado), pode acrescentar-se que todo o actual plantel benfiquista está em condições de alinhar no próximo jogo.

Os prováveis estão desde ontem em estágio na «Rota do Sol», em Carcavelos, não tendo ainda o técnico José Augusto fornecido a formação. Os jogadores concentrados deslocaram-se hoje á Luz, onde fizeram exercícios físicos regressando depois a Carcavelos.

Entre os «leões»

Entretanto, os «leões», que estão concentrados desde ontem no Hotel Monte Estoril, viram hoje a Alvalade para fazer exercícios físicos, banhos e massagens.

Como não há jogadores lesionados, Fernando Vaz poderá utilizar todos os titulares. No entanto, não nos surpreende que a formação venha a ser a mesma que alinhou no domingo contra o Varzim.

Enfim, qualquer das equipas não tem problemas, o que é uma agradável prespectiva para o jogo e, claro, uma tranquilidade para os respectivos técnicos. Assim, melhor poderão congeminar os seus planos tácticos e até decidirem-se pela equipa que parecer mais capaz na altura.

ATLETISMO

Grande interesse pelo «Circuito de Seia»

No dia 8 de Março, com início ás 10 e 30 e na distância de 5000 metros, disputar-se-á o «Grande Circuito Internacional de Seia».

A prova, já na sua sexta edição e, assim, com fortes raízes e projecção notável, destina-se a atletas filiados e não filiados, sendo enorme o entusiasmo dos desportistas locais e grande o número de clubes interessados em se fazer representar.

Apreciável quantidade de prémios, medalhas e taças contribui para incentivar a expectativa sobre uma competição que, desde já, promete revestir-se de brilhantismo e se torna credora de encómios e de apoio — situada, que está, na melhor sequência da campanha do fomento a que se encontram votados os organismos responsáveis pelo atletismo português.

Basquetebol

José Mário em Luanda

José Mário, «internacional» de basquetebol da equipa do Sporting, parte no próximo mês de Abril para Luanda, onde é colocado pela firma em que trabalha, a Robbialac Portuguesa.

O basquetebol de Angola ainda há poucos dias recebeu o «internacional» Manuel Campos, do Benfica. Agora, ambos vão fazer trabalho em profundidade no C. D. U. A., em prol do basquetebol local.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

EU RECORRO TU RECORRES...

Homologado pela Federação Portuguesa de Futebol o resultado do jogo Benfica-Belenenses (o tal que só durou 43 minutos e acabou com 0-0), ambos os clubes se mostram insatisfeitos e vão recorrer dessa decisão. O facto de ambos estarem em desacordo não quer dizer (evidentemente...) que estejam de acordo um com o outro. O Benfica vai recorrer por considerar que a única solução regulamentar é repetir o jogo; o Belenenses também vai (decidiu-o ontem), mas por entender que lhe devem ser atribuídos os dois pontos.

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão: Oriental-Casa Pia, Cova da Piedade-Internacional e Madre de Deus-Vendedores de Jornais, no pavilhão do Campo de Ourique, a partir das 21 e 30.

— Campeonato de Lisboa, de Juvenis: Passos Manuel B-C. Ourique, C. D. U. L.-Passos ManuelA e Belenenses-Passos Manuel C, no pavilhão da Ajuda, a partir das 16 e 30.

AUTOMOBILISMO — 1.º «Rallye» da Escola dos Regentes Agrícolas de Coimbra, prova de estrada, ás 15 horas

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, começo da 2.ª volta: Vasco da Gama-Barreirense e F. C. Porto-Sporting, no pavilhão do Infante de Sagres, a partir das 21 horas; Belenenses- B. P. M. e Benfica-Académica, na Luz, a partir das 21 horas; Marinhense-Académico, na Eletaoi, ás 21 e 30; C. U. F.-Ginásio Figueirense, em Setubal, ás 21 horas.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Guifões-Leça, no recinto do primeiro, ás 21 horas.

— Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Zona Norte — Vilanovense - Num'Alvares, Leixões-Coimbrões, Vale Formoso-Círculo Católico e Oliveira do Douro-Ed Física do Norte, nos campos dos primeiros, ás 21 e 30 horas.

ESGRIMA — Taça «Grémio Literário», prova de espada, por equipas, no Clube Shell, ás 15 horas.

FUTEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Académica-Leixões, no Estádio Municipal de Coimbra, ás 21 e 30 horas.

— Final do Campeonato de Lisboa, de juniores: Benfica-Sporting, na Tapadinha, ás 16 horas.

— Torneio dos Órgãos de Informação: Capital - Jornal do Comércio, em Pina Manique; Século-Rádio Clube, em «Francisco Lázaro»; Mundo Desportivo-Diário Popular, em Palma; Diário de Notícias-Rádio Universidade, no Porto de Água; Novidades-R. T. P. em Marvila — todos ás 16 horas.

LUTA GRECO-ROMANA — Conclusão da 1.ª volta do Campeonato Nacional (equipas): Belenenses-Mercês, Benfica-A. A. Amadora e Sporting-Ruma, em seniores; Ateneu-B. Banheira, em seniores e juvenis — todas nas salas dos primeiros, ás 22 horas.

NATAÇÃO — Torneio de Fevereiro da A. N. Lisboa, na piscina do Areeiro, ás 21 e 15 horas.

PALESTRA — Do dr. Boavida Portugal, na sede do Sporting de Braga, ás 22 horas e entrega da taça «Disciplina».

TÉNIS DE MESA — Congressos (ordinário e extraordinário) da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa, posse de corpos gerentes e reunião Federação / Associações, na sede da F. P. T. M., a partir das 15 horas.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, de seniores: Faculdade de Ciências-Técnico, no recinto do primeiro, ás 19 e 30.

ATLETISMO

CURSO DE JUIZES

Na sede da Comissão Central de Juizes de Atletismo, prosseguiu, ontem á noite, o II Curso Nacional, com o fim de preparar mais e melhores juizes ei ainda, aumentar o numero dos seus filiados, correspondendo, assim, aquela entidade ao esforço que os dirigentes federativos e associativos vêm desenvolvendo com o fito de dar á modalidade a vitalidade necessária para que ocupe entre a juventude de Portugal, o lugar que ela merece.

O curso que tem a presença de numerosos interessados na matéria, vem, na verdade, possibilitar á comissão, organizações mais válidas, quer no aspecto técnico, quer também, no possível enriquecimento dos quadros para fazer face a todos os desdobramentos.

A comissão reconhecendo o esforço que muitas vezes é exigido ao juiz de atletismo, com convocações constantes durante a época de pista, que vai desde Março a Setembro, praticamente sem um fim de semana livre, com sessões longas (quatro a cinco horas) apresentou ao director-geral dos Desportos um estudo para a actualização de prémios de presença.

A sessão de ontem, á noite, foi preenchida com o debate sobre a matéria de *corridas*, incidindo especialmente, a discussão no que dizia respeito ao *juiz árbitro, secretário de corridas, juiz de partidas e seus auxiliares; e juiz cronometrista.*

Foi monitor na reunião Jorge de Mendonça Amaris.

Não se trata de meter as mãos pelos pés: o basquete é excelente preparação para os futebolistas e os jogadores do Sporting treinaram-se também assim.

DESPORTO POR DESPORTO DESPORTO

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa

OUTRA VITÓRIA DO BENFICA

Referente á 8.ª jornada do Campeonato de Lisboa em Voleibol, disputou-se no Estádio da Luz, o encontro Benfica-L. Ginásio.

Os «encarnados» venceram por 3-0 (15/1, 15/10 e 15/10) tendo sob a direcção de Alfredo Silva e Fernando Meirim, as equipas apresentado:

BENFICA — Artur Monteiro, Vítor Carvalho, Carlos Figueiredo, João Carlos, Moisés Nobre, João Nogueira e José Barreiros

L. GINÁSIO — Armando Jerónimo, José Sales, Cazal Ribeiro, Joaquim Azevedo, António Ribeiro, Rodrigo Carvalho, Eduardo Sousa e Fernando Simões.

O Benfica começou da melhor maneira, actuando com muito apego e rapidez para evitar qualquer reacção da equipa adversária e vincar desde logo toda a sua superioridade.

O L. Ginásio conseguiu, em parte, melhorar a «recepção» e assim oferecer boa réplica nas ultimas partidas, chegando mesmo a equilibrá-las, principalmente na derradeira em que obteve 5/2, 8/8 e 9/9, mas insuficiente para contrariar a maior força e poder físico dos adversários.

Assim, estes, mantêm-se invictos no comando da prova.

*

Para o campeonato de Juvenis o L. Ginásio venceu o Clf por 3-0 (15/11, 15/9 e 15/6).

AGORA NO BASQUETE: «CHICOTADAS PSICOLÓGICAS»

A moda da «chicotada psicológica» alarga os seus domínios. Agora também ao basquetebol aparecem os subitos «despedimentos» de treinadores cujas equipas não seguem pròpriamente de vento em popa. O «Nacional» de basquetebol tem estado animadíssimo e para maior «animação», três dos concorrentes (B. P. M., Académico e Belenenses) rescindiram os contratos com os seus treinadores, respectivamente o professor Eduardo Nunes, o espanhol Tejada e António Esteves.

Esclareça-se que, enquanto os «azuis» perderam as esperanças no 1.º lugar, as outras duas equipas estão arriscadas a descer de divisão. E daí...

HOJE À NOITE

ANIVERSÁRIOS — Do Sport Lisboa e Benfica (65.º). Sessão solene para distribuição de emblemas de dedicação aos sócios com 25 anos de filiação, na sede do clube, ás 21 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Algés- C. D. U. L. e Internacional - Lisgás, no pavilhão da Ajuda, a partir das 21 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Campeonato de Voleibol: Agronomia - Letras, Direito-Farmácia e Técnico-Industrial, no campo A, a partir das 20 e 30; Medicina-Ciências e Ac. Militar-Económicas, no campo B, a partir das 20 e 30, no estádio Universitário.

HÓQUEI EM PATINS — Taça «Rádio e Televisão»: Oeiras-Belenenses, Paço de Arcos-Cascais e J. Salesiana-Benfica, no Estoril, a partir das 21 horas; C. U. F.-Fut. Benfica, Estremoz-Sintra e C. Ourique-Sporting, na Luz, a partir das 21 horas.

PALESTRA — Do dr. Boavida-Portugal, na sede do Almada A. C., às 22 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato individual de Lisboa, fase final da 4.ª série, em singulares, nas mesas do Andorinha, Desp. da Graça e Desp. Operário, ás 21 e 30 horas.

VOLEIBOL — Campeonato regional de seniores: Nacional de Ginástica-Moscavide, no liceu de Oeiras, ás 21 e 30 horas.

OS 50 ANOS DE EXISTÊNCIA DO S. C. VASCO DA GAMA

PORTO — O Sporting Clube Vasco da Gama a mais prestigiosa colectividade desportiva da popular e típica freguesia da Sé, que conta no seu «palmarés» com todos os títulos nacionais e regionais em seniores (só a equipa feminina não é campeã) clube que tem prestado inestimáveis serviços ao basquetebol portuense e nacional, está a comemorar as suas «Bodas de ouro».

O assinalar dos 50 anos de vida, com o hasteamento da bandeira na sede, pelo associado n.º 1, nosso prezado camarada Joaquim Alves Teixeira (presidente do clube há mais de trinta anos) acto a que se associaram dirigentes de outros clubes e associações, foi o primeiro número de um vasto programa.

Vamos mesmo ter um «novo desporto?»

COIMBRA: O RÂGUEBI EDUCATIVO

• PRECISA DE AUXÍLIO, PARA SOBREVIVER, O MAGNÍFICO «TORNEIO ESCOLAR»

Quando recentemente aqui escrevemos que «...o râguebi sendo, além de um desporto, um método de educação, que, saído dos melhores colégios ingleses, se espalhou por todo mundo...» deveria ser incluído nas actividades normais escolares, não pensávamos que a nossa despretensiosa sugestão já era um pouco tardia. Além da Escola Emídio Navarro, do Liceu Camões e do Liceu Padre António Vieira, a primeira de Almada e os outros dois de Lisboa, já em Coimbra é praticado o râguebi educativo.

Soubemos que na Cidade Universitária, desde há alguns anos já, se disputa um torneio escolar de râguebi educativo entre equipas das turmas do Liceu D. João III e de escolas e colégios locais. O equipamento é fornecido pela Associação Académica de Coimbra, pois os professores liceais que organizam a competição são, também, raguebistas da Académica.

Normalmente inscrevem-se uma dúzia de equipas, o que impõe a realização de seis jogos por semana.

Os «novíssimos» participam entusiàsticamente no Torneio mas é pena que a competição já tenha, por vezes, sido suspensa por carência de equipamentos.

Esta a principal razão do nosso escrito. Se nós, apaixonados pela modalidade não sabíamos de tão boa e sensata iniciativa, o mesmo deverá acontecer às autoridades desportivas, assoberbadas como estão com múltiplos problemas.

Agora, se este problema chegar ao seu conhecimento temos a certeza que o Fundo de Fomento do Desporto conseguirá uns «tostões» para dar ao Toni e a outros que na Lusa Atenas lutam para que o râguebi, desporto modelador de caracteres, criador de amizades, de espírito de equipa e de clã, entre nos hábitos da nossa juventude escolar. No râguebi, o egoísmo morre. É, por excelência, o desporto da cooperação. A unidade é sempre sacrificada ao todo e os praticantes são mentalizados na ideia de que o seu sucesso, mesmo a jogada de brilho aparentemente individual, é, sòmente, a consequência directa do «trabalho do grupo».

A facilidade de retaliação que as regras oferecem força a um respeito pelo adversário, que fica para sempre impregnado no espírito dos raguebistas. Isso, torna-os, mais tarde sociáveis, adaptáveis a todas as situações, decididos e pertinazes, adquirindo, mais fàcilmente a consciência da sua posição de unidades válidas na sociedade.

Por tudo isto há que ajudar o râguebi educativo de Coimbra, pois o auxílio será amplamente recuperado no futuro.

P. A.

NA ALEMANHA

35 500 CLUBES DESPORTIVOS COM 2 345 000 FUTEBOLISTAS

Com os seus 7,5 milhões de filiados, a Confederação Alemã de Desportos é a maior organização de cidadãos livres na Alemanha. No território da República Federal existem 35 500 clubes desportivos e de ginástica. A maior federação é a de futebol com 2 345 000 filiados, seguida pela de ginástica com 1 769 000.

Estes dados só são de molde a insinuar a importância do desporto numa época em que o período semanal de trabalho diminui constantemente, aumentando as horas vagas. Em Outubro de 1966, nada menos de 52,4 por cento de todos os operários e empregados tinham um período de trabalho fixado nos contratos colectivos inferior a 42 horas, e só 18,7 por cento trabalhavam mais do que 42 horas semanais.

O interesse suscitado pelos acontecimentos desportivos não se reflecte apenas no elevado número de espectadores ás competições, mas também nos milhões de ouvintes e espectadores que acompanham os desafios de futebol, as competições de patinagem e outras mais diante dos seus aparelhos de rádio ou de televisão. Não é exagero afirmar que os campeonatos mundiais de futebol ou os Jogos Olímpicos relegam durante semanas para o segundo plano todos os acontecimentos políticos culturais e económicos.

Os desportos de Inverno beneficiam da circunstância de em invernos favoraveis se poder praticar esqui até mesmo nos vales do Maciço Central; além disso, os elevadores - transportadores libertaram este desporto de muitas dificuldades que anteriormente o caracterizavam

CICLISMO INTERNACIONAL

ESPANHA: 680 CORRIDAS!

■ O calendário de provas que a Federação Espanhola de Ciclismo acaba de publicar, comporta o impressionante numero de 680 corridas, 33 das quais têm carácter internacional.

A distribuição das 680 provas por categorias é a seguinte: 53 para profissionais e amadores de primeira especial; 423 para amadores de primeira especial e amadores de primeira e segunda categoria; 198 para juniores; e seis para veteranos.

Acrescente-se que são 26 as Federações Regionais e 55 o numero actual de ciclistas profissionais.

■ O trio formado por Post-Pijnen-Bugdhal proclamou-se vencedor dos Seis Dias de Amberes, depois de cobrirem 3008 quilómetros Em segundo lugar classificaram-se Sercu-De Loof-Van Lancker.

■ Principia hoje e termina no dia 27 a tradicional «Volta á Sardenha», cuja extensão, com o total de 858 km, é a mais curta dos ultimos anos.

■ O ciclista belga Theo Vershueren acaba de bater o «record» do mundo da hora atrás de moto que pertencia a Peter Post desde 28 de Fevereiro de 1965, com 63,783 km.

O novo recordista fixou o máximo em 64,546 quilómetros.

■ Durante o próximo mês de Setembro no velódromo olímpico do México, o italiano Felice Gimondi vai tentar bater o «record» mundial da hora que pertence a Ole Ritter, o qual o estabeleceu em 10 de Novembro de 1968, naquela mesma pista, com 18,666 km.

■ A equipa Fagor-Mercier, agora dirigida por Caput, apresentará na clássica Paris-Nice, a seguinte formação. Poulidor, Wolfshohl, Guimard, Campaner, Jourden, Harrison e Van Roosbroeck.

Janssens, Van Lancker e Chappe figuram entre os candidatos ao unico lugar vago na equipa.

■ Vai realizar-se de novo este ano em Espanha, o torneio inter-velódromos, reservado a amadores de primeira e segunda categorias, que ocupará os meses de Maio, Junho e Julho. Participam no referido torneio os velódromos de Madrid, Anoeta de San Sebastian, Mataró, Igualada, Lérida, Vendrell, Tirador de Palma e Nules, com equipas de sete corredores

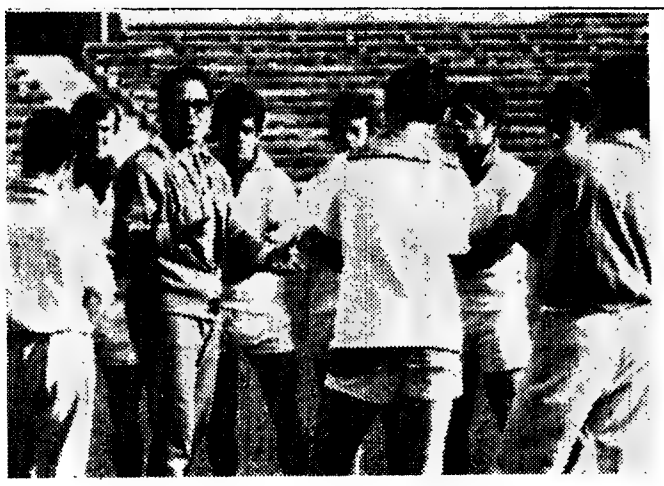
■ De 25 a 31 de Maio, com prémios que ultrapassam os 50 contos, disputar-se-á a Volta Ciclista a Aragon com finais de etapa em Olorón, Teruel, Caspe, Monzón, Ejea de los Caballeros, Benéfar e Alhama de Aragón

■ O primeiro-ministro inglês Harold Wilson inaugurará pessoalmente os campeonatos mundiais de ciclismo que se celebram em Leicester de 6 a 16 de Agosto Por sua vez o príncipe Filipe assistirá ás provas que se disputam no dia 8, sábado

Atletismo feminino

«RECORD» DE PESO

BERLIM, 27 — (F. P.) — Mariana Adam, alemã de Leste, de 18 anos, estabeleceu durante os campeonatos de atletismo em sala o melhor resultado mundial do lançamento do peso, com um arremesso de 17,09 metros. Mariana Adam melhorou de 75 cm a sua própria marca estabelecida o ano passado ao ar livre.



O BENFICA-SPORTING DE AMANHÃ

Houve Benfica-Sporting na quarta-feira («reservas») e haverá nada menos de dois neste fim-de-semana. Enquanto as equipas principais se preparam para mais um «tira-teimas» (que tal como os anteriores não vai tirar teimas nenhumas) os juniores vão entrar em cena, com a final do campeonato de Lisboa da categoria. O jogo realiza-se amanhã á tarde, na Tapadinha, e tanto benfiquistas como sportinguistas contam com a orientação de treinadores que foram jogadores e disputaram muitas partidas Benfica-Sporting. Aqui os vemos, a preparar e animar os seus jovens: Artur, pelo lado dos «encarnados», Lino, da parte dos «verdes».

Propriedades

— VENDAS —

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção, Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires. Rua da Prata, 191, 2.º, Dt.º—Telsf. 325487, 470618. (Junto á P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V.ª Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar, em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755.

Prédios, compra, venda, hipotecas e aplicação de capitais.

A DILIGENTE

Mediadora oficial está ao seu dispor, Rua Carlos Mardel, 2-2.º

Tel. 41364.

Contacto
H. NUNES

PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a

PREDIAL
ROBREL
Rua Rodrigues Sampaio, 69

PRÉDIOS
MORADIAS
QUINTAS
VENDEM-SE
HIPOTECAS

Temos capital para 1.as hipotecas em Lisboa e arredores, juro da lei, com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras.

JOSÉ SANTOS LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
RUA DOS CORREIROS, 101, 1.º
Tels. 327616 - 30707 - 362662

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRÉDIO
AMADORA

Bem localizado, construção em cimento armado, revestido a marmorite, composto de 4 pisos, hab. 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall. Rendimento — 99.000$00. Preço — 1.600.000$00.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3, 2.º — Telefones 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

O LIVRETE QUILOMÉTRICO

DÁ-LHE 20% DE REDUÇÃO
SOBRE OS PREÇOS DA TARIFA GERAL

EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS.

CP - Departamento Comercial - Publicidade

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

BOA COMIDA
GOSTO PELA VIDA
APOSENTOS C/ BANHO
Quinta das Águias
ELVAS — Telefs. 245 — 128

Automóveis

VENDAS:

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N.S.U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G.L.S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M.G. Midget, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod.º 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag.

VENDE:

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 44846.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- **534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B**
- **49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.**
- **769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.**
- **42890 — Táxis Universo, Lda., — Av República, 26**
- **727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda., — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.**
- **539169/539345—BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.**
- **553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.**
- **714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B**

Sobre automóveis

Particular empresta
5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteraç o de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

CENTAUROS

Viagens e Turismo, Lda.
EXCURSÕES — VIAGENS AÉREAS — VIAGENS MARITIMAS — PASSAPORTES

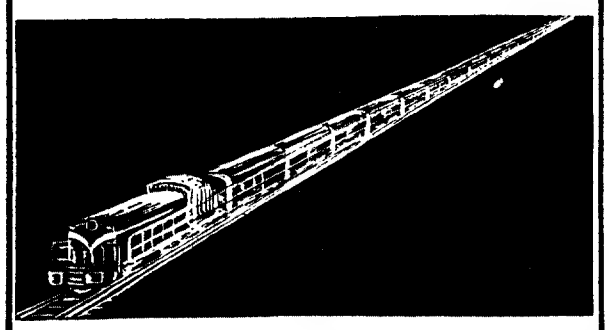
Orçamentos Grátis

Rua Francisco Sanches, 9-B (À Praça do Chile)
Tels. 53 79 08 - 4 87 83
LISBOA

Na GUARDA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vinhas, Suc., Rua Sacadura Cabral, 3,

Despache os pequenos volumes por caminho de ferro

em regime de Tarifa 8/108



Transporte rápido, económico e sem formalidades.

CP — SERVIÇO DE PROMOÇÃO DO TRÁFEGO — Publicidade

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO
SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Direcção do Serviço de Material

Comissão do Plano de Aquisições do Exército

Concurso Publico n.º 3/70
PAE-69

AVISO

Torna-se publico que a DATA DA ABERTURA DAS PROPOSTAS — referentes ao CONCURSO PUBLICO N.º 3/70 — PAE-69 — marcado para 13-MAR.-70 foi adiada para 13-ABR.-70 á hora indicada.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1970.

O Presidente da COMPAE/DSM
Luís Borges Ramos
Ten.-Cor. Eng.º SM

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 22
Fornecimento de VIATURAS

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 20 de Março próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes devem pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 20 de Fevereiro de 1970

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

Concurso para a EXECUÇÃO DOS TRABALHOS DESTINADOS À REMODELAÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA DISPENSA E CONSTRUÇÃO DE CÂMARAS FRIGORÍFICAS.

Até às 15,30 horas do dia 20 do próximo mês de Março, recebem-se propostas feitas em papel selado, dentro de sobrescrito fechado e lacrado, para a execução dos trabalhos em referência.

Condições patentes no Serviço de Abastecimentos, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas.

O ADMINISTRADOR

EXCURSÃO DA C. P.
«FIM-DE-SEMANA»
NA SERRA DA ESTRELA
28 de Fevereiro a 1 de Março

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 28 de Fevereiro e 1 de Março, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Viseu, Mangualde, Fornos de Algodres, Celorico da Beira, Guarda, Belmonte, Manteigas, Poço do Inferno, Penhas Douradas e Seia, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro de grande turismo, alojamento e refeições na Guarda.

PREÇOS

Modalidade 1 ..... 640$00
(Hotel de Turismo, 1.ª classe)
Modalidade 2 ..... 560$00
(Pensão Aliança, 1.ª classe)

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 55: Eurovisão, «Ruby»; 16 e 35: Nós as mulheres; 17 e 5: Culinária; 17 e 30: Desporto em câmara lenta; 17 e 40: TV Educativa; 18 e 10: Teledesporto; 18 e 40: Estudio sem marcação; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Skyppy», (Inovoada de Verão); 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 30: Noite de opera; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: «Os Cavaleiros do Céu» 23: Eurovisão, Festival da Canção Italiana de S. Remo; 24 h.: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Estudio C; 22 e 45: «O Relatório Confidencial»; 23 e 35: Fecho

CASEI COM UMA FEITICEIRA

Porque Darrin não pode acompanhar a sua mulher durante as férias, pelo muito trabalho que tem, Endora resolve, então, transformá-lo em dois: o trabalhador e o divertido.

Assim, enquanto o trabalhador fica em casa agarrado ao trabalho, o Darrim alegre vai para Miami com Samantha.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

O marido de uma doente do dr. Marcus Welbey traz sérios problemas á cura de sua mulher.

«DR. MARCUS WELBY»:

Fios de seda e laços de prata

Cerca das 22 e 5, será exibido o episódio «Fios de seda e laços de prata», da série «Dr. Marcus Welby», com Robert Young no protagonista.

*

«Uma famosa artista sofre a ruptura de um vaso sanguíneo do cérebro e sujeita-se a uma operação.

Fica sem fala e sem andar e mercê de grandes esforços e do interesse dos seus médicos, volta a poder dar uns passos e a articular palavras.

O marido ansioso pela sua recuperação, e até certo ponto inconsciente, dos verdadeiros problemas da mulher, provoca outro grave ataque...»

II Programa

NOITE DE CINEMA:

«PRIMAVERA»

A emissão de hoje é inteiramente preenchida com a rubrica «Noite de Cinema» que apresenta, a partir das 22 horas, o filme de grande metragem «Primavera» (Maytime) com Jeanette Mac Donald, Nelson Eddy e John Barrymore. Realização de Robert Leonard.

Apresentado já na Rede Nacional em 29 de Agosto de 1967, este filme conta-nos a história de Naceih Mornay, famosa «Prima Dona», que caminha de sucesso em sucesso. Faz um casamento sem amor mas a sua paixão, que ela não quis aceitar quando ainda solteira, volta de novo à sua vida, inesperadamente...»

TV JUVENIL

Este programa, coordenado por Maria do Sameiro Souto, inclui as rubricas: «Os Homens, os Livros e as Coisas», por Joaquim Manuel Magalhães, que falará sobre a vida e a obra de Irene Lisboa; e «Juventude no Mundo». Neste magazine de actualidades são apresentados dois documentários: um sobre uma fábrica de «skis», na Alemanha, e o outro sobre o Jardim Zoológico escolar localizado em Wiltz, no Luxemburgo.

RECITAL:

ÁRIAS DE HAENDEL

São interpretadas três Áreas de Haendel no recital de canto de Germana de Medeiros, que a R. T. P. transmite pelas 23 e 5. Participam Manuela Menano (piano); Luís Boulton (flauta) e António Serafim (oboé). Realização de Henrique Pavão.

canal da crítica

AMORÊNCIA, FADÊNCIA, CONDECADÊNCIA

«O jogo da vida» deu-nos uma história pouco habitual no seu esquema: uma história de amor. Marido e mulher ficaram ela desfigurada e ele cego por um ataque a ácido sulfúrico. Ele diz que vai fazer operação à vista para encontrar o apagador e o desfigurador, mas ao mesmo tempo vai ficando em casa, a fim de atrair o criminoso a uma cilada. É atacado a tiro, quem é, quem não é, e vai-se a ver, ó mirones, quem é? A mulher dele que, por amor, o quer matar para que ele não a veja tão tão tão desfiguradinha como está. Bela história de amor, sim senhores. Histórias assim nem o O'Henry caramba,

Linda história de amor, e pronto. Nada mais a dizer, pois a felicidade não tem história. Antes do «Jogo da vida» vimos mais uma sessão de fados e a rubrica «Convergência».

Beatriz da Conceição e Nuno Aguiar, como intérpretes do fado, deram-nos, uma das sessões mais equilibradas dos últimos tempos. Ambos sabem que interpretar (o fado, ou outra coisa qualquer) não significa despejar. Há que cantar com um mínimo de atenção e de intenção. Valorizar as palavras, enriquecer a linha muito débil do fado com uma interpretação pessoal, eis o que na actuação de ambos os fadistas se tornou notório. Nuno de Aguiar, nitidamente das hostes de Marceneiro, surpreendeu-me pela segurança da interpretação, em especial no fado com poema de Vasco de Lima Couto. Beatriz da Conceição interpretou bem a letra nada fácil de António dos Santos.

Houve um relativo equilíbrio na relativa qualidade dos poemas relativos. Infelizmente, os nossos fadistas pecam por uma quase absoluta ausência de espírito crítico: cantam o que lhes metem na boca. Depois de uns versos de Vasco de Lima Couto, por exemplo, Nuno Aguiar caiu em interpretar uns versos rodeados de deserto por todos os lados:

Ruas antigas
da nossa antiga Lisboa
onde o fado teve a coroa
mais bela do seu reinado,
tenho a certeza
que não se podem esquecer
enquanto em Lisboa houver
uma voz que cante o fado...

Os nossos realizadores ainda não se deram conta do prejuízo que podem trazer os figurantes a estas sessões fadistas. A frieza, a ausência, o silêncio profissional e as palmas da praxe, os olhos astutos voltados para as cama-

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 5: O Orfeão de Leiria; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18: Sinal horário — Noticiário — Resumo do programa; 18 e 5: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 38: 218.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares», original de Oliva Guerra; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em Três Actos «Os Diálogos das Carmelitas», de Poulenc. Cantores: Florence Raynal; Solange Michel; Berthe Monmart; Lillian Berton; Ibert Voil e Álvaro Malta. Coro do Teatro Nacional de S. Carlos e Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Jean-Claude Hortemann; No primeiro intervalo (cerca das 22 e 20), Temas Sociológicos, pelo dr Carlos Cunha e musica de piano de Rachmaninoff e de Villa-Lobos; No segundo intervalo (cerca das 23 e 30), o violoncelista Janos Starker: — Suite n.º 3, em dó maior (Bach); 1 e 50: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 18: Preludio á Sesta dum Fauno (Debussy), pela Orquestra de Concertgebouw de Amsterdão, dirigida por Jean Fournet; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de câmara; 18: Musica portuguesa — Abertura da ópera «Semiramis» (Marcos Portugal); 19: orizonte Literário, por Armândio César e Mário António, 19 e 15: O Canto e seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de piano—Jeux d'eaux à la Villa d'este (Liszt), por Pierre Barbizet; 20 e 30: Musica de câmara; 21: De tudo um pouco; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 5: O Homem e a Sociedade, pelo dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por António Paliva e Ana Maria Xavier; 22 e 50: Musica ligeira; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

Emissão estereofónica — Às 21: Fantasia para cordas (1966), de Hans Werner Henze; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de São Carlos, da ópera em três actos «Os Diálogos das Carmelitas», de Poulenc; 23: Fecho

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: 1.º Disco; 19 e 25: Panorama das Ideias Contemporaneas; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18. E'a e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Em foco; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; 1 e 03: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ele e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Noite dia e dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 288,2 m — 1086 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 23 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Emissores Associados de Lisboa — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

é o nosso cartão de visita!

Rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos
à escolha do cliente, por escritura pública

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Lisboa-Pr. Marquês de Pombal;
Reboleira-R. D. Diniz; Paço d'Arcos (Espargal);
Cascais (rectaguarda do Hotel Baía).

J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15 - 1.º - Telfs. 45843 - 47843 - QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 - Telfs. 952021-22
REBOLEIRA: Amadora — serviço permanente — Telf. 933670

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 26 – 9.ª Época

O Alcoa — 1X1 212 211 X211; Brados do Alentejo — 111 X12 12X X2XX; Comércio de Portimão — 111 111 111 1111; Diário da Manhã — 111 211 XX1 XX11; Estrela da Manhã — 1X1 111 X1X 22X1; Eu Sei Tudo — 111 111 121 X2XX; Folha do Domingo — 1X1 21X X11 2X1X; Gazeta do Sul — 111 XX1 1X1 X221; Jornal do Fundão — 11X 2X1 21X 121X; Jornal da Lixa — 1X1 111 112 11X1; Jornal de Sintra — 111 X11 X11 222X; Linhas de Elvas — 121 212 111 2X11; Notícias de Chaves — 1X1 X11 XX1 1XX1; Povo Algarvio — 121 211 211 X221; Rádio Sports — 111 111 111 2111; Reconquista — 111 111 X11 2221; Republica — 1X1 111 221 22X1; O Telégrafo — 1X1 X11 121 1221; O Templário — 221 211 111 2X11; Açores (Desportivo) 111 111 XX2 2221; Cavalgada do Ritmo 1X1 111 XX1 1XX1; Correio do Vouga — 111 X11 111 2111; O Distrito de Setubal — 1X1 XX1 2X1 21XX; Ecos de Cacia — 1X1 X11 121 X111; Eco do Funchal — 111 X11 1X1 2X11; A Ilha (Desportiva) — 111 11X 1X1 X22X; Imagens Piedenses — 121 111 X11 2221; Jornal de Santo Thyrso — 1X1 X12 221 X1X2; Mundo Desportivo — 111 211 1X1 1X2X; Notícias de Gouveia — 1X1 X11 X12 1221; Domingo Alegre — XX1 X12 111 121X; Roteiro Sonoro — 11X X11 X22 11X1; Terceiro Programa — 111 X1X 121 X111; Passatempo — X11 221 1X1 11X2; Bondiazinho — 121 21X X12 11X; Cidade 70 — 21X 2X1 122 11X2; Vamos Jogar no Totobola — 111 X11 X11 222X; Notícias — 1X1 X1X X11 XX22; Diário — 121 211 1X1 2X1X; Diário Moçambique — 1X1 XX1 221 221X; Brado Africano — 12X 211 X12 2X12; Jornal Desportivo — 1X1 211 X11; 2X2X; Notícias de Felgueiras (SD) — 1X1 2X1 111 2X11; Notícias de Felgueiras (Tot) — 111 11X XX1 X211; Notícias da Guiné — 1X1 211 111 2XXX; Póvoa de Lanhoso (CA) — 11X X11 121 X2X1; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 121 X11 121 1221; Prog. Electro Mecânico — 111 121 XX1 1111; Prog. da Manhã — 111 X11 X21 1X21; Prog. Só Rádio — 121 21X 111 X22X; A Rabeca — 111 X11; 211; 22X1; Rádio Altitude — 111 X11 X11 X121; Rádio Oceano — 1X1 211 11X 2221; Rádio Placard (ENR) — 121 211 XX1 1X21; Rádio Placard (RCP de Lx) — 1XX 211 121 1X21; Rádio Placard (RCP) — 122 X11 121 1X21; Rádio Ribatejo — 121 X1X 221 2X2X; Renovação — 1X1 X11 X11 2211; Repórter do Dia — 111 111 XX1 2X11; Repórter do Dia (Angola) — 1X1 X11 111 X221; Sorriso da Hora do Almoço — X1X 1X2 X22 1X11; Sporting — 1X1 211 X1X 22X1; Terra Alta — 121 11X 1X1 12X1; Diário de Lisboa — XX1 XXX 211 2X11; Notícias da Amadora — 111 2X1 X21 1211; Prog. Almanaque — 1X1 111 X2X 21X1; Auto Rádio — 111 111 111 X2X1; Boletim Desportivo RP 111 X11 111 1211; Boletim Desportivo TA — 121 X11 2X1 21X1; Cantinho Ricardo Lemos — X21 111 XX1 XXX1; O Comércio do Porto — 1X1 211 XX1; XX2X; O Concelho de Estarreja — 11X 211 XX2 112X; Correio de Coimbra — 1X1 11X XX1 12X1; De Tudo Um Pouco — 111 111 1X1 X111; As 10 Espere Por Nós — 1X1 21X 1XX 1XX1; Defesa de Espinho — 111 211 X11 21X1; Diário do Alentejo — 111 211 1XX X221; Diário de Coimbra — 111 X11 211 1XX1; Diário do Minho — 12X XX1 22X 2221; Diário do Norte — 111 X11 2X1 11X1; Diário do Sul — 111 X11 XX1 21X1 Ecos do Desporto — 1X1 X11 111 X2X1; Dos Fracos Não Reza a História — 212 22X 2X1 1221; Ideal Rádio — 1X1 X11 111 X121; Jornal do Barreiro — 1X1 X11 X11 X21X; Jornal da Beira — 111 2X1 111 XXX1; O Jornal de Felgueiras — 121 X11 211 22X1; Jornal de Notícias — 1X1 111 121 XX11; Jornal do Sul (AD) — 1X1 111 XX1 X221; Jornal do Sul (TL) — 111 X11 XX1 2221; Jornal de Viseu — 111 111 XX1 X22X; Litoral — 1X1 112 211 X2X1; Maria da Fonte (Desp) — 111 111 111 2X11; Maria da Fonte (VP) — 111 X11 111 XXX1; Momento do Totobola — 111 111 111 1111; Musica e Desporto — 1X1 211 121 X12X; Notícias do Douro — 111 X11 X11 22X1; Notícias de Guimarães — 1X1 X11 X1X 22X1; A Ordem — 111 211 X11 XX11; Peça que Não Maça — 1X1 X11 111 XX11; Passatempo — 1X1 21X 111 21XX; Porto — 111 X11 1X1 21X1; Norte Desportivo — 1X1 X11 1X1 X211; A Lição do Menino Quim — 11X X11 X21 1X11; Penalti — 1X1 111 221 2211; Vamos á Bruxa (Adesivo) — 121 X11 XX1 1111; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 1X1 211 XX1 X111; Correio do Douro — 111 111 1X1 1X11; Comércio de Leixões (Desp.) — 1X1 X11 1X1 X221; Comércio de Leixões (DTUP) — 111 111 X11 22X1; Colina Sagrada — 1X1 111 X11 1111; Resenha Desportiva — 1X1 111 1XX X221; Prog. Sem Nome — 111 211 121 X1X1; Rádio Clube do Norte — 1X1 XX1 X11 111X; Notícias d'Évora (VJT) — 1X1 211 X21 X2X1; Notícias d'Évora (VD) — 111 X1X 1X1 2X12; A Voz — 1X1 211 211 2X11; A Voz do Casa Pia — 1X1 X11 X11 XXX1; A Voz Desportiva — 111 X11 2X1 221X; A Voz do Domingo — 111 111 XX1 2X11; Voz de Lamego — 121 111 2X1 2221; Voz de Palmela — 1X1 211 121 X1X1; A Voz dos Ridículos — 111 X11 111 1211; Novidades — 1X1 2X1 111 2221; A Nossa Chave — 1X1 X11 X11 2X21; Diário — 1X1 111 2XX 2211; Comércio — 1X1 X11 111 1X1X; Apostolado — 11X 111 2XX 2X11; Notícias do Totobola — 121 21X XX1 1XX1.

RESUMO

CONCURSO N.º 26

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1.	Barreirense-U. Tomar	120	5	4	10	1	1	
2.	Porto-Setubal	55	54	20	5	5	2	
3.	Varzim-Braga	116	11	2	10	1	1	
4.	Benfica-Sporting	36	54	39	3	5	4	
5.	Guimarães-Boavista	113	13	3	10	1	1	
6.	Belenenses-Cuf	106	16	7	10	1	1	
7.	Espinho-Beira Mar	54	51	24	5	5	2	
8.	Famalicão-Salgueiros	58	44	27	5	4	3	
9.	T. Novas-Penafiel	107	13	9	10	1	1	
10.	Santarém-Farense	38	41	50	4	4	4	
11.	Seixal-Atlético	31	42	56	3	4	5	
12.	Peniche-Torriense	48	43	38	4	4	4	
13.	Oriental-Sesimbra	97	26	6	9	2	1	

E o prognóstico lógico será: 111 X11 111 2211

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

É inaugurado na próxima semana o Salão Nauticampo

No dia 5 do próximo mês, pelas 16 horas, com a assistência do sr. Presidente da República e membros do Governo, é inaugurado, na Feira Internacional de Lisboa, o Salão Nauticampo-4.º. Na véspera, ás 11 horas, haverá uma visita pré-inaugural dedicada aos órgãos de Informação.

Esta exposição internacional, em que se apresentam as mais recentes novidades em equipamentos de recreio náutico, aeronáutico e de campismo, assinala a expansão registada naquele sector, tanto em Portugal como além-fronteiras.

Campanha de Ressuscitação Cardiorrespiratória

Continua com grande actividade a Campanha Ressuscitação Cardiorrespiratória que a Cruz Vermelha Portuguesa lançou no nosso País. Estão, ainda, abertas as inscrições para o próximo curso, o sexto, que terá início no próximo dia 3 de Março, encontrando-se por preencher cerca de trinta vagas para professores de um grupo especial que a campanha R. C. R. visa treinar com particular atenção. Os professores (de qualquer nível) estão em condições especiais para salvar vidas de eventuais vítimas de morte subita que possam ocorrer na escola.

Existem também algumas vagas para firmas e hospitais que desejem aderir ao plano de Popularização da R. C. R. e ainda, para pessoal médico, hospitalar, para-médico e para-hospitalar.

Para qualquer inscrição ou informação basta visitar a sede da Campanha, no Posto 1, da C. V. P., no Terreiro do Paço ou telefonar para 32441.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ras, as figuras já conhecidas de umas sessões para outras, etc., são factores que carregam de pontos negativos as sessões já de si tão pouco positivas.

De duas, uma: ou o fado tem vivência, seja onde for, e então é lá que o pássaro deve ser caçado ou, na impossibilidade, o levam pura e simplesmente para diante das camaras, despido de ambientes sofisticados e aldrabões.

Quanto a «convergência», tudo se relata em duas palavras e por razões opostas ao «Jogo da Vida» — o que bem se entende, pois aqui o jogo é outro: aqui é a infelicidade que não tem história.

Festejaram-se os anos da página literária do «Diário de Notícias», de que é ilustre colaborador o produtor de «Convergência»; em «Os Ventos da Rosa» falou-se de Agostinho de Campos, de Fernando Reis, Tomás de Figueiredo (*«escritor inconfundível...» «toda a humanidade aberta dos escondidos mundos fechados...»*) Damião Peres, Svetlana «ex-Staline, etc.; Fernando Botelho dedicou a sua crónica a Maria Judite de Carvalho; e todo o restante espaço se ocupou com a reportagem da sessão de Alfredo Guisado na Livraria Quadrante. Leram versos do homenageado, Vitorino Nemésio, Natália Correia, António Ramos Rosa, Fernando Grade, Maria Alberta Menéres e finalmente, em macroplano, José Carlos Ary dos Santos. Com estas presenças muito se enriqueceu a Televisão Portuguesa. O telespectador, amante do humor negro ou das tradicionais cegadas carnavalescas, não terá perdido a oportunidade de rir a bandeiras despregadas com a gravidade ou o dramatismo de António Ramos Rosa, Ary dos Santos e Natália Correia.

MÁRIO CASTRIM

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CARTAZ DOS CINEMAS

POLITEAMA
(M 17 anos) Tel. 326305
Às 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA:
O INCOMPARÁVEL FRANCO NERO, NO SEU FILME MAIS SENSACIONAL
TEXAS ADEUS!
com Cole Kitasch e Elisa Montes
UMA HISTÓRIA DE MORTE ENTRE FERAS HUMANAS
(Scop Color)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Panavision Technicolor
2.ª SEMANA
Steve McQueen em
OS RATONEIROS
segundo a novela de William Faulkner no seu romance «THE REIVERS» vencedora do Prémio PULITZER
com Sharon Farrel
Um filme invulgar

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma obra-prima da moderna literatura
OS RATONEIROS
c/ Steve McQueen
Um filme excepcional

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 21.30
em continuação de
ESTREIA
Ugo Tognazzi e Isabella Rei em
A REBOLONA

RESTELO
(Adultos) Tel. 610375
Às 21.30
em continuação de
ESTREIA
7.ª semana
O mais cotado filme da temporada
A PRIMEIRA NOITE
com Anne Bancroft e Dustin Hoffman

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
RAPARIGAS MODERNAS

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Às 17 e 21.30
AS FEITICEIRAS
com Alberto Sordi e Raquel Welch

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Virna Lisi, Peter McEvery e Gabriele Ferzetti na mais imprevista das comédias!
A VIÚVA QUE NÃO CASOU...
De noiva a viúva... apenas numa noite (e que noite)

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Até onde é capaz de ir uma mulher?
AQUELE DIA FRIO NO PARQUE
com Sandy Dennis

QUINZENA
O AMOR NO CINEMA
Hoje — 18.30 h. — Adultos
CAMINHO PARA DOIS, de Stanley Donen, com Audrey Hepburn, Albert Finney, etc.
Próx. Quinzena: «Western»
(início a 2 de Março)

ROMA
Tel. 727778
HOJE NÃO SE EFECTUA A HABITUAL SESSÃO DA NOITE
SALA RESERVADA PARA A MOVIERECORD PORTUGUESA

A V I S O

O cinema Roma interrompe hoje a sessão nocturna de «Condirencialíssimo», por motivo da realização do Festival de Publicidade Filmada Internacional, promovido pela Movierecord Portuguesa e Telecine-Moro.

Realiza-se, apenas, a matinée das 15.30 horas.

Amanhã, «Confidencialíssimo» retoma a sua carreira normal de exibição.

(ADULTOS)

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª semana de lotações esgotadas
Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse!
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
COMO ROUBAR O MUNDO
MELODIA INTERROMPIDA

EDEN
(M. 12 anos) Tel 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Techniscope — Eastmancolor
Um quinteto explosivo; dois homens, duas mulheres... e o diabo
OS 5 AVISOS DE SATANÁS
MADALENA IGLÉSIAS
AMÉRICO COIMBRA
CRISTINA GALBO
ANTERO FERNANDES

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Eu... tu... ela... nós... vós... elas...
Brigitte Bardot e Maurice Rovet
AS MULHERES
Eastmancolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª Semana — Uma obra-prima
A obra máxima de Carl Th. Dreyer
DIA DE CÓLERA

ODEON
(M 12 anos) Tel 326283
Às 16.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA de êxito sensacional com o filme português
O DESTINO MARCA A HORA
com Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner

ATENÇÃO — BILHETES À VENDA PARA OS DIAS SEGUINTES

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma história de saborosa malícia!
MARIDO VELHO... ...MULHER NOVA
com Rosanna Schiaffino e Philippe Leroy

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
ÀS 21.30
Um maravilhoso espectáculo no «ecran» gigante — 70 m/m
HELLO DOLLY
com a genial artista
BARBRA STREISAN

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Para assinalar o XX aniversário do Cinema S. Jorge
Um filme de François Truffaut
A SEREIA DO MISSISSIPI
com Jean-Paul Belmondo e Catherine Deneuve

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
DEBORAH KERR e DAVID NIVEN
numa comédia sensacional que reflecte todo o momento actual
SARILHOS CONJUGAIS

CONDES
(M 17 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15 18.15 e 21.30
Annie Girardot, Francis Blanche e Jean Yanne
CONFIDENCIALISSIMO
Prémio Femina — Paris 1969

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
15.ª SEMANA
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroiani

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Às 21 horas
O CÉREBRO
A ORQUÍDEA NEGRA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Pega de caras» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e às 23: «O vison voador» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e às 23: «Peço a palavra» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionário» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «A máscara do Demónio» (17 anos)
ARCO IRIS—Às 21: «Madame X»
ROYAL — Às 21: «Mullit» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O grande ajuste de contas» (17 anos).
CINEARTE — Às 21 e 30: «Uma arma entre mil» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Ossos do ofício» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Inferno no Vietnam» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Estrela negra» (12 anos).
S L BENFICA — Às 21 e 15: «Piratas em bikini» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «O mercenário» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Istambul, missão sangrenta» (17 anos)
LUMIAR — Às 21: «A caminho de Oregon» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Diabolik» (17 anos)
PROMOTORA—Às 21: «Boa-noite, Sr.ª Campbell» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D João V — Às 21 e 30: «O magnífico intruso» (12 anos).
AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «Submarino X-1» (12 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — Às 21 e 30: «A noite é feita para roubar» (17 anos)
ESTORIL — Casino — Às 17 e às 21 e 30: «As Feiticeiras» (17 anos)
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «Bola de fogo 500» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — Incrível — Às 21 e 15: «Viva Django» (17 anos).

Cinco «Prémios de Imprensa» reunidos em «Forja»

«Forja», a obra-prima do saudoso escritor Alves Redol, porventura a mais apaixonante história dramática transplantada para tablados portugueses nesta década, agrupa — num cartaz elaborado e apresentado por Vasco Morgado — cinco «Prémios de Imprensa», caso inédito nos anais do Teatro do nosso País. Assim, além de Alves Redol (considerado pelos jornalistas o «melhor autor do ano»), temos no desempenho de «Forja» a prestigiosa actriz Carmen Dolores (o maior nome da temporada), Jacinto Ramos (já distinguido em 1963 e 1966 com «Prémios de Imprensa»), a revelação da época teatral (a jovem Manuela de Freitas) e, ainda, o primeiro encenador de 1969, Jorge Listopad, que colocou nesta obra de intenso dramatismo, que todas as noites faz esgotar as lotações do Teatro Laura Alves, a violência e a ternura que, em doses capitais, distinguem a pena de Alves Redol.

Porém, o elenco de «Forja» que se exibe todas as noites pelas 21 e 45, no Teatro Laura Alves, patenteia outros motivos de interesse: além dos protagonistas (Carmen Dolores e Jacinto Ramos, inexcedíveis de talento) estão nas quarteladas do belo teatro da Rua da Palma, Sinde Filipe, Manuela de Freitas, António Montez, Norberto de Sousa, Maria Margarida, Luís António e Alexandre Careto. Hoje, quinta-feira é o dia de descanso da companhia. Aos sábados (16 horas) e aos domingos (pelas 16 e 18 horas) «Forja» exibe-se para os espectadores que esperam pelas «matinées» para admirarem a mais empolgante obra teatral de duas temporadas.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
PREMIADO PELO SNI

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
antónio
AMANHÃ
DOBRADA À ANTÓNIO
DOMINGO
CABRITO NO FORNO
Rua Tomás Ribeiro, 63

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — **Moura**, Trav do Memória, 55 (630944) ✲ **Biotifar**, Rua D João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — **Beirrão**, R Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — **Confiança**, Av Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — **Zil**, Av da Igreja, 9-D (711780) ✲ **Roma**, Av de Roma, 85-B (772466) ✲ **S. João de Deus**, R Pedro Ivo -A-B (725140).
AMOREIRAS—**Britânica**, Trav Légua da Póvoa, 5-B (689250)
AREEIRO — **Garantia**, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ✲ **Imperial**, Av Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — **Alcântara**, Av da Repub., 74-A (771379) ✲ **Vale**, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✲ **Dalva**, Av Duque de Ávila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião**, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 27 n.º 41 (311216).
BAIXA—**Fernandes**, R. de S. José, 187 (326476) ✲ **Azevedo, Filho**, Pr. de D Pedro IV, 31 (327478).
BENFICA — **União**, Est de Benfica, 592-594 (700092) ✲ **Alegria**, Est de Benfica, 80-A-B (780511).
CAMPO DE OURIQUE — **Lobet**, R. de Infantaria 16, 98-B (688807) ✲ **União**, R. Saraiva de Carvalho, 119 (663643).
CAMPOLIDE — **Salutar**, Rua B, 75-A-B Bairro da Liberdade (683694) ✲ **Pinto**, R de Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — **Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (553468).
ESTRELA — **Andrade Ribeiro**, Av Infante Santo, 66-B (666971).
ESTEFÂNIA — **Mundial**, L D Estefânia, 9 (45578).
GRAÇA — **Ziller**, R. de S Tomé, 54-56 (862835).
LUMIAR — **Central do Lumiar**, R. do Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Alam. das Linhas de Torres, 93-A-B (791181).
MADRAGOA — **Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102 (662631)
OLIVAIS — **Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (311237).
PENHA DE FRANÇA—**Central da Penha**, Rua Penha de França, 58-60 (849245) ✲ **Vitális**, Rua Morais Soares, 66-A (843011).
PICHELEIRA — **Luzmar**, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (728395-970703)
PRICIPE REAL — **Albano**, R. da Escola Politécnica 59 (326750)
REGO — **Baptista**, Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)
ST.º AMARO — **Correia de Azevedo**, R Luís de Camões. 42-B (638625)
S. BENTO — **Maz Teixeira**, Rua Poço dos Negros, 115 (679961).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Freitas**, Rua Zófimo Pedroso, 1-13 (38 36) ✲ **Banha**, Est. de Chelas, 173-175 (382241) ✲ **Frazão**, R da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019).
PALHAVÃ — **Canto**, Est das Laranjeiras. 202-B (780841)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Branco** — Av. Comb G Guerra 29 (Tel. 212081)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS—**Trindade Brás**—Rua Costa Pinto, 166 (Telefone 2432034)
OEIRAS — **Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98 (T 2430090).
PAREDE — **Alsir** — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel 2472948).
ESTORIL — **Parque**, Arcadas do Parque, 3 (Tel 2601911)
CASCAIS — **Cordeiro**, Av. Comb. G Guerra, 40 (Tel. 280170) ✲ **Nova**, Est. de Alvide — Fontainhas (Tel 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Cavaca** — R Elias Garcia, 209 (Tel 930019); **Flama** — Rua Elias Garcia, 78-B (Tel 932485), **Confiança** — Av. D Nuno Álvares Pereira. 5-A (Tel 938149)
DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
QUELUZ — **Gil**, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 9501117) ✲ **Simões Lopes**, Av Elias Garcia, 51 (Tel. 9501123).
CACÉM—**Central**—R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Misericórdia**, L. Dr. G. de Almeida, 2 (Tel, 980391)
VENDA NOVA — **Nova** — R. Elias Garcia, 10 (Tel 939920).
COLARES — **Colares** — **Abrejo** (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes**, L Coronel Ramos da Costa 0 (Telefone 234 37
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis 30 (Telefone 2240201)
ALMADA — **Algarve** — Rua Fernão Lopes, (Tel 270271)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional 74 (Telefone 22 43 02)
BARREIRO — **Avenida** — Av Alfredo da Silva, 88 (T. 2278212).
COVA DA PIEDADE — **Império**, R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356
MOITA — **Silva Rocha**, P. da República, 16 (Telef. 2890219).
MONTIJO — **Higiéne**, R José Joaquim Marques, 142 (T 230370)
SESIMBRA — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — **Bocageana** — R. do Romeu (Tel 23425); **Bairros** — B.º Santos Nicolau (Tel. 23330)
SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja 5 (Tel 228580)

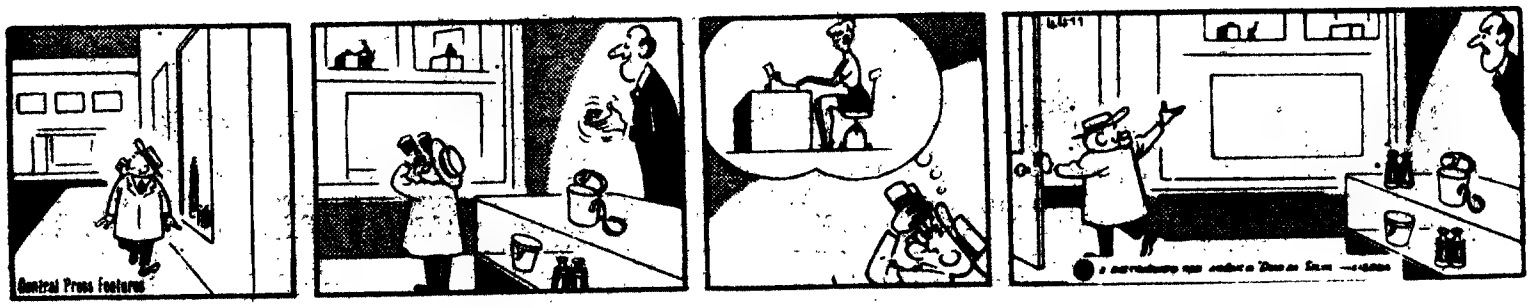
SERVIÇOS URGENTES

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, Idem e feriados, 382069**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.**
POLÍCIA e G. N. R. — **Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 866141 ✲ Judiciária 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.**
TRANSPORTES—**Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos de ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.**
BOMBEIROS — **Sapadores, 322222 Voluntários, 538524.**

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

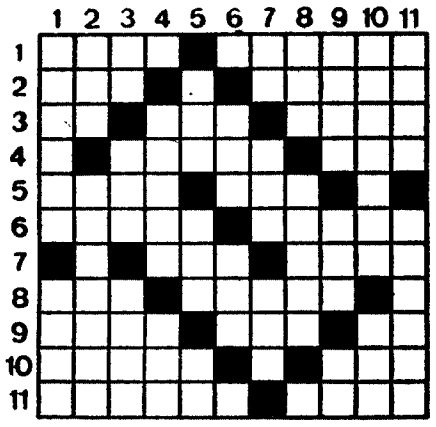
(UM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5459

HORIZONTAIS: — Aquele que. Embaciar. 2 — Larva das feridas dos animais. Espesso. 3 — Preposição e artigo definido. Uma das Espórades Empregos. 4 — Nome de mulher. Mau cheiro. 5 — Soas. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 6 — Calculam. Faleça. 7 — Cháste Luz da Lua. 8 — Cabelos brancos. Possuia. 9 — Uma das partes do Mundo. Ecoe. Cérto (a. q.). 10 — Rio da França. Madeira (abrev.). 11 — Lanço sementes. Rolador.

VERTICAIS: 1 — Que numero. Tombas. 2 — Boi selvagem. Enfeitasse. 3 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Fecham as asas para descer mais depressa. 4 — Unes por casamento. Matemática (abrev.). Nesse lugar. 5 — Pesar. Matemática (abrev.). Nesse lugar. 6 — Consentimento. Rio de Portugal. 7 — Prefixo que designa afastamento. Medida de líquidos usada na Suíça. Pronome pessoal. 8 — Título honorífico na Índia. Aparelha. 9 — Catarafalca. Antiférlia. Rullm. 10 — Acametera. Óxido de cálcio. 11 — Nome de flor. Ponho longe.

Resolveu completamente este problema. Resolva agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5458

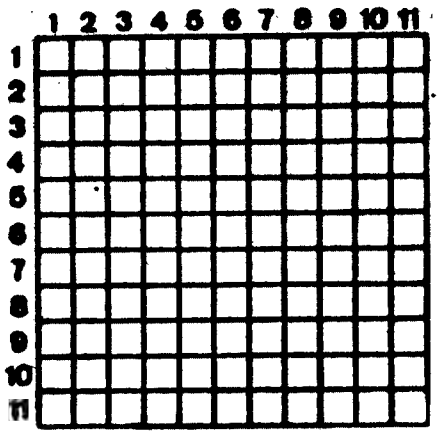
HORIZONTAIS: — Safam. Dotar. 2 — Selva Elara. 3 — Reprovara. 4 — Leitoso. 5 — Má. Par. Ca. 6 — Orara. Amora. 7 — Rta. Api. 8 — Terra. Ruiam. 9 — Alão. Sado. 10 — IM. TAL. Rái. 11 — Sósia. Acaso.

VERTICAIS: 1 — SS. AMO. TAIS. 2 — Aer. Arrelio. 3 — Fiel. Aerais. 4 — Arpe. Raro. 5 — Maripa. Tá. 6 — Ota. Ba. 7 — Devora. Lá. 8 — Olas. Maus. 9 — Taro. Opiara. 10 — Ara. CRIADOS. 11 — Rã. Coa. Mafia.
PROVÉRBIO: **Tal amo, tais criados.**

PROBLEMA N.º 9302

HORIZONTAIS: — Cidade da Suécia. Tolera. 2 — Atasca. Escavas. 3 — Artiéria. Esteiro. Letra grega. 4 — Oferece. Pontal de areia em frente de Setubal. Sufixo que designa estado. 5 — Pedrá de altar. General de Napoleão. 6 — Comer a ceia. Cidade da Úmbria. 7 — Ampla. Continua. 8 — Artigo definido. Troça. 9 — Sufixo que designa pequenez. Distrito da Índia Portuguesa. Rio da Suíça. 10 — Arrostar. Pisa. 11 — Ecoara. Combinas.

VERTICAIS: 1 — Libré. Raças. 2 — Trata por tu. Apelido. 3 — Balella. Prefixo que designa ar. Vazia. 4 — Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis. Suporta. Atmosfera. 5 — Descreverá. Grande. 6 — Satélite de Jupiter. Porco. 7 — Serenar. (Fig.) Mau cheiro. 8 — Pronome pessoal. Que é do ar. O mais. 9 — Liga. Filha do estado da Baía. Acolá. 10 — Largo de Lisboa. Trava luta com. 11 — Planta vivaz e medicinal. Encaterizas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9301

HORIZONTAIS: — Respiraram. 2 — Ouro. Adia. 3 — Lãs. Ena. Aos. 4 — Olaia. 5 — Salgo. Surda. 6 — Pai. Rio. 7 — Parva. Lesma. 8 — Abria. 9 — Agá. Ais. Mau. 10 — Dama. Lima. 11 — Apertaremos.

VERTICAIS: 1 — Rolas. Prada. 2 — Eia. Apa. Gap. 3 — Srs. Lar. Ame. 4 — Pó. Ogiva. Ar. 5 — Elo. Aba. 6 — Runa. Riga. 7 — Ais. Lis. 8 — Rã. Áurea. Lê. 9 — Ida. Ris. Mim. 10 — Aia. Dom. Amo. 11 — Massa. Atuas.

CARPETES - PASSADEIRAS - TAPETES
TECIDOS PARA DECORAÇÃO E ESTOFO
ÚLTIMA SEMANA DOS NOSSOS SENSACIONAIS SALDOS
TAPETES desde 12$00
PASSADEIRAS desde 65$00
CARPETES desde 120$00
RETALHOS DE TECIDOS desde 5$00
TECIDOS EM SEDA desde 25$00
VELUDOS LÃ a 76$00
FAÇA UMA VISITA E APROVEITE A ÚLTIMA SEMANA
RAUL NETO, L.DA
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º, c/ elevador
(Esquina R. Prata)

Interessa às Senhoras
SALDOS
Uniformes para empregadas domésticas
★ menos actualizados ★
DESDE 40$00
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA
TINTURARIA GUANABARA
Av João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

HÁ 30 ANOS

Na sua edição de 27 de Fevereiro de 1940, o «Diário de Lisboa» publicava as seguintes linhas:

«O sr. Presidente do Conselho falou ontem, na reunião das comissões da União Nacional de Lisboa, com o propósito evidente de que as suas palavras chegassem a todo o País. (...) Com o seu discurso, abriu uma janela por onde entrou uma lufada de ar fresco e claridade (...) O sr. Presidente do Conselho fez acto de presença, dizendo: «Aqui estou! Saiba Portugal que o meu pensamento não se afasta do seu natural rumo — lutar pelo bem da comunidade.»

«INICIAÇÃO AO FILOSOFAR» – novo livro do dr. Joel Serrão

O intelectual e o pedagogo, o professor de rara cultura e investigador, deram-se as mãos com o divulgador de talento que há em Joel Serrão para esta «*Iniciação ao Filosofar*», ora saída a público e que muito interesse a todos os estudiosos da Filosofia que não apenas aos alunos das últimas classes do liceu e dos primeiros anos da Universidade.

Joel Serrão diz-nos: «Muitas são as causas ou as condições da inanidade do panorama filosófico português, mas que temos feito nós, professores de Filosofia, para modificar a situação? Temos vivido da filosofia, em vez de para ela...

«Que uma «*Iniciação ao Filosofar*» seja, em princípio um instrumento necessário, e do qual estamos carecidos, parece fácil convir-se. Onde as dificuldades principiam é em erguê-la, e de modo que, a um mesmo tempo, seja uma iniciação e tenha nível filosófico.»

Aí está a terreno a semear, a necessidade das culturais e o objectivo a alcançar com elas. E Joel Serrão lançou mãos à obra, nada fácil que os ares são dos menos propícios, traçou os seus planos, filosofou ele próprio e foi-se aos grandes mestres de ontem e de hoje, desde Platão e Marco Aurélio e Kant, a Brunschvicg e Sérgio, deles sacou bons exemplos do verdadeiro filosofar, de pensamento estruturado sobre os vários problemas humanos e de reflexões, certezas e dúvidas, bem pesadas nos pratos da balança, e deu-nos um volume ao mesmo tempo de leitura agradável e suculenta, misto de tratado, ensaio, manual didáctico, antologia. Livro útil de quem não é apenas erudito mas conseguiu digerir os seus vastos conhecimentos e assimilá-los, catalogá-los para indicar a outros o caminho de os adquirir.

É um grande livro este de Joel Serrão e que marca na nossa literatura pedagógica, numa bela edição da Livraria Sá da Costa.

As condições de paz no Médio Oriente expostas por Nasser

(PÁGINA 5)

MESA REDONDA

Política industrial —estratégia de adequação

SÉRGIO RIBEIRO

O colóquio de «Política Industrial» não foi o discurso de abertura do secretário de Estado da Indústria, mas decerto que esse discurso ficará a marcar o colóquio, e a emprestar-lhe uma característica definidora.

Esperava-se. Esperava-se que o secretário de Estado da Indústria viesse dizer coisas sobre a política industrial, até porque já as vinha dizendo a propósito de isto ou de aquilo, nesta ou naquela oportunidade.

Aliás o ambiente sócio-político-económico português espera que se «digam coisas». E bem precisa que se «façam coisas».

As coisas ditas pelo secretário de Estado prenunciam coisas a fazer. Mas também é um facto que o membro do Governo citou o eng.º Ferreira Dias (a quem chamou «Mestre»), e serviu-se da citação para localizar a posição de Portugal no contexto económico, hoje e há 25 anos: éramos 22.º na Europa, á frente da Libânia, Roménia, Bulgária e Albânia (refira-se, no entanto, que embora livro de há 25 anos, a «Linha de Rumo», fundamentara-se em estatística de 1936/38). E o eng.º Rogério Martins demonstrou que a posição de hoje se revelava menos favorável do que a que há 25 anos fazia curvar a cabeça amargurada do seu mestre, e não deixou também de anotar a «trágica invectiva de Ferreira Dias» por terem passado 25 anos e as estatísticas não falarem melhor da «pobre terra lusitana».

Mas aqui temos uma contribuição do eng.º Rogério Martins muito importante. Foi a primeira de uma série de potencialidades sobre que assenta a política industrial enunciada: a afirmação de contarmos com «riquezas de subsolo excepcionais».

A esta potencialidade segue-se a das favoráveis condições climatérico-ecológicas para determinadas actividades.

São estas duas condições que começam por determinar a definição das actividades preferenciais sobre que assentará o desenvolvimento industrial português. As que se baseiam na riqueza excepcional do subsolo, serão as químicas e as químico-metalúrgicas pesadas, com as extractivas correspondentes; as indústrias que aproveitarem as produções agro-silvícolas, beneficiarão das favoráveis condições climatérico-ecológicas.

O terceiro grupo de actividades industriais previlegiadas procurará aproveitar outra riqueza nossa: a abundância de mão-de-obra e a sua qualidade de adaptação ás técnicas de trabalho mais moderno. O quarto e quinto grupos ainda se encontram determinados pelo que o eng.º Rogério Martins chamou a «sistemática opção a partir do condicionalismo geo-social português» e procurar-se-á que aproveitem indústrias portuárias baseando-se na nossa posição de testa de frente transatlântica e indústrias que possam tirar partido do mercado ibérico. Haverá ainda um sexto grupo, que fechará a malha entre os tipos anteriores, através de um planeamento integrado.

A política industrial poderá resumir-se na procura de *revitalizar* as actividades que se dedicam a estas indústrias preferenciais; na promoção da

Cont. na pág. 4

Da U. N. à A. N. P.

Entrevista com o Dr. Homem de Melo

1. Qual o significado da mudança de nome e de Estatutos da União Nacional?

— Respondo com muita dificuldade e algum sacrifício ao questionário do «Diário de Lisboa». Participei no V Congresso da União Nacional na cómoda qualidade de simples filiado. Não posso, assim, emitir quaisquer juízos de valor que não sejam exclusivamente pessoais. A Comissão Consultiva, a que tive a honra de pertencer, extinguiu-se, pràticamente após o acto eleitoral. Apenas dois dos seus componentes — que não eu — foram ouvidos e participaram na fase preparatória do Congresso, embora sem estarem integrados na Comissão Organizadora.

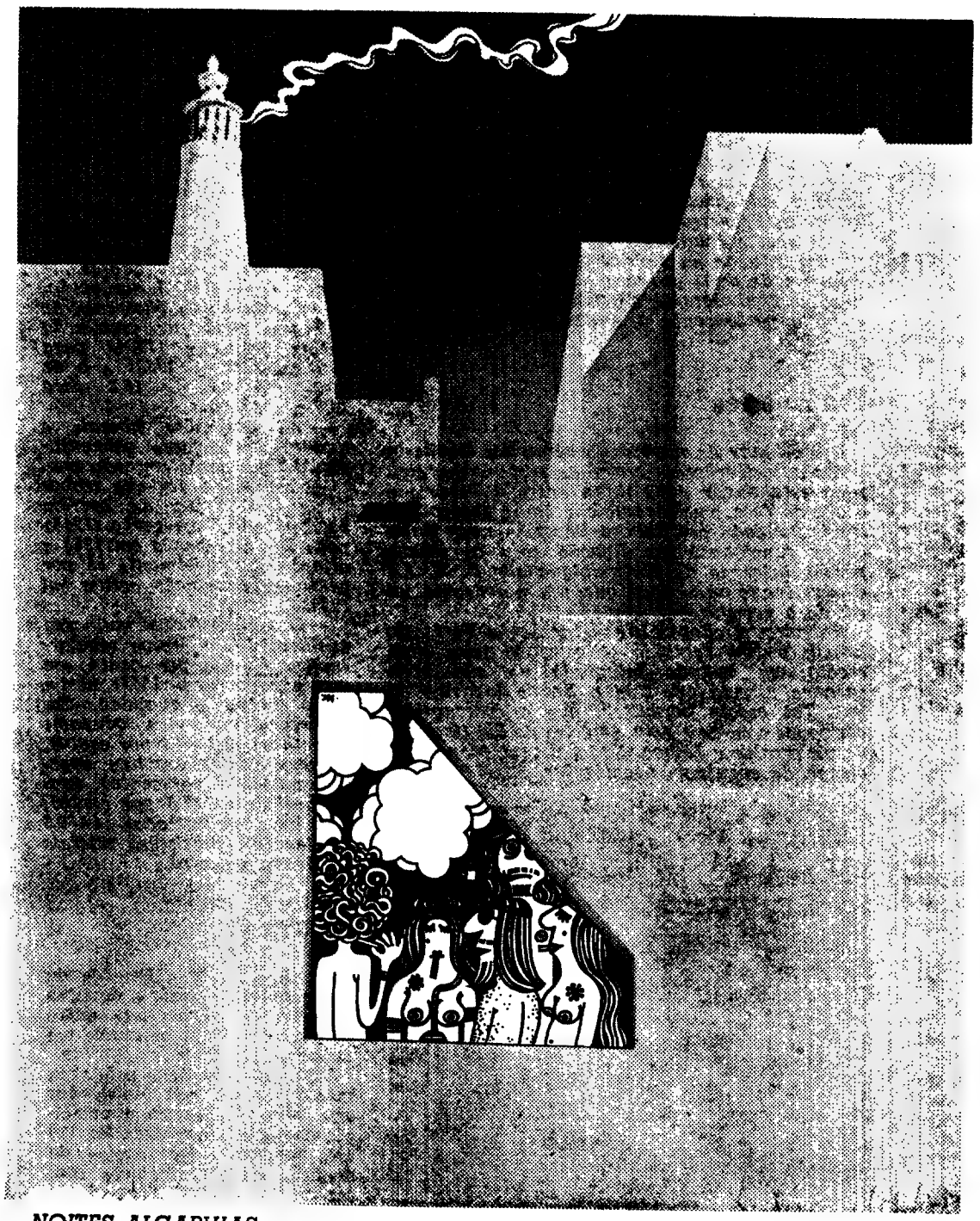
Dentro deste esquema, será que o «Diário de Lisboa» mantém interesse em me ouvir? Olhe que falo só por mim e apaneas como mero observador do fenómeno político português, ainda que identificado com os propósitos anunciados e a acção desenvolvida pelo Presidente do Conselho.

Bom... Adiantemos, então qualquer coisa.

Ó Professor Marcello Caetano já respondeu á

Cont. na pág. 6

Portugal pitoresco (6)



NOITES ALGARVIAS

Desenho de João Abel

Quais os inconvenientes das horas extraordinárias?

(PÁGINA 9)

ASSIM VAI O MUNDO

Música

Quarenta pintores aceitaram ilustrar as partituras do músico Paul Arma, amigo da maioria deles. Os desenhos originais estão actualmente expostos na O. R. T. F. (Radiotelevisão Francesa), que acolheu a original manifestação. Tal iniciativa, na opinião de André Parinand, «restituiu em linhas e em formas o suco musical cristalizado por Arma e tenta dar equivalências de sinais para responder ao som.»

Mostramos um exemplo significativo na gravura junta, inspirada nas «Sete Transparências para dois Pianos», de Paul Arma. É seu autor Berto Lardera.

China

A Sociedade Berliet assinou um contrato de venda de 1300 camiões com a China. O centro da Berliet em Venisseux está a transformar-se para corresponder aos aumentos dos seus programas de fabricação.

Pornografia

O Governo brasileiro fez publicar o Decreto-Lei n.º 1077, pelo qual fica proibida a edição e venda de qualquer tipo de revistas que contenham matéria ofensiva á moral e aos bons costumes, quer tenham origem no Brasil, quer provenham do estrangeiro. Essa lei veio reforçar a proibição constitucional, já configurada no Código Penal de 1940, que pune com prisão de seis meses a dois anos os editores e demais responsáveis pela circulação de literatura pornográfica.

Emprego

O Instituto Francês de Estudos Demográficos (I. N. E. D.) acaba de publicar um estudo sobre as estruturas francesas do emprego desde 1954. Eis alguns dados:

— O número de agricultores diminuiu em média de 1954 a 1968 de 3,8 por cento cada ano e o de pequenos comerciantes e de trabalhadores independentes de 1,5 por cento.

— Os operários passaram de 33,9 por cento da população activa francesa (1954) para 37,7 por cento (1968) e o de «funcionários» de 10,8 para 14,8 por cento.

— As profissões liberais e quadros superiores aumentaram 4,2 por cento em cada ano.

— O numero dos que trabalham por conta de outrém passou de 63,7 por cento (1954) para 76,6 por cento em 1968 e atingirá provàvelmente 95 por cento da população activa em 1985.

— O numero das mulheres que trabalham cresce regularmente (+ 6,9 por cento em média, a partir de 1962), assim como evoluiu a qualidade dos empregos que elas ocupam: engenharia (+ 48,4 por cento), quadros administrativos superiores (+ 38,4 por cento), contramestres (+ 37,6 por cento), operárias qualificadas (+ 6,6 por cento), profissões liberais (+ 27,2 por cento).

Cancro

Os dois maiores flagelos do nosso tempo, cancro e doenças do coração, destacam-se entre as razões por que se morre em França.

Verifica-se naquele país uma média de 550 mil óbitos por ano, sendo o cancro a principal causa da mortalidade: 110 mil, enquanto as vítimas de doenças cardiovasculares são, em média, 105 000. Perto de 20 por cento dos cancerosos são afectados nas «vias aéreas superiores» (boca, faringe, laringe, brônquios, pulmões) por culpas em grande parte imputáveis ao tabaco.

Naquele total de 550 mil mortes, eis as doenças que se seguem, pela ordem, aos dois tristes «campeões»: lesões cerebrais, 72 000; acidentes e mortes violentas, 39 000; cirrose do fígado, 17 000; senilidade, 15 000; pneumonia, 11 000; diabetes, 8500; gripes, 8000; suicídios, 7500; doenças de primeira infância, 7000; tuberculose, 5500; alcoolismo, 5000; bronquite, 3000

Concentração

A evolução mais recente da economia francesa tende para a criação de grandes unidades industriais, em detrimento do grande número. Concentrar parece ser palavra de ordem, talvez motivada pela necessidade de concorrência ao mais alto nível entre os países da C. E. E. Não só os automóveis: Renault-Peugeot-Chausson, Citroën-Fiat, Simca-Matras. Mas também, por exemplo, nos produtos farmacêuticos, hoje considerado em França como um ramo importante da indústria química. Ora vejamos: em 1950, havia na França 1900 fabricantes de produtos farmacêuticos. Em 1960, esse número tinha sido reduzido para 880. Hoje, não há mais de 420 laboratórios industriais naquele país, sendo mais do que certo que esse número continuará a decrescer substancilmente nos anos próximos: na realidade, o grosso dos negócios é já feito por 175 firmas.

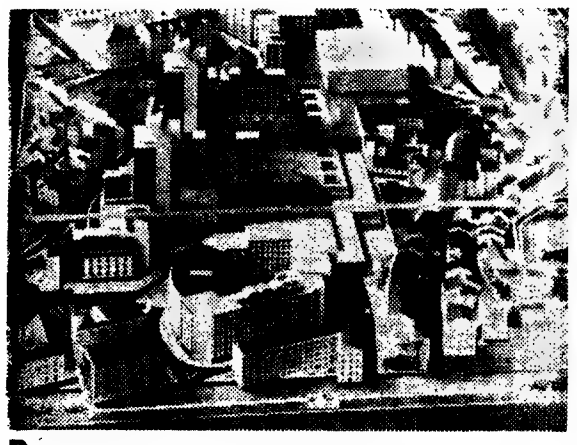
A indústria farmacêutica francesa emprega 50 mil assalariados, mas poucos operários. Altamente especializada e evoluída, emprega 4175 pessoas na investigação, entre as quais 1105 investigadores. Para cada grupo de dez investigadores, correspondem 15 técnicos, 7 operários e 5 empregados administrativos.

Apreço

O Brasil tem novo embaixador na República Federal Alemã. Trata-se do diplomata Sérgio Armando Frazão que, ao entregar credenciais, afirmou: «As relações políticas, económicas e comerciais de nossos países são o reflexo da múltipla escala de interesses recíprocos, que têm também a sua expressão em uma amizade afectiva e em uma ligação natural, fundamentada na confiança e compreensão». Ao que o presidente Gustav Heineman respondeu: «Consideramos o Brasil como um país ao qual nos ligam laços culturais, económicos humanos especialmente fortes. Os acordos assinados por nossos Governos no ano passado sobre a cooperação científica, tecnológica e cultural significam para nós uma expressão especial dos laços cordiais de amizade que unem os nossos povos. Também sob o ponto de vista político apreciamos a posição amigável do Brasil».

Muito interessado no continente latino-americano, o Governo de Bona fez reunir, quase na mesma altura, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, com todos os embaixadores da América Latina, aos quais proferiu um discurso de «bonne estente». Tais reuniões terão continuidade.

ASSIM VAMOS NÓS



Renovar

O Município de Lisboa apresentou há dias uma memória completa acerca do novo plano urbanístico da zona do Martim Moniz. Lisboa Velha começa a renovar-se. E com ela as habitações escaqueiradas em que se abrigam muitos homens. Já não é sem tempo.

Imprensa

Em 1969 publicaram-se em Angola 71 jornais e publicações periódicas, dos quais três diários da manhã e dois da tarde; 4 bissemanários; 8 semanários, 1 quinzenal, 18 mensários, 13 trimestrais, 2 semestrais e 14 anuais Das 71 publicações periódicas, 31 versaram sobre generalidades, uma sobre filosofia e religião, 17 sobre ciências sociais e direito, 18 sobre ciências aplicadas e puras, uma sobre Belas-Artes divertimentos e desportos e 3 sobre Geografia e História. A tiragem total anual foi de cerca de 22 milhões de exemplares. O número total de publicações periódicas que, como dissemos, é de 71, era apenas de 21 em 1949 e de 31 em 1959.

Gestão

— É preciso fugir á tendência de tirar conclusões, de ficar com um esquema «muito arrumado» mas feito por outros. Interessa mais, para início, registar e discutir as dúvidas que se levantaram na leitura dos textos de apoio e as descobertas que tal leitura permitiu.

O curso livre é um princípio; as aulas «normais» devem permitir a sua continuação (ex: autogestão de aulas práticas).

— É preciso ser realista na organização; sê-lo traduz-se em partir da dificuldade que todos temos em PENSAR e em discutir colectivamente o que pensámos esta dificuldade parece-nos que deve impedir que de início se confie por completo em esquemas de discussão sem direcção. Parece-nos mais correcto que cada texto de apoio seja analisado e discutido préviamente por 4 ou 5 pessoas que na sessão do curso livre em que se discutir o tema focado no texto deverão facultar a todos os estudantes:

— a «entrada no tema

— a discussão colectiva das descobertas e dúvidas que tiveram na leitura.»

(Da proposta para um curso livre que facilite a crítica ás cadeiras de gestão de Empresa no I. S. C. E. F.)

Direito

O deputado dr. Sá Carneiro, do Porto, pediu a atenção do Governo no início da actual legislatura, para a situação dos detidos durante a instrução de processos nas várias corporações policiais dependentes do Ministério da Justiça ou do Interior. Em causa a assistência, ou não, de um advogado aos interrogatórios.

Entretanto, o mesmo deputado voltou a debater o assunto na Assembleia Nacional, em 19 do corrente: «Cumpra-se o lei» — voltou a pedir o dr. Sá Carneiro.

Papel

Investimentos estrangeiros montam em Manica e Sofala (Moçambique) uma fábrica de pasta de papel. O projecto deve-se á iniciativa de um grupo dirigido pela sociedade Fasol, colaborando no empreendimento organizações francesas e sul-africanas. A Companhia Geral de Empresas Eléctricas, de Paris, prestará assistência técnica e financeira na instalação da nova fábrica, situada na proximidade da barragem de Ruvué e de duas grandes plantações florestais, uma em Penhalonga e a outra no território rodesiano e pertencente à Anglo-American Corporation.

Transportes

A sociedade de navegação aérea Air Rodhesia pediu autorização ao serviço da aeronáutica civil para estabelecer nova linha entre Salisbúria e a vila de Tete, em Moçambique, linha que poderá ser prolongada até Cabora-Bassa. A nova linha aérea funcionará em ligação com as linhas aéreas internas de Moçambique (D. E. T. A.) e será inaugurada logo que um aeródromo na região o permita.

Entretanto, chegou a constar que a Varig, do Brasil, pedira também autorização para uma escala em Luanda integrada na sua nova carreira directa que liga o Brasil à África do Sul. Tal escala permitiria que os passageiros africanos com destino à América do Sul tivessem de vir escalar a Lisboa. Nada, porém, transpirou acerca de eventuais negociações.

Indústria: Ganhar ou perder a Europa

O amplo debate prometido e, em princípio, desejado pelo Governo em torno da batalha pela industrialização concorrencial que venha a permitir á nossa economia possibilidades competitivas no âmbito europeu está a atingir, ao nível parlamentar, tons muito vivos. Tal como cá fora, sobretudo entre os industriais, defrontam-se duas posições antagónicas integradas, afinal, no mesmo sistema: os que apoiam com entusiasmo as reformas programadas, de um lado, e os que são contra elas, ou as receiam é gostariam de andar mais devagar, do outro.

No centro da questão, encontra-se a chamada Lei do Condicionamento Industrial, definidora de uma política intocável para uns, base do nosso atraso, para outros. Inibidora da livre concorrência, é evidente que essa Lei permitiu a criação de grandes privilégios, aproveitados por industriais mais capazes, que subiram até posições excepcionais, e também pelos menos capazes e ousados, que dela beneficiaram para levarem calmamente o seu trém de vida, sem sobressaltos nem trabalhos, à margem das necessidades vitais e colectivas do País. Numa entrevista concedida a este jornal e citada pelo deputado Pinto Leite, o antigo ministro da Economia, dr. Correia de Oliveira, falou assim do Condicionamento:

«Construímos muros aduaneiros, para nos livrar da concorrência da produção industrial estrangeira; criámos sistemas de condicionamento ou de reserva do mercado interno, com o objectivo teórico de evitar o sobre-equipamento e com o resultado prático de impedir a concorrência, que se receou fosse demasiada entre os próprios produtores nacionais ...Consentimos e assegurámos directa ou indirectamente uma rentabilidade ao investimento industrial, a nível tal que permitiu aos empresários verdadeiramente capazes, não só realizar progresso notável e criar novas fontes de riqueza industrial, como financiar o progresso e esse crescimento, em parte muito grande, à custa de lucros capitalizados; *e aos empresários que pouco ou nada quiseram progredir, essa protecção tem permitido também, a quase todos sobreviver até hoje como industriais sem que, entretanto tenham perdido a possibilidade de viver com certo desafogo e, mesmo de construir algum prédio de rendimento.*»

Razões estas a que o mesmo deputado, dos mais enérgicos da ala «renovadora» da actual Câmara Legislativa, opõe argumentos de peso — as estatísticas comprovativas do nosso progressivo atraso económico:

«Ainda que os dados numéricos existentes devam ser manobrados com muita cautela, a diferença entre a produtividade industrial portuguesa e a dos países ocidentais mais evoluídos, é extraordinàriamente grande. No período compreendido entre 1940 e 1951 a produtividade anual média do trabalhador industrial, de acordo com os dados colhidos pelo economista Armando Castro, andaria em Portugal por uns 760 dólares, atingiria 3000 no Canadá, 1800 na Noruega, 1150 na França e 1000 na Holanda. Avançando agora 10 anos, verifica-se que a produtividade industrial média anual por trabalhador em 1961/62 atingiria em Portugal 1300 dólares, 2000 na Espanha, 2200 na Jugoslávia, 3100 na Irlanda, 5300 nas economias ocidentais mais evoluídas, não falando já nos Estados Unidos da América, onde era cerca de 10 200 dólares.»

OPÇÕES E PRIORIDADES

Para os mais conservadores, temos de optar por uma de duas escalas de prioridades. Europa ou Ultramar. A opção europeia seria uma opção fundamentalmente política, embora condicionada por razões económicas (Prof. Teixeira Pinto) e, politicamente a posição do País é indiscutível: a nossa política é o Ultramar.

Portanto, não nos preocupemos tanto com o alargamento dos espaços económicos no velho continente, já que temos o nosso próprio e amplo espaço económico a desenvolver. Ao que os elementos reformistas e (também) pró-europeus opõem o princípio de que a base do espaço económico português é a Metrópole europeia e que, portanto, se esta for econòmicamente subdesenvolvida não só perderá o comboio da Europa, definitivamente, como emperrará o próprio processo de desenvolvimento do Ultramar e Ilhas Adjacentes, teoria esta consubstanciada nas seguintes afirmações do deputado Pinto Leite:

«Os *nossos imensos recursos* são por ora, meramente potenciais e de nada valerão se não puderem ser valorizados. Para tal precisamos de capacidade de trabalho, de capital e de tecnologia, factores que nenhum país da nossa dimensão ou muito maior, poderia conjugar sem ser em franca cooperação internacional.» (...)

«A unidade nacional, a função ultramarina e pluricontinental portuguesa está baseada num núcleo central que é a Metrópole, que ou acompanha o ritmo do processo económico e tecnológico dos países mais avançados, ou deixará de estar em condições de poder exercer as suas funções em relação à Comunidade Nacional.»

Como apontamento final, relembremos que, no caso presente, as vozes mais combativas na luta por uma abertura maior, pela defesa da concorrência e do avanço técnico e científico, são as que defendem, afinal, os propósitos enunciados pelo Governo — nomeadamente no discurso do secretário de Estado da Indústria aos industriais, o qual desencadeou toda esta batalha oratória.

Estratégia de adequação

Cont. da pág. 1

criação daquelas que não existem entre estes tipos de actividade. As outras actividades, fora deste esquema, deverão *reconverter-se ou desaparecer.*

Este esquema funcionará na base de uma posição que irá trocar a protecção e o condicionamento pela liberalização e pela promoção.

Como? Através de seis peças fundamentais que abarcarão as seguintes zonas de actuação, num esforço coordenado do Governo no seu conjunto:

1. — revisão do condicionamento industrial;
2. — fusões, absorções, reestruturações, agrupamentos;
3. — exportação;
4. — investimento estrangeiro;
5. — actuação antimonopolística;
6. — financiamento do investimento e da produção.

As afirmações do eng.º Rogério Martins parecem francamente inovadoras, atiradas para o desenvolvimento, a «cortar a direito».

Será assim? Ficarão palavras as palavras ditas pelo eng.º Rogério Martins? Ficará tudo em fase de arranque?

Talvez não. Desde logo, o secretário de Estado define que «a política industrial proposta assenta no exercício plenamente responsável da capacidade empresarial privada». E pode ser que a plena responsabilidade da capacidade empresarial privada dê ouvidos ao aviso do secretário de Estado (depois de mandar as divagações filosóficas para outros cenáculos):

«O que está nas nossas mãos não é o futuro, que não definimos, mas a nossa posição perante ele; ou seja, a possibilidade de concebermos uma estratégia de adequação, tentando que seja a mais favorável que nos for possível.»

Estratégia de adequação: é isso.

SÉRGIO RIBEIRO

INTEGRAÇÃO

Os industriais gregos tornaram público, numa conferência de Imprensa, a convicção de que reuniam, desde já, pela sua parte, as condições indispensáveis á integração da Grécia no Mercado Comum, antes mesmo dos prazos previstos. Em vista desta integração — afirmarem — a política das finanças públicas deveria harmonizar-se com o processo industrial grego dado que entre as três condições previstas pelo acordo Grécia-C. E. E. só os acordos pautais estarem actualmente em vigor.

Pode esperar-se no entanto — acrescentaram os industriais gregos — que venha a ser modificada a actual política do Mercado Comum Europeu em relação á Grécia.

«Política económica Economia política»

UM ENCONTRO COM MANUEL AUGUSTO DE ARAÚJO

A «Prelo Editora» lançou os cadernos de «Política Económica — Economia Política». Blasco-Fernandes, Carlos Carvalhas, Manuel Augusto Araújo e Sérgio Ribeiro surgem como colaboradores.

O que são estes cadernos? Que papel irão eles desempenhar entre a informação político-económica portuguesa? O que pretendem vir a ser estes cadernos? Cadernos para os privilegiados económicos e culturais? Cadernos para esclarecer os portadores de pouca cultura e também sem possibilidades económicas de a adquirir? É todo o problema do livro e não só o destes cadernos, evidentemente. Mas o problema deve pôr-se, por haver precisamente da parte de quem os cria, a exigência de os cadernos esclarecerem camadas cada vez mais largas da nossa população.

Há pontos que é necessário definir, e com esse sentido colocámos a Manuel Augusto de Araújo, um dos elementos a quem a «Prelo Editora» confiou o arranjo gráfico, redacção e coordenação dos cadernos, algumas questões esperando respostas necessárias à definição, por parte de quem ainda os não leu e de quem pretenda colaborar com eles, dos objectivos dos «Cadernos de *Política e Economia*».

MESA-REDONDA — Quais os objectivos destes cadernos?

MANUEL AUGUSTO ARAÚJO — *Pretendem estes cadernos estar atentos á realidade económico-política portuguesa, à evolução da política internacional, às suas inter-relações e especificidades procurando esclarecer as suas contradições e encontrar a sua superação.*

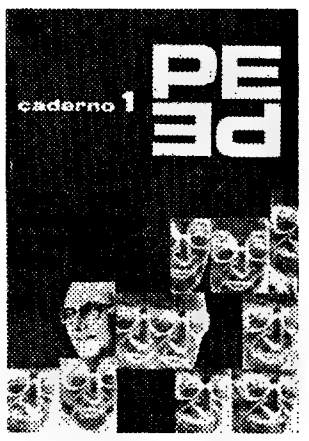
Explícita ou implicitamente, os problemas ideológicos são a preocupação dominante, encarados com a lucidez de se ter escolhido um caminho e procurá-lo esclarecer.

Consequentemente, recusa-se a agressividade afirmativa, mas não a agressividade actuante da análise, do trabalho crítico e autocrítico.

M.-R. — Como se estruturaram os cadernos tendo em vista tais objectivos?

M. A. A. — *Procurou-se um processo que no binómio informação-formação, considerado fundamental, desse prioridade ao segundo, considerando a informação indispensável para verificar o rigor da teoria realizada ou desviada na prática imediata.*

Daí o incluir-se uma secção de Editoriais, vi-



são crítica do que decorre, e uma de noticiário.

Do exposto pode-se inferir a necessidade de procurar formas que não fossem a de livro ensaístico nem as da revista nos moldes habituais.

Surgem estes cadernos como solução de compromisso entre os dois tipos identificando-se com o livro mas procurando extrair da revista o que fosse válido para o fim proposto.

M.-R. — Porquê esta equipa de arranque?

M. A. A. — *A equipa de arranque surgiu de um contacto repetido entre os seus membros, a confrontarem e discutirem os seus pontos de vista, não com o carácter «dialogante» de serem de tendências que no momento convergem e se aglomeram tàcticamente, mas pela verificação sistemática de que as diferenças eram de pormenor ou técnicas e decorrentes de uma ideologia comum.*

Até pela sua composição, desejam as contribuições críticas que são decisivas para depurar enriquecendo o que se propuseram realizar, que só é eficaz se da crítica surgir uma colaboração viva.

O livro como mercadoria

Continuamos a publicação de depoimentos integrados no inquérito sobre o livro como mercadoria. As perguntas habituais: O livro é, ou não, uma mercadoria? É necessário que o seja? É inevitável que o seja? — responde hoje, o poeta e editor Fernando Guedes, administrador-delegado da Editorial Verbo e actual presidente da direcção do Grémio Nacional de Editores e Livreiros.

«Eu penso que o primeiro ponto a esclarecer deveria ser o de nos entendermos quanto ao que se pretende designar por «mercadoria». Dá-me ideia de que alguns procuram carregar o termo com um significado pejorativo que ele não tem.

A Economia Política, aliás, quase ignora a palavra; é em direito alfandegário, ou em comércio internacional, que ela é mais utilizada. Todavia, como aos bens económicos trocados numa economia de mercado se pode dar o nome de mercadorias, podemos usá-la no caso que nos interessa. Só que temos de definir «bem económico» — e a definição mais simples é a que nos diz tratar-se de qualquer realidade material capaz de satisfazer necessidades humanas, que não exista livremente na Natureza (como o ar ou a luz do Sol).

Fernando Guedes

Como cada indivíduo não produz toda a gama de bens de que necessita e, em contrapartida, de alguns produz em excesso para a satisfação das suas necessidades individuais correspondentes, tem de intervir a «distribuição», que pode ser feita autoritàriamente (como na economia dominial) ou por livre troca e, neste caso, está-se em economia de mercado. A «mercadoria» será, pois, qualquer realidade material que não exista livremente na Natureza, capaz de satisfazer necessidades humanas, trocada numa economia de mercado.

É **inevitável** que o livro é uma mercadoria, e nem vale a pena cuidar de saber se seria, ou não, **desejável** que o não fosse, tão utópico se revelaria tal desejo.

O livro não existe livremente na Natureza. Numa economia de mercado não pode deixar de ser uma mercadoria. Numa economia de distribuição autoritária continua a ser um bem económico. Em qualquer dos casos, possui um valor de uso e um valor de troca. Para mim, que não sei chinês, um livro impresso nessa língua não tem nenhum valor de uso, mas pode ter um alto valor de troca. E penso que é aqui, nestes dois valores distintos que incidem no mesmo bem, que reside o fulcro do nosso problema. O valor de uso depende exclusivamente do nível da satisfação de necessidades que proporciona ao utente. O valor de troca, como é função da raridade do bem, diminui à medida que aumenta a quantidade disponível desse bem.

Daqui eu concluiria que o passo fundamental seria o de tornar mais elevado e mais generalizado o valor de uso desse bem económico que é o livro. Isso, porém, já não depende só de nós, escritores, editores e livreiros. Esse é um problema de toda a sociedade onde nos inserimos.

Uma outra característica do bem económico é a sua acessibilidade, e também ela tem importância no caso do livro.

Que no processo de difusão do livro se usem, cada vez mais, métodos de promoção até há poucos anos reservados para outros tipos de mercadorias, não me parece errado nem prejudicial ao fim último do livro que é ser veículo de cultura.

Se o que interessa é fazer chegar a cultura a massas cada vez mais largas da população, creio que os meios que se estão a usar podem ser os adequados. No fundo, tais técnicas visam sempre a criação da necessidade de um determinado produto para assim aumentar o seu consumo. E parece que estamos todos de acordo em que aumentando o «consumo» de livros se promove a difusão da cultura.

São bons os livros produzidos em autênticas unidades industriais de produção, promovidos por fortes campanhas publicitárias, distribuídos nos locais onde o público passa inevitàvelmente, se não levados até á casa do possível comprador? Não serão preciosas edições aldinas de textos de Petrarca, mas são, correntemente, modelos estandardizados de uma técnica aperfeiçoada, quer no plano cultural quer no plano material de realização gráfica. E é ao homem interessado em livros, interessado na cultura, que compete decidir, que compete ajuizar do valor real da obra, despindo-a de todos os atractivos que lha recomendam. É ele capaz disso, sempre? Aí está um risco que não se vê como evitar, neste processo de democratização da cultura em que se empenhou a segunda metade do século XX.»

tem a palavra o leitor

Uma experiência diferente

Em números anteriores, debruçou-se este suplemento sobre o tema «o livro como mercadoria». Se sobrepusermos as opiniões expressas, uma constatação é imediata: o imbatível carácter mercantil do livro (pelo menos como objecto) no mundo ocidental contemporâneo.

Mas, se atentarmos num país onde, encetada a via socialista, se promova a atenuação progressiva das categorias mercantis, poderemos lógicamente esperar que se nos depare um ponto de vista substancialmente diferente do nosso.

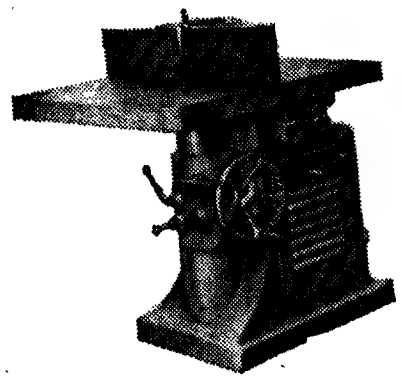
Com efeito, a posição de Cuba a este respeito é bastante «sui generis», se bem que levantando sérios problemas, não só teóricos (exemplo: a função do escritor), mas inclusivamente os decorrentes de dificuldades de aplicação das resoluções tomadas.

Não se pagam actualmente em Cuba quaisquer direitos pela publicação, quer de livros préviamente editados no exterior, quer de originais ou reedições de autores nacionais.

No que respeita a obras estrangeiras, a medida visa sobretudo as de índole científica (muitas delas provenientes dos Estados Unidos), cujas edições originais são vendidas a preços bastante elevados. A argumentação fornecida, segundo a qual o país não pode retardar o arranque económico com o dispêndio de divisas em direitos que, na maioria dos casos,

Cont. na pág. 10

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS ENDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-3

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

REGIME DE LIVRE ESCOLHA DE MÉDICO OU SERVIÇO CLÍNICO

Pelo Decreto n.º 19/70 publicado no «Diário do Governo» n.º 11 — 1.ª Série de 14 de Janeiro de 1970 foi criado, paralelamente às modalidades de assistência médica a que se refere o art.º n.º 39.º do Decreto n.º 45 266 de 23 de Setembro de 1963, um regime de livre escolha, de modo a possibilitar o recurso a qualquer médico ou serviço clínico, mediante comparticipação das instituições de previdência nas despesas efectuadas.

Em fase experimental, o «Regime de Livre Escolha» destina-se apenas aos **beneficiários activos** (não sendo pois extensivo aos familiares ou aos pensionistas) residentes em áreas abrangidas pelos postos clínicos das cidades de Lisboa e do Porto.

O «Regime de Livre Escolha» não será cumulativo com o da assistência prestada directamente através dos serviços próprios das Caixas de Previdência, pelo que os beneficiários que por ele optarem renunciarão, enquanto se mantiverem no novo regime, à utilização daqueles serviços.

A inscrição no «Regime de Livre Escolha» está aberta nas diferentes Caixas de Previdência, a partir de 1 de Março próximo, devendo para o efeito os beneficiários interessados dirigirem-se à Caixa de Previdência onde se encontram inscritos ou a esta Federação a fim de lhes serem prestados os necessários esclarecimentos.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1970.

A DIRECÇÃO

JANTES LEVES

DUNLOP

ALÉM DE:
CORTINA — CAPRI — ESCORT — MINI'S — 1100/1300 — IMP. — VIVA — VENTORA RYLEI — DATSUN e TOYOTA

AGORA TAMBÉM, PARA:
FIAT 124 — SIMCA e B. M. W.

...E EM BREVE:
VOLVO e JAGUAR

AS JANTES MAIS BARATAS DO MERCADO!
AS MAIS BONITAS! AS MAIS RESISTENTES!

IMPORTADOR EXCLUSIVO

escape

RUA CASTILHO, 72-A ● TELEFS. 56 16 16 - 56 19 19 ● LISBOA

CONDIÇÕES DE NASSER PARA UMA PAZ DURADOIRA

Evacuação dos territórios ocupados e solução para o problema dos refugiados

ENTREVISTA CONCEDIDA A ERIC ROULEAU

CAIRO — Será possível instaurar uma paz duradoura entre Israel e os países árabes, não excluindo relações económicas e diplomáticas, quando se encontrar uma solução satisfatória para os dois únicos problemas que são as causas do conflito actual: os territórios ocupados e os refugiados palestinianos. Tal a perspectiva que sobressai de uma entrevista concedida por Nasser ao jornal «Le Monde». Durante toda a entrevista, que se prolongou por mais de duas horas e meia, o chefe do Estado egípcio sustentou incessantemente que o seu desejo de paz caminhava a par do seu desejo de resistir, custasse o que custasse, ás pressões destinadas, segundo ele, a impor-lhe uma «*capitulação incondicional*».

Aparentemente em excelente forma física, sereno, por vezes, mesmo jovial, recebeu-nos no palácio presidencial de Koubbeh (arredores do Cairo), no mesmo gabinete de trabalho que o rei Faruk utilizava:

— *Foi aqui mesmo que anunciei a minha demissão, em 9 de Junho de 1967, depois da derrota. Na altura, eu estava decidido a partir, conservando, pelo menos, a minha dignidade de homem e de patriota.*

Depois de evocar, não sem emoção, as manifestações populares maciças que se produziram nessa noite para o obrigar a retomar as rédeas do Poder, acrescentou:

«*Ainda no passado dia 13, o senhor pôde ver, pelo acolhimento que a população me reservou nas ruas do Cairo, que o povo egípcio, na adversidade, nunca deixa de cerrar fileiras á volta do seu Governo e do seu chefe. Não pretende senão bater-se para libertar o solo nacional.*»

Foi, ainda, neste gabinete que se apresentaram, na sexta-feira, os oficiais para lhe pedirem que vingasse a morte de mais de setenta operários da fábrica de Abou-Zaabal, bombardeada na véspera pela aviação israelita:

— *Submeteram á minha apreciação propostas concretas para desencadear represálias contra objectivos civis em Israel. Eu tinha visto fotografias das vitimas — operários pacíficos — e fiquei profundamente sentido. Respondi aos meus visitantes que me recusava a tomar decisões sob o impulso da emoção. Pedi um prazo de reflexão, indicando que, em todo o caso, uma iniciativa dessas só podia provir do conjunto da direcção política deste país.*

E o presidente Nasser continua:

— *Acredite que nenhum egípcio quer a guerra por amor á guerra. A que nos está a ser imposta provoca a morte dos nossos filhos, como a dos seus, e infringe sérias provações aos nossos dois povos. Nos anos de 1952, 1953 e 1954, logo a seguir á nossa revolução, era eu quem defendia a tese, segundo a qual o Egipto não precisava de se armar intensivamente, visto que o diferendo com Israel podia regular-se pacíficamente. Contudo, o «raid» assassino que Ben Gurion lançou contra Gaza, em Fevereiro de 1955, provou-me quanto eu estava em erro.*

NASSER — as condições fundamentais

Apesar dos períodos de viva tensão que temos conhecido desde então, e que levaram ao conflito de 1967, eu nunca disse que devíamos lançar os judeus ao mar, declaração que uma propaganda, tão tenaz como maldosa, não cessou de me atribuir. Também não quis desencadear a guerra em 1967, e os dirigentes israelitas sabem-no perfeitamente. Não estava nas minhas intenções encerrar o golfo de Akaba aos barcos israelitas. Não pedi a U Thant que retirasse as tropas da O. N. U. de Gaza e de Charm-El-Cheikh, que estavam de vigia á entrada do golfo: pedi apenas que as retirassem de uma parte da fronteira, de Rafah a Eliat.

Contudo, o secretário-geral da O. N. U., a conselho de um alto funcionário da Organização, de nacionalidade americana, decidiu retirar todos os «capacetes azuis», colocando-me, assim, na obrigação de enviar forças egípcias para Charm-El-Cheikh e de instaurar o bloqueio. Assim caímos na armadilha que nos prepararam.

O presidente Nasser pára bruscamente de falar. Não quer tornar a evocar o passado e os erros cometidos pelos dirigentes egípcios.

— *Procedemos a uma profunda análise desse período dramático, mas decidimos não a publicar antes do restabelecimento da paz. A paz só seria possível se os refugiados palestinianos obtivessem o direito de escolher entre o repatriamento em Israel e compensações, de acordo com a resolução votada, em 1948, pela Assembleia Geral da O. N. U. Se Israel tivesse acedido a aplicar esta resolução, teríamos estabelecido uma paz definitiva, há mais de vinte anos, logo a seguir á assinatura dos acordos de armistício. Esse era, com efeito, o único litígio — e tenho-o vindo a repetir ao longo dos anos — que nos separava dos israelitas. A partir da guerra de 1967 um segundo problema veio somar-se: o da ocupação dos territórios árabes. A resolução do Conselho de Segurança votada a 22 de Novembro de 1967 fornece uma solução a esses dois problemas, oferecendo a Israel garantias respeitantes a uma existência soberana, á segurança e á paz, e á liberdade de passagem dos seus barcos pelo golfo de Akaba e pelo canal do Suez.*

— Senhor presidente, consentiria o senhor em entabular, nesse caso, negociações directas e em assinar um tratado de paz?

— *A resolução de 22 de Novembro de 1967 não prevê esse processo. O sr. Gunnar Jarring, representante de U Thant, está encarregado de estabelecer um documento que sele o nosso acordo, ficando a nossa assinatura garantida pelo Conselho de Segurança.*

«Não quero ser o Pétain do Egipto»

— Contudo a maioria dos israelitas estão persuadidos de que a sua recusa é na realidade ditada pelo desejo de destruir o Estado de Israel. Para eles não se trata de uma questão de forma, mas de fundo.

— *Essa convicção é absurda. A verdade é que um tratado de paz pode ser violado á vontade logo no dia a seguir á assinatura. É mesmo bem sabido que não podemos negociar com os israelitas enquanto eles ocuparem vinte por cento do território egípcio, setenta por cento da Jordânia e quinze por cento da Síria. Negociar nestas condições não seria caminhar para a paz, mas sim para a capitulação incondicional. Os franceses, que se recusaram a tratar com os ocupantes na segunda guerra mundial, têm todas as condições para nos compreenderem. Não quero ser o Pétain do Egipto.*

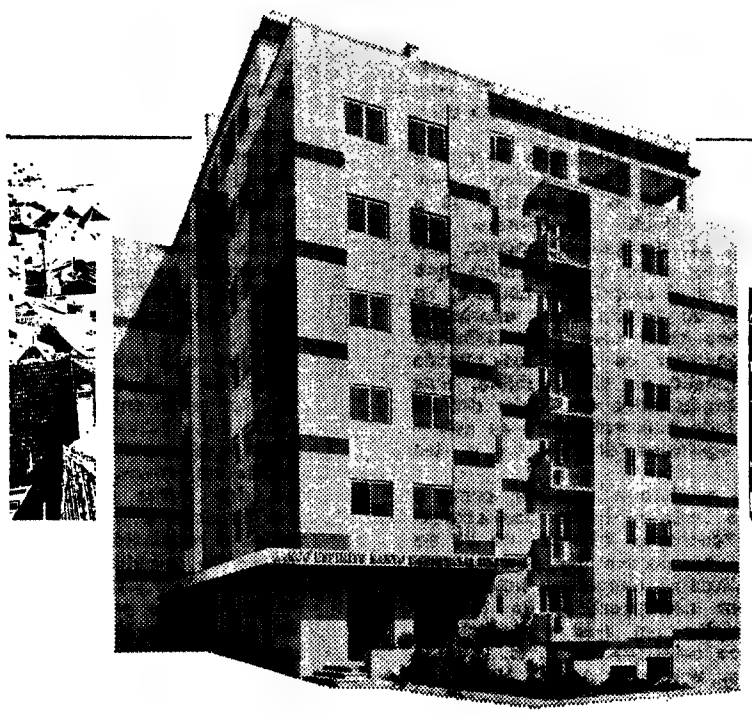
— Senhor presidente, supondo que os israelitas aceitem evacuar todo o território conquistado em Junho de 1967 e conceder aos refugiados palestinianos o direito facultativo do repatriamento, consentiria em conceder então uma paz análoga á que prevalece, por exemplo, entre a França e a Alemanha?

— *Se os israelitas se conformassem com a solução que preconizo, já não haveria litígio a separar-nos.*

— Chegaria o senhor presidente ao ponto de estabelecer relações económicas e diplomáticas?

— *Repito o que disse: não haveria mais problemas entre nós e os israelitas. A normalização total só poderia ser conseguida por etapas. Na verdade, não é razoável*

Cont. na pág. 8



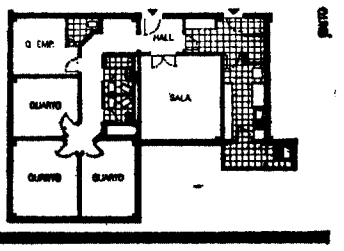
uma paisagem sobre o futuro

EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital

EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

■ EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
■ JARDIM INFANTIL PRIVATIVO



EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construida pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

Da U. N. à Acção Nacional

ENTREVISTA COM O DR. MANUEL JOSÉ HOMEM DE ME

DR. HOMEM DE MELLO «Combate mais esclarecido e enérgico»

Cont. da pág. 1

maior parte das perguntas que constituem o presente questionário, no discurso do dia 21. Será difícil fugir a repetições, até porque, de uma forma genérica, o pensamento expresso pelo Chefe do Governo só merece aplausos.

Tenho para mim que o autêntico significado da mudança de nome e de estatutos da União Nacional se insere no manifesto empenho do Chefe do Governo de actualizar a vida pública portuguesa. De actualizar e de moldar, à sua maneira de pensar e agir, o fácies político do país, cujo espinhoso encargo de governar recebeu do Chefe do Estado

2. Que perspectivas políticas pode abrir ao país a A. N. P.?

— *A A. N. P. será o que os seus dirigentes venham a desejar que seja. A este respeito, o professor Marcello Caetano foi determinante: pretende-se que a A. N. P. actue em profundidade e em movimento acelerado, deligenciando captar para os seus quadros o maior número possível de cidadãos. A ser assim, parecerá de rejeitar qualquer ideia de espírito sectário. Para nela poderem caber tantos, como se pretende não só o ideário terá que manter-se muito genérico — coma aliás se verifica pela leitura do art. 2.º dos Estatutos — como as próprias linhas de actuação deverão evitar tomadas de posição demasiado rígidas em face do maior ou menor irrequietismo e inconformismo dos seus filiados.*

Se assim for — e pela minha parte entendo que deva ser — considero que a A. N. P poderá trazer ao país interessantes perspectivas no campo da politização e conscencialização das camadas populares.

3 Pode sintetizar a diferença fundamental entre o partido político (que se diz não ser) e a organização cívica que se afirma ser?

— *É uma questão debatida desde sempre — e que continuará a sê-lo «per omnia secula seculorum» ..*

Para mim a A. N. P. não é u partido político, porque possui uma orgânica específica e vai certamente adoptar um modo de actuação inteiramente diverso daquele que os partidos políticos — na clássica acepção do termo — normalmente adoptam. Mas é evidente que por mais que adiantasse, não conseguiria convencer aqueloutros que entendem que a A. N. P. é (ou será) um partido. Deixemo-nos de discussões académicas. — O momento é de acção. E a A. N. P. inicia, agora, os seus primeiros passos. Não desejaria colaborar — fosse no que fosse — na mais ínfima perturbação da marcha agora encetada.

De resto, se algum dia me convencí da viabilidade do País poder vir a ser governado em regime pluripartidário, devo confessar a minha desilusão. Estou firmemente convicto de que o regresso, puro e simples, ao sistema dos partidos, acarretaria ipso facto, a restauração da desordem nas ruas e da confusão nos espíritos.

Os ódios e as divisões — tão proclamados pela oposição — em lugar de se extinguirem, avivar-se-iam irreversìvelmente.

Confrange-me pensar assim, porque é sintoma de que considero o País imaturo para soluções que tanto desejaria poder ver concretizadas. A política é, porém, a arte do possível. As experiências e as tentativas nesta matéria, ficam sempre muito caras e não raro podem conduzir a soluções catastróficas. A situação do País é demasiado grave (ao sustentar uma luta armada em três frentes, do mesmo passo que se propõe efectuar um gigantesco esforço de desenvolvimento e recuperação económicos) a situação do país é demasiado grave para que nos possamos dar a luxos próprios de sociedades políticas perfeitamente estratificadas e desenvolvidas.

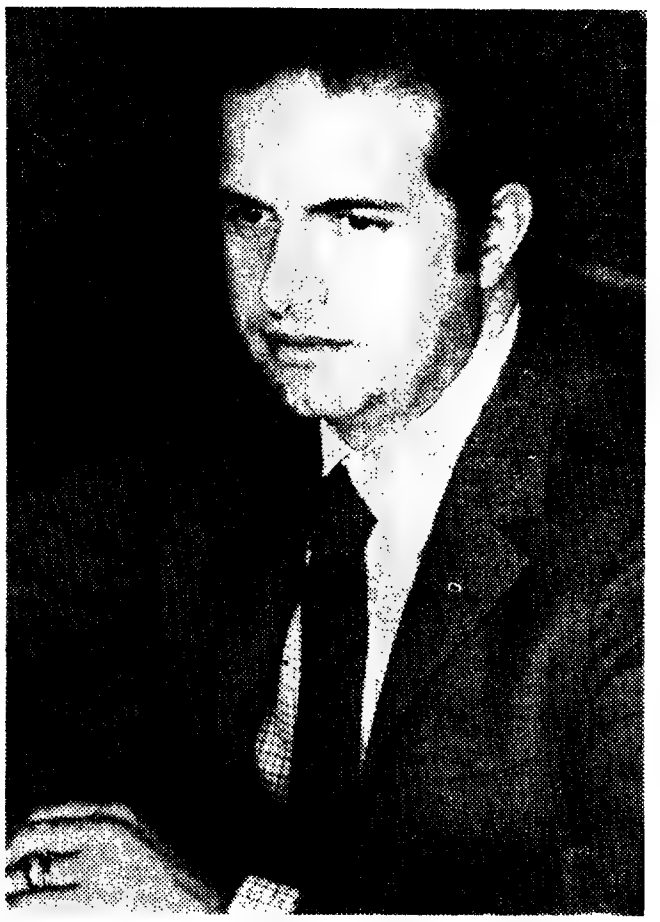
Daí a penosa conclusão a que cheguei: nesta fase da vida portuguesa, não há outra alternativa válida e realista que não seja apoiar o Chefe do Governo, dando a mais completa adesão á A. N. P.

4. Esta mudança que implicações pode vir a ter face aos sectores de oposição?

— *Não sei exactamente onde se pretende chegar com esta pergunta. A mudança de nome e de estatutos da U. N., mesmo a mudança de orientação em determinados campos, especialmente nos de actuação, respeita fundamentalmente á A. N. P. e não á Oposição.*

Apenas poderei acrescentar que a Oposição terá que contar com um esforço muito maior e um combate porventura mais esclarecido e enérgico por parte da organização cívica que apoia ou em que se apoia o regime, uma vez que é propósito confesso da A. N. P. não deixar qualquer monopólio político nas mãos dos que ao regime se opõem: a bandeira das reivindicações justas deverá, por isso, ser desfraldada, a todo o pano, sob a égide da A. N. P.

5. Os resultados das últimas eleições (a cam-



«O país político alterou-se profundamente a partir de 27 de Setembro de 1968»

FRANÇA

Ionesco
Grande Prémio de Teatro

O primeiro «Grande Prémio Nacional do Teatro» (10 000 francos) instituído em França, foi entregue a Eugene Ionesco pelo ministro francês encarregado dos Assuntos Culturais, Edmond Michelet. O prémio destina-se a «recompensar uma pessoa cuja obra e carreira tenham particularmente servido o Teatro» e equivale aos grandes prémios já existentes para as Letras, a Música e as Artes (este ano concedidos, respectivamente, a Jules Roy, Henri Barraud e Etienne Hajdu).

É muito conhecido, mesmo entre nós, o dramaturgo que o Governo francês acaba de consagrar. Nascido em 1912 na Roménia, Ionesco passou uma parte da sua infância em França antes de aí se instalar definitivamente. Para os parisienses, o nome de Eugene Ionesco tornou-se familiar uma noite de 1950, quando foi apresentada no Théatre de la Huchette **a sua peça que tantas paixões desencadeou:** A Cantora Careca. A Lição **e** As Cadeiras **produziram o mesmo efeito. O público familiarizou-se com as suas obras a partir de** Rinoceronte, **peça que foi**

apresentada no Odéon, antes deste teatro oficial ter encenado mais dois originais de Ionesco. A Comédie Française **consagrou-o definitivamente, inscrevendo no seu repertório** A Sede e a Fome. **O processo de assimilação e consagração dos revolucionários artísticos, da parte de certas instituições tradicionais, tão típico em França, acaba de concretizar-se com a concessão do Grande Prémio Nacional do Teatro a Eugene Ionesco, um dos mais célebres cultores do «non sens».**

Estatutos — alterações qu

Numa primeira comparação dos estatutos da União Nacional, de 1951, com os que o V Congresso aprovou há dias, algumas alterações ressaltam.

Se se mantém a afirmação de que a União Nacional é uma associação sem carácter nem espírito de partido, já a sua «independência do Estado», expressa em 51, desapareceu agora, surgindo mesmo entre os princípios que a A. N. P. a si própria se confere, «o acatamento do Estado como expressão do interesse geral para cuja definição devem concorrer os cidadãos através da participação na vida pública, mas cuja realização exige um Poder dotado de autoridade suficiente para se sobrepor aos egoísmos dos grupos e das classes».

O novo estatuto não refere, como o primeiro o fazia, a defesa dos objectivos da «Revolução Nacional de 28 de Maio», talvez porque se pensou que tais objectivos se encontram hoje alcançados. Em contrapartida, no tocante aos princípios em que a associação assenta, os estatutos da A. N. P. enumeram-nos, enquanto os da U. N. se limitavam a aludir aos «princípios inspiradores da Constituição do Estado».

Os princípios que a A. N. P. se dá, como princípios que são, têm um coeficiente de generalidade que dificulta apreciar-lhes o alcance que o autor ou autores visaram. Salta á vista, mais do que os outros, este: «O repúdio da violência como recurso da resolução dos problemas políticos e sociais que só as reformas adequadas poderão levar a cabo com vantagens para a colectividade».

Sobre este ponto da violência o estatuto da U. N. era omisso. Viu-se desta vez vantagem em o referir.

De notar também que no texto de 51 a U. N. citava «como um dos seus principais objectivos, a formação doutrinária das novas gerações, assegurando em especial á juventude saída das escolas a continuidade e desenvolvimento da acção exercida pela organização nacional da Mocidade Portuguesa».

Eis um dos passos dos estatutos de 51 que os de 70 não recolheram.

A comparação dos dois documentos põe em evidência uma certa diferença

...nal Popular

... MELLO

panha anterior) terão tido qualquer influência nas alterações agora feitas?

— *Penso que só muito indirectamente.*

tá perfeitamente convencido — e eu também — de que se venceu o acto eleitoral com lisura e por margem decisiva e significativa. Ainda no sábado voltou a afirmá-lo o Chefe do Governo. Porquê, então, procede a alterações na estrutura e fisionomia da organização, se os frutos eleitorais foram excelentes?

Não A U. N. transformou-se porque, com eleições ou sem elas, o país político já se alterara, profundamente, a partir de 27 de Setembro de 1968. Foi, assim, um mero acompanhamento, uma actualização, um «acertar de passo». O que se pode concluir — mas causa espanto — é haver tanta gente, de vários matizes e sectores, que ainda não tenha dado ou querido dar) pela mudança...

6. Concretamente, e com vista ao futuro, quais as objectivas da A. N. P.?

— Só o presidente da Comissão Central — primeiro responsável pela condução política do País — poderá responder a esta pergunta. Seria petulância da minha parte dizer, a este respeito, fosse o que fosse.

Acrescentarei, apenas, que pessoalmente desejaria escontrar na actuação da A N. P os seguintes grandes objectivos:

— Consciencializar politicamente as camadas populares.

— Servir de fermento à futura estrutura política do País a estabelecer lá para a década de 80.

Reabilitar, definitivamente, a actividade política criando, por esse país fora, uma autêntica escola «viveiro de vocações e reserva de dirigentes»

Deputado
MANUEL JOSÉ ARCHER HOMEM DE MELLO

Formado em Direito, com 39 anos de idade, o doutor Manuel José Archer Homem de Mello regressou à Assembleia Nacional após um interregno correspondente às duas legislaturas anteriores. Foi eleito pelo círculo de Aveiro, a exemplo do que já acontecera em 1957, então com 27 anos de idade. Filho do conde de Agueda, herdou a posição política local de seu pai. Teve intervenções de relevo na sua primeira legislatura, as quais reuniu em volume («Uma experiência política» 1961), em edição fora do mercado. No ano seguinte, com prefácio do marechal Craveiro Lopes, publicou o livro «Portugal, o Ultramar e o Futuro».

Identificado com as coordenadas políticas do Prof. Marcello Caetano, quebrou a sua inactividade política, que durava desde 1963, candidatando-se às ultimas eleições legislativas.

Era um dos vogais da Comissão Consultiva da União Nacional.

Director do semanário de Águeda «Soberania do Povo», tem igualmente colaborado em jornais diários.

MARCELLO CAETANO E OLIVEIRA SALAZAR

Datas e discursos

A transformação da União Nacional na Acção Nacional Popular foi caracterizada no discurso de 21 de Fevereiro do prof. dr. Marcello Caetano. O prof. dr. Oliveira Salazar definiu o que era a União Nacional em diversos discursos, os mais importantes dos quais parecem ser «Princípios Fundamentais da Revolução Política», de 30 de Julho de 1930, e as «Diferentes Forças Políticas em Face da Revolução Nacional», de 23 de Novembro de 1932, no acto de posse dos corpos directivos da União Nacional.

Colhemos alguns extractos do discurso do prof. Marcello Caetano e dos dois discursos do prof. dr. Oliveira Salazar com o fim de ficarem mais claras as diferenças possíveis entre a A. N. P. e a U. N.

UNIÃO NACIONAL

Prof. dr. Oliveira Salazar:

«Tenho lido em muitos discursos políticos veementes apelos à união dos portugueses. A sua necessidade baseia-se sempre nas dificuldades internas ou externas, nos perigos que corre a Nação, na transcendente delicadeza do momento histórico que se atravessa e não permite alterações, nem mudanças, nem reformas. Assim costumam os governos aquietar aos seus inimigos, reforçar transitòriamente as suas posições e alongar um pouco a sua vida.»

(Prof. dr. Oliveira Salazar)

«Em qualquer caso, a **União Nacional** — e esta é a segunda prevenção que desejava fazer — não pode abandonar o campo meramente nacional e patriótico para se imbuir do espírito de partido, porque seria criminoso e, além de criminoso, ridículo, acrescentar aos que existem o partido... dos que não querem partidos. Não! Convidados pelo Governo a apoiar a Ditadura, para que esta acabe de lançar as grandes bases de reorganização nacional e prepare o futuro exercício normal dos Poderes do Estado, os portugueses que se aprestem a oferecer o seu concurso sabem que cumprem um dever, mas não adquirem um direito, e que precisamente com a sua ajuda é que o Estado vai deixar de fazer favores a alguns para poder distribuir justiça a todos.

É talvez dura esta linguagem, mas é preciso que todos a compreendam, porque estamos no momento decisivo em que, vindo para nós tantos homens de boa vontade, nos hão-de abandonar muitos dos que supunham estar connosco e agora verificam surpresos que andavam equivocados.»

.....

«Dominados, não pela ideia do perfeito e do óptimo, mas pela ideia mais modesta e positiva do **essencial** e do **possível**, lançaram as bases da União Nacional, estabelecendo terreno de trabalho comum suficientemente amplo para nele caberem todos os portugueses de boa vontade, sem distinção de escola política ou confissão religiosa, contanto que acatassem as instituições vigentes e se dispusessem a defender os grandes princípios da reconstrução nacional.»

*

«Alguns homens dos antigos partidos supõem-se ligados por uma disciplina que no estado actual da política portuguesa, devo dizer, já nada significa. Independentemente disso, eles não sabem se devem trabalhar com a Ditadura e ingressar na União Nacional: este problema, porém, não pode ser resolvido por nós. A União Nacional vai ser uma espécie de padrão por onde se hajam de aferir a inteligência e o patriotismo dos homens.»

Prof. dr. Marcello Caetano:

«Não somos nós membros de uma associação cívica? E isso que significa? Significa que nos esforçamos por chamar os portugueses à consciência dos seus deveres de cidadãos. Significa que lhes queremos proporcionar o ensejo de participar na vida pública como cidadãos. Significa que desejamos estabelecer um contacto permanente entre o Governo, a administração pública e a massa dos cidadãos.

Por isso a União Nacional não foi nunca um partido e expressa e solenemente excluiu sempre a hipótese de o vir a ser. O partido, seja único, seja concorrente com outros, é por definição um grupo, que olhando em primeiro lugar a própria expansão e crescimento, visa a fruição do poder político em seu benefício, reservando para os seus filiados as benesses que essa fruição proporciona. Ora, por muito que os seus adversários acusem a União Nacional, sabem-no todos os dirigentes e filiados desta, ao longo da sua existência, que nunca a organização pôs os seus interesses acima dos do País, nunca monopolizou os favores da Administração, nem sequer a posse dos postos políticos. Nunca se perguntou àqueles que eram convidados para membros do Governo, governadores civis ou presidentes de Câmaras, se pertenciam à União Nacional — e uma estatística cuidadosa revelaria que a maioria dos que exerceram tais cargos nos últimos quarenta anos não lhe pertenciam de facto. Quantas vezes ouvimos, aliás, magoados queixumes aos dirigentes locais por verem preteridas as suas recomendações e adiada a satisfação dos seus mais legítimos pedidos em nome do respeito da legalidade ou da exigência técnica da realização metódica dos planos da administração!

Perguntavam-nos então muitos deles — para que serve a União Nacional? E todavia, a função de uma associação cívica como esta é importantíssima. Já a defini como instrumento de educação e participação dos cidadãos na vida pública. Poderia acrescentar que, naturalmente, deve constituir viveiro de

Cont. na pág. 11

...que ressaltam

...ins-
...do».
...dá,
...toe-
...ulta
...ou
...do
...vio-
...dos
...es
...a
...tivi-
...ee-
...eta
...51
...rin-
...iná-
...ndo
...es-
...nto
...na-
...de
...ntos
...nça

de terminologia, adoptando-se agora um vocabulário típico do reformismo humanista: respeito da pessoa humana, a livre empresa como manifestação da personalidade, acesso á cultura, justa repartição dos rendimentos, etc.

A uma primeira leitura **comparada dos dois textos o que há de mais evidente é o actual haver eliminado a expressão «independente do Estado» que, logo no 1.º artigo, ostentava o de 1951.**

No pensamento da Acção Nacional Popular esta conceber-se-á como não-independente ou mesmo dependente do Estado?

Segundo o novo estatuto fazem parte da Junta Consultiva «os filiados da A. N. P. que desempenhem ou tenham desempenhado os seguintes cargos: a) membros do Governo» (...). No que também difere do estatuto de 51: «Em colaboração directa com a Comissão Central funcionará, por livre nomeação do seu presidente, uma Junta Consultiva, constituída por um presidente, um vice-presidente e um numero indeterminado de vogais».

Nasser e a situação no Médio Oriente

Cont. da pág. 5

supor que podemos só de uma penada eliminar o azedume acumulado por vinte anos de guerra.

Em resposta a outras perguntas, o presidente Nasser forneceu os seguintes dados precisos sobre as modalidades de um eventual regulamento:

● OS REFUGIADOS PALESTINIANOS — Poderia ser organizado um referendo, sob os auspícios da ONU, para determinar a sua escolha. Poderia encarar-se a hipótese do escalonamento do repatriamento, com o acordo do Governo jordano e das organizações palestinianas.

● A DESMILITARIZAÇÃO DO SINAI — A desmilitarização do Sinai, na sua totalidade, é inaceitável. Em compensação, a medida poderia ser aplicada dos dois lados da fronteira israelo-egípcia, numa profundidade de uns dez quilómetros.

● A LIBERDADE DE NAVEGAÇÃO — A R. A. U. aceita a proposta soviética, de manter tropas da ONU em Charm-El-Cheik, no golfo de Akaba, por um período de três anos. Em compensação, considera exorbitante a exigência americana de ali as manter indefinidamente, dando ao Conselho de Segurança, no selo do qual Washington pode exercer o veto, o direito exclusivo de retirar os «capacetes azuis». O presidente Nasser acrescentou que, em realidade, a melhor garantia para a liberdade de navegação só pode ser a instauração de uma paz justa e não a acumulação de disposições que só um clima de guerra justificaria.

● GAZA — O enclave deverá permanecer árabe. Será egípcio ou jordano, consoante os votos livremente expostos pela população palestiniana.

● JERUSALÉM — Se o sector jordano anexado por Israel fosse restituído a Aman nenhum problema subsistiria quanto ao futuro estatuto da cidade santa. Com o acordo dos interessados, esta última poderia permanecer unificada e aberta a todos. O presidente Nasser reafirma a propósito disto que tudo seria possível, se a paz fosse instaurada.

O problema dos palestinianos

— Senhor presidente, há quem se admire com o facto de numerosos funcionários egípcios, bem como uma parte da opinião árabe serem hostis a uma solução pacífica, tal como se encontra formulada na resolução de 22 de Novembro. Esta oposição não será um obstáculo ao regulamento do conflito?

— *Não me parece. Tenho influência bastante para fazer aplicar a resolução. Já por várias vezes, tenho conseguido convencer funcionários e altas instâncias do partido a adoptarem os meus pontos de vista sobre questões particularmente delicadas. No caso vertente, não é lógico supor que haja um único egípcio, quaisquer que sejam as suas convicções que queira continuar a guerra após a evacuação dos territórios ocupados.*

— Que aconteceria se todas ou algumas das organizações palestinianas persistissem em recusar a resolução de 22 de Novembro?

— *Provàvelmente teremos problemas. Aliás é da própria lógica das coisas que uma acção política, sobretudo desta envergadura, suscite oposições. Nada podemos contra isso, mas estamos decididos a enfrentar todas as eventualidades. Tentaremos convencer os nossos irmãos palestinianos do acerto dos nossos pontos de vista. Em todo o caso não é de duvidar que quanto mais se prolongar a guerra, maiores vão sendo o azedume e o ódio, mais difícil no futuro vai ser a nossa tarefa. Como egípcios, temos o direito e o dever de libertar o Sinai por meios pacíficos ou, se for caso disso, pela força. Como árabes, insistimos em que Israel retire da Cisjordânia e dos montes do Golan, na Síria.*

— E se a Síria se recusasse a subscrever o acordo?

— *Desdobraremos os nossos esforços para a convencermos a aceitar a solução. Também neste caso, me surpreenderia bastante que o Governo de Damasco recusasse a restituição de uma parte do seu território.*

— Acha que as quatro grandes potências têm possibilidades de apresentar um projecto de regulamentação susceptível de ser aceite pelo senhor presidente?

«Os americanos procuram derrubar o regime egípcio»

— *Já não creio, porque os E.U.A. praticam uma política de obstrução. A posição americana, nos termos expostos por Rogers, casa-se perfeitamente com a de Israel. A entrega de bombardeiros pesados a Tel-Aviv é a prova de que Washington quer que Israel quebre a resistência árabe. Os americanos procuram derrubar o regime egípcio, desde 1956. O seu objectivo estratégico consiste em provocar a queda de todos os governos progressistas árabes, sobretudo depois das revoluções que se verificaram no ano passado, no Sudão e na Líbia. Servem-se de Israel como instrumento da sua política. Quanto aos ingleses tornaram-se em servis executantes das vontades americanas.*

— Que pensa das propostas de Pompidou contidas na sua recente carta a Kossiguine?

— *Não estou de acordo com o chefe do Estado francês quando este sugere o restabelecimento do cessar-fogo, sugestão que se casa com os votos de Israel. A suspensão das hostilidades daria ao inimigo a pausa de que necessita para prosseguir na colonização dos territórios ocupados. Seria uma medida ilógica e injusta para nós. Nós aceitaríamos, em compensação, um cessar-fogo se a data da evacuação fosse fixada.*

— Mas Pompidou insiste igualmente em que o sr. Jarring retome a sua missão no Próximo Oriente..

— *O representante de U Thant ainda não conseguiu nada, ao fim de dezoito meses de esforços incessantes. Não conseguiu uma única resposta às questões que pôs insistentemente a Israel, que se recusou até a dizer-lhe o que pretendia por fronteiras seguras e conhecidas. O escândalo teria rebentado se os americanos não tivessem incitado Jarring a não depor as suas conclusões perante o Conselho de Segurança.*

«O Governo francês tenta ser imparcial»

A questão de saber se entendia que a França praticava uma política pró-árabe, respondeu o chefe do Estado egípcio:

— *Creio que o Governo francês tenta ser imparcial. Depois de ter fornecido armas e aviões ao agressor impôs um embargo total depois do «raid» israelita contra o aeroporto de Beirute. Contudo, eu sei que as entregas de material militar e de peças sobresselentes continuou até ao caso das vedetas de Cherbourg. Seja como for, a julgarmos pelos processos verbais do acordo a quatro, a França adoptou uma atitude estritamente independente tanto em relação às outras grandes potências como em relação às partes em conflito. Claro que isto não agrada aos israelitas, que só se mostram satisfeitos quando os outros adoptam sem reservas os seus pontos de vista sobre todas as questões em litígio.*

— Senhor presidente, há muito quem entenda que a U.R.S.S. endureceu as suas posições por achar que um regulamento no Próximo Oriente favoreceria os interesses americanos, em detrimento dos soviéticos. Que pensa disso o senhor presidente?

— *Conheço bem os soviéticos. Estou persuadido de que procuram sinceramente uma solução pacífica para o conflito. Bem entendido: isso não significa que sejam a favor de uma capitulação dos árabes.*

— Contudo, se um regulamento se verificar a vosso favor, muita gente entenderá que os árabes obtiveram satisfação graças às pressões americanas sobre Israel. E então Moscovo receaaria que Washington colhesse os frutos da paz...

— *Esse raciocínio não tem fundamento. O senhor acha que uma paz baseada na justiça seria possível sem os esforços incessantes dos nossos amigos soviéticos?*

— O senhor presidente não crê que o auxílio maciço que recebe da U. R. S. S. em todos os domínios poderá comprometer, no futuro, a independência do Egipto?

O presidente Nasser ri às gargalhadas e responde:

— *Mas eu é que sou o mais forte dos dois, precisamente porque sou devedor da U.R.S.S.! O que eles quererão é o reembolso. O que eu quererei é a manutenção das nossas relações em pé de igualdade!*

«No domínio militar estamos cada vez mais dependentes de Moscovo»

Retomando o tom sério, o chefe do Estado egípcio continua:

— *Não há dúvida de que no domínio militar estamos cada vez mais dependentes de Moscovo. A responsabilidade disso cabe às potências ocidentais que se recusam a fornecer-nos o material de que precisamos. Preferem armar os agressores e ocupantes.*

O presidente acrescenta gravemente:

— *As relações que mantemos com os russos são únicas no seu género. Reduziram de metade as dívidas que tínhamos contraído para com eles. Além disso, concederam-nos facilidades de pagamento. Nem sequer tentam influenciar as nossas opiniões e os cinco mil técnicos que nos enviaram para a construção da barragem de Assuão nunca tentaram difundir entre nós o marxismo, se bem que eu não seja hostil a essa ideologia e que eu nutra grande admiração por Lenine. Isto pode causar-lhe surpresa, mas a verdade é que os russos nunca nos pediram fosse o que fosse em troca do seu apoio.*

— Nesse caso, porque é que o senhor presidente supõe que eles vos testemunham tanta solicitude?

— *Muito simplesmente porque eles são, como nós, hostis ao imperialismo e preferem ver-nos independentes a ver-nos submetidos ao jugo dos americanos ou dos ingleses.*

— No caso de Israel acelerar a sua escalada militar, o senhor faria apelo a voluntários soviéticos para reforçar as forças aéreas egípcias?

Aparentemente aborrecido, o presidente Nasser logo sorri e responde:

— *Em caso de urgência, examinaríamos a questão. Mas, como sabe, uma decisão unilateral de pouco valeria.*

«O tempo trabalha a nosso favor»

— Quantos anos acha que serão precisos para estabelecer um equilíbrio de forças entre o Egipto e Israel? Estará o Egipto alguma vez em condições de impor, se necessário, uma solução militar ao problema?

— *É difícil fazer cálculos desses. Do que eu tenho a certeza é de que o tempo trabalha a nosso favor.*

— Contudo, certos dirigentes israelitas estão persuadidos do contrário. Entendem eles que, tanto no domínio militar como no da economia, o desequilíbrio entre os países tecnológicamente avançados e os países em vias de desenvolvimento ir-se-á incessantemente acentuando e que a força de Israel se tornará cada vez mais irresistível. Que pensa o senhor presidente desta hipótese de «trabalho»?

— *Penso que esses dirigentes israelitas estão a fazer «bluff» e tentam induzir a opinião em erro. O país deles não está mais avançado do que o nosso no plano tecnológico. Nós somos tão capazes como eles de reparar um carro ou um avião. Se excluirmos as crianças e as pessoas idosas, a sua população activa totaliza um milhão de pessoas. O Egipto conta mais de um milhão de técnicos. As suas universidades formam anualmente mil engenheiros.*

O presidente Nasser eleva o tom e acrescenta:

— *Os israelitas pretendem ter ganho a guerra de 1967 com os seus próprios meios. É verdade que sabotaram todos os nossos «radars» de detecção assim como os aparelhos encarregados de guiar os foguetões «sol-air» que nós possuíamos. Isso permitiu-lhes paralisar as nossas defesas aéreas... Mas não foram os israelitas que montaram ou fabricaram o material electrónico de que se serviram. Os americanos mandaram-lho, numa embalagem de celofane.*

— Sendo assim, como explica o senhor presidente que Israel tenha pilotos em maior número e mais bem treinados que os vossos?

— *O fenómeno é explicável. Israel, ao contrário do Egipto, tem possibilidades de recrutar — a coberto das suas leis de imigração — pilotos diplomados no mundo inteiro: França, E. U. A., Grã-Bretanha, África do Sul, por exemplo. Quanto a nós cometemos graves erros antes da guerra de 1967. Num espírito de contemporização, o alto comando costumava transferir para funções menos pesadas os pilotos de aviões de reacção, ao fim de cinco anos de serviço nas unidades de combate. Foi assim que o número de pilotos de que dispunhamos não aumentou com o correr dos anos. Depois da guerra, criámos um serviço de treino acelerado. Os cursos de instrução não duram mais de dezoito meses.*

«Igualar Israel»

— *Contudo, ainda nos falta muito para nos igualarmos a Israel. Entretanto não vamos desbaratando as nossas forças. Sou eu que ordeno que os aviões egípcios evitem enfrentar os aparelhos israelitas, quando estes penetram em profundidade no nosso país. Solicitei que se reservasse um número limitado de pilotos para as operações de intercepção e para os casos de urgência. Os outros prossequem sem descanso os seus treinos. A situação por agora está longe de nos ser favorável. Os israelitas possuem mais ou menos três pilotos por avião. Cada um deles pode fazer três surtidas por dia, o que soma nove por aparelho. O número de pilotos de que dispomos não permite que cada um dos nossos aviões realize mais de três missões. Portanto, na prática, a aviação israelita é três vezes superior à nossa.*

O presidente Nasser evoca a venda dos «Mirages» franceses à Líbia, nos seguintes termos:

— *Fácil se torna compreender que esta transacção em nada modifica o equilíbrio de forças entre Israel e os países árabes. Os líbios não têm pilotos. Nenhum aparelho lhes será entregue este ano. Receberão oito «Mirages» no ano que vem e apenas uma dúzia, em 1972. Só a partir de 1973 é que as entregas terão maior consistência. Os israelitas, por seu lado, não só mantiveram intacta a sua aviação de antes da guerra, como ainda recebem constantemente aparelhos americanos, entre os quais bombardeiros pesados, que nenhum estado árabe possui.*

O rosto do presidente Nasser adquire uma expressão mais dura, e ele conclui em tom calmo, mas firme:

— *Os americanos pretendem que são favoráveis a um acordo amigável, mas fingem ignorar que para Israel a paz tem um significado totalmente diferente daquele que vulgarmente lhe dão. As fronteiras seguras e reconhecidas que os dirigentes sionistas reivindicam são as que passam pela anexação de territórios árabes em desafio ao direito internacional e à justiça mais elementar. Em Israel, os partidários de uma paz justa estão esmagados sob o peso do «establishment» militar que domina o Estado de alto a baixo.*

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

KONI

ALCATIFA AS ESTRADAS

o amortecedor mais barato por km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÔNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23·ABC·LISBOA
TEL. 56 01 56

UM LIVRO QUE INTERESSA AOS LEITORES DO DIÁRIO DE LISBOA

O PROBLEMA DO TERCEIRO MUNDO

ENRIQUE RUIZ GARCIA

XXI

INICIATIVAS EDITORIAIS
AV. RIO DE JANEIRO, 6 - S/C ■ LISBOA ■ TELEF. 72 40 51

inquerito

Quais os inconvenientes das horas extraordinárias?

RESPOSTA DO DR. JOSÉ VASCONCELOS ABREU

Em minha opinião é um problema crucial das relações de trabalho, pois espelhando as estruturas económico-sociais em que aquelas estão inseridas, reflecte o processo de luta do trabalhador pela fixação do tempo normal de trabalho.

Sou apologista da não obrigatoriedade da sua prestação pelos trabalhadores e apenas concebo a legitimidade da actividade para além dos períodos normais, ainda que exigida por motivos ponderosos, desde que em contrapartida esteja garantido o principio da liberdade do trabalho, que se poderá traduzir na recusa, em relação a essa prestação de serviços.

Entre nós o despacho de 3 de Outubro de 1945 entendia que a recusa da prestação de horas extraordinárias era justa causa de despedimento, e de tal forma imbuiu os textos legais, posteriores, que, infelizmente, ainda hoje estes não admitem, directamente, o direito de recusa do trabalhador à prestação de horas extraordinárias. Ainda por cima se deixa ao critério da entidade patronal o julgamento dos motivos atendíveis invocados por aquele.

No entanto, a tendência para a determinação de um período normal de trabalho em que se permite aos trabalhadores uma repartição das horas, com possibilidade de dois dias de descanso semanal consecutivos, representa uma evolução neste campo.

Interpretamos como uma integração nessa tendência o facto de na lei do contrato de trabalho em vigor se deixar de referir como período normal a prestação «em cada dia», inserida no Decrtc - Lei 47 032, que esteve em vigor até ao comece deste ano. Não concordamos, no entanto, que se continue a remunerar o trabalho extraordinário com 50% a mais do que o efectivado em períodos normais, mas concedendo-se ao trabalhador apenas 25% desse aumento, indo o restante para o Fundo Nacional de Abono de Família. Os benefícios deste fundo para o trabalhador não nos parece que se vislumbrem de forma a admitir-se este cerceamento dos seus rendimentos.

O estabelecimento de um regime de pagamento de 50 % a mais para as primeiras oito horas semanais de trabalho extraordinário e de 100 % para qualquer hora que vá para além dessas oito, sem qualquer desconto do trabalhador, parece-me de elementar justiça.

O trabalho extraordinário na nossa estrutura económica-social sobressai como uma das vantagens concedidas ás empresas: se por um lado lhes permite não aumentarem os seus quadros de pessoal, por outro lado, dá-lhes direito de disponibilidade sobre o trabalhador, conforme entendam mais conveniente.

Ainda que se argumente que este é muitas das vezes um dos interessados nesta prestação, não se pode esquecer que, tal situação, é fruto apenas da posição económica do trabalhador dentro da empresa. Se esta não lhe cobre, através de uma remuneração, as exigências mínimas da vida diária, obriga-o a acomodar-se á prestação de horas extraordinárias como norma de aumentar os rendimentos de trabalho e poder satisfazer necessidades essenciais.

Daí que o estabelecimento de período de trabalho normal, seja um imperativo de natureza económica e social. Não só se visa através dele a protecção de saude dos trabalhadores mas ainda o direito ao progresso social por parte dos mesmos, o que lhes exige maior numero de tempos livres. Razões de fisiologia do trabalho, tais como a fadiga industrial, impõem essa redução do período de trabalho. Acresce que o limite do numero de horas de trabalho pode ser utilizado como uma medida contra o desemprego tecnológico e um instrumento ao serviço de uma politica de poder de compra. Não aceitamos que se argumente em desabono com a simples defesa de critérios de produtividade, a necessidade de mão-de-obra qualificada por mais tempo que o período normal, o desejo do trabalhador em fazer horas extraordinárias.

Os portugueses em Madrid

Mais uma iniciativa em marcha: A Casa dos Portugueses leva a efeito quinzenalmente um almoço de confraternização. Os próximos realizam-se nos dias 12 e 26 de Março. Faça a sua inscrição com antecedência, pois o numero é limitado.

O primeiro almoço desta série realizou-se no dia 29 de Janeiro passado, e foi dedicado ao sócio n.º 1 dr. Joaquim de Mena e Mendonça.

Num ambiente de franca confraternização tivemos o prazer de ver em volta do nosso querido consócio, uma élite de portugueses que demonstra bem quanto é estimado pela nossa Colónia em Madrid. O nosso presidente, em poucas palavras, agradeceu ao nosso convidado de honra tudo o que tem feito em prol do nosso país e da nossa gente, ás quais o nosso ilustre consócio respondeu com a sua modéstia habitual, reafirmando a sua adesão a tudo o que seja para o engrandecimento de Portugal. (...)

(... — A partir de 1 de Fevereiro os pratos típicos do nosso restaurante são os seguintes: Sopa de puré de feijão com arroz; Peixe assado no forno; Sopa de agriões; Carne de porco á alentejana; Sopa de carne; Cozido á portuguesa; Caldo verde; Caldeirada á lisboeta; Sopa Juliana; Bacalhau cozido com grão; Sopa de grão com massa; Pastéis de bacalhau com arroz de tomate; Sopa de feijão com hortaliça; Dobrada com feijão branco.

Foi aprovado, entre outros, durante o mês de Janeiro, como associado o Banco Fonsecas e Burnay.

(Dum comunicado da Casa dos Portugueses em Madrid)

Uma experiência diferente

Cont. da pág. 4

iriam favorecer em muito maior grau as casas editoras capitalistas do que os autores das obras, não inibe os dirigentes de darem, porém, uma justificação moral mais profunda: partindo de que a hegemonia cultural dos países mais desenvolvidos foi e é devida em grande parte á pilhagem levada a cabo no Terceiro Mundo, a solução adoptada não visa mais que um reembolso a que pode sentir direito um país vitimado pelo imperialismo. E quanto aos autores das referidas obras, eles devem o seu nível de vida a essa mesma pilhagem, pelo que não deverão sentir-se alvo de injustiça por não receberem direitos do Estado cubano.

PERIGO (1)

Por seu turno, Cuba renuncia a cobrar quaisquer direitos sobre publicações estrangeiras de obras de autores seus. É claro que esta contrapartida tem, actualmente, pequena projecção, mas poderá tornar-se importante a médio prazo no respeitante, por exemplo, a obras sobre educação ou agro-pecuária; encerra, contudo, algum perigo, porquanto passam a ser incontroláveis as edições que outros países efectuam a partir de originais cubanos — poderão surgir casos de editores oportunistas que criem situações desagradáveis, não só para os autores, como para os próprios dirigentes do país. *

Como garantir, pois, a subsistência do escritor?

Tendo em conta que a avaliação de uma obra literária, única sob todos os aspectos, não permitiria estabelecer um critério objectivo de remuneração, optou-se, então, por atribuir ao escritor uma segunda profissão, anexa ou afim á literatura — jornalismo, processo editorial, etc. —, fornecendo-se assim a base desse critério. É claro que, para além do mais, uma tal política cultural visou o aproveitamento de quadros, de que Cuba ainda carece bastante. Mas não será lícito entrever nela um apelo à consciência do escritor no sentido de que este alinhe na vanguarda da multilateralidade, portanto um «homem que, entre outras coisas, escreve»? E, mais ainda, prescindindo de direitos, não estará o autor a favorecer a supressão da obra de arte como mercadoria?

Deve salientar-se que estes empregos são em geral atribuídos de forma a facultar ao escritor uma margem considerável de tempo livre que lhe permita dedicar-se à actividade criadora. Poder-se-á contrapor que se está a pagar esse tempo livre, ou seja a profissão de escritor. Assim nos parece, com efeito. Contudo será correcto dizer-se que o escritor, *enquanto tal*, está a vender a sua força de trabalho intelectual? De qualquer forma, não pode, já, afirmar-se que o original constitui uma mercadoria, visto que o autor nada recebe em troca, ao fornecê-lo para publicação.

Está-se, portanto, longe da situação presente nos países capitalistas, onde, por vezes, o escritor chega a ver-se obrigado por contrato a fornecer periódicamente manuscritos ao editor; e é para se furtarem a uma solução deste tipo que muitos escritores preferem adoptar uma segunda profissão.

DIFERENÇA

Os moldes em que se processa a distribuição do livro seguem, pode afirmar-se do ponto de vista qualitativo, o modelo mercantil, pois, excepcionando uma meia dúzia de obras ideológicas, apenas os livros de estudo são gratuitos. A grande diferença em relação ao mercado ocidental consiste em os livros serem vendidos a um preço inferior ao seu custo de produção, observando-se, portanto, uma distorção da lei do valor, o que constitui um passo para a abolição de uma categoria mercantil.

Um último aspecto que merece ser focado é o da propaganda concernente à actividade livreira. Todos os livros têm o mesmo grau de publicidade, quer se trate de autores consagrados, quer de autores jovens (cujo número é cada vez mais elevado). Não é feita propaganda directa de uma obra em particular; a tiragem é que varia consoante a aceitação do autor por parte do público. De modo que os poucos autores que aspirem ao vedetismo têm de o procurar sem o auxílio das casas editoras, as quais, por não possuirem ambições de lucro, nada beneficiam com uma segregação de manuscritos por renome do autor. As imagens do escritor subserviente e do editor-todo-poderoso já pertencem ao passado. E esse conhecemo-lo bem, através de alguns testemunhos de «industriais da consciência» e seus associados, recolhidos por este mesmo suplemento.

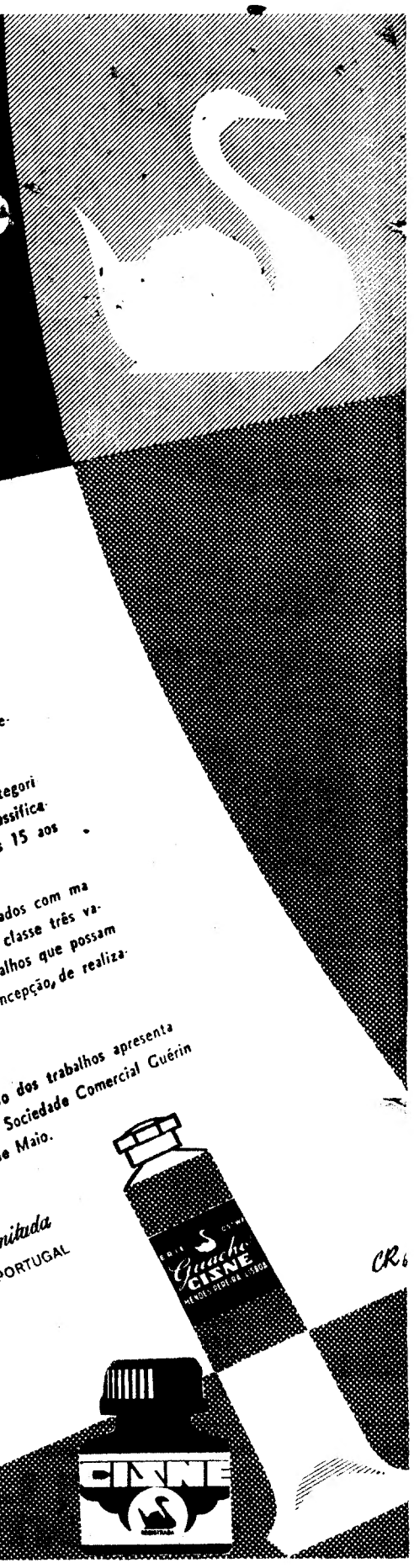
* Em Julho de 1967, os membros da Convenção Internacional de Berna, reunidos em Estocolmo, aprovaram uma proposta de Cuba no sentido de não serem pagos pelos países subdesenvolvidos direitos respeitantes à publicação de livros científicos e técnicos de origem estrangeira. Essa proposta foi aprovada após lhe ser apensa uma cláusula segundo a qual a reprodução das ditas obras só poderia ser feita, prescindindo do pagamento de direitos, pelo menos três anos após ser publicada a edição original. Se bem que a resolução vigore em alguns países (por exemplo, a Índia), a sua aplicação tem oferecido dificuldades.

JOSÉ T. TEIXEIRA

(1) Os títulos são da Redacção.

3º concurso escolar de pintura e desenho

CISNE



● Para concorrer, o aluno terá de enviar para a nossa sede, até 31 de Março de 1970, um desenho ou pintura de tema livre feito a guache ou tinta-da-China, acompanhado de uma embalagem de tinta-da-China ou guache «Cisne».

● A acompanhar o trabalho indicará o nome, idade e o estabelecimento de ensino que frequenta.

● Após o encerramento da recepção dos trabalhos, um categorizado júri apreciará as obras apresentadas e procederá à sua classificação em três classes: até aos 10 anos, dos 11 aos 14 e dos 15 aos 18 anos.

● Todos os trabalhos admitidos pelo júri serão premiados com material «Cisne». Além destes prémios haverá para cada classe três valiosos prémios especiais que o júri atribuirá aos trabalhos que possam ser distinguidos por razões de originalidade, de concepção, de realização, de composição, de descoberta, etc..

● Depois de ter sido feita a classificação dos trabalhos apresentados, estes serão expostos em Lisboa, na Sociedade Comercial Guérin Av. da Liberdade, 12, durante o mês de Maio.

Mendes Pereira, Herdeiros, Limitada

CAMPO GRANDE, 390 · LISBOA · PORTUGAL

EM COIMBRA

1ª Campanha de Assistência Eléctrica Total !

GRÁTIS

(DE 23 DE FEVEREIRO ATÉ 7 DE MARÇO-DAS 9 ÀS 24 HORAS)

AUTOSIL

FILIAL de COIMBRA

AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 246

Oliveira Salazar e Marcello Caetano: datas e discursos

Cont. da pág. 7

vocações políticas e reservas de dirigentes.»

ACÇÃO POPULAR

Prof. dr. Oliveira Salazar:

«Nós temos visto que adulação das massas pela criação do «povo soberano» não deu ao povo como agregado nacional, nem influência na marcha dos negócios públicos, nem aquilo que um povo precisa — soberano ou não — que é ser bem governado.»

Prof. dr. Marcello Caetano:

«Mas acção nacional popular, porquê? Porquê sublinhar o carácter popular da nossa organização? Porque ao servir os interesses da Nação, tem de procurar servir ao povo em geral — tem de se preocupar constantemente com as necessidades, as aspirações, os anseios do povo que está nas aldeias, nas vilas, nas cidades, a trabalhar nos campos, nas fábricas ou nos escritórios, o povo que constitui o substracto da comunidade nacional e onde se encontram as grandes reservas da energia moral e da riqueza económica do País.»

REVOLTA

Prof. dr. Oliveira Salazar:

«Os outros organismos operários de carácter revolucionário são hoje dominados pela ideologia bolchevista e organizados ou trabalhados por agentes estrangeiros. Todos tendem, por meio da **luta de classes**, para a **revolução social**, conceito complexo que abrange não já só a transformação económica e social dantes ambicionada pelo operariado, mas a substituição integral de toda a ordem estabelecida, e a realização de uma nova sociedade — sem pátria, sem família, sem propriedade e sem moral. (Empregamos estes termos no seu significado corrente).»

Prof. dr. Marcello Caetano:

«Por toda a parte os governos são assediados por uma onda de revolta, sobretudo das camadas juvenis, trabalhadas por hábeis exploradores de sentimentos generosos e de deficiências notórias. Torna-se difícil, cada vez mais, o labor de quem tem de administrar as coisas públicas, pois a objectiva graduação das necessidades e a justa repartição dos recursos são a cada passo perturbadas por exigências despropositadas, impossíveis de satisfazer.»

AUTORIDADE

Prof. dr. Oliveira Salazar:

«Na crise de autoridade que o Estado atravessa, dar-lhe autoridade e força para que mantenha imperturbável a ordem, sem a qual nenhuma sociedade pode manter-se e prosperar; organizar os poderes e funções do Estado de forma que se exerçam normalmente, sem atropelos ou sem subversões; não coarctar ao Estado a livre expansão das actividades que se movem e actuam no seu seio, senão no que seja reclamado pelas necessidades de harmonia e coexistência social; definir os direitos e garantias dos indivíduos e das colectividades, e estabelecê-los e defendê-los de tal modo que o Estado os não possa desconhecer e os cidadãos os não violem impunemente — isto é liberdade.»

Prof. dr. Marcello Caetano:

«Perante a vaga de anarquia que percorre o mundo e ameaça subverter liberdade, família, religião, leis e instituições, seria criminoso desarmar o Estado dos seus meios defensivos, que são afinal os protectores da vida, do trabalho, do bem-estar e do progresso dos cidadãos.

Não podemos admitir o enfraquecimento da autoridade. Tudo o que represente ou signifique, neste momento, transigência com as forças da desordem tendente à subversão social pode acarretar gravíssimas consequências para o futuro do País.»

OPORTUNIDADES

Prof. dr. Oliveira Salazar:

«Com a mesma solicitude com que temos acudido a outras necessidades e com a mesma tenacidade com que havemos resolvido outros problemas, até há pouco considerados insolúveis, nós trataremos do seu emprego, da sua habitação, da sua higiene, da sua saúde, da sua invalidez, do seu salário, da sua educação, da sua organização e defesa, da sua elevação social, da sua **dignidade**; nós melhoraremos a sua condição — não digo bem — nós transformaremos a sua posição na vida económica e no Estado.»

Prof. dr. Marcello Caetano:

«Temos de prosseguir, com perseverança, no esforço de proporcionar a todos os portugueses iguais oportunidades de educação e de cultura. Poucos países, aliás, terão tão largas tradições de acesso social conferido pela escola.»

ESTADO SOCIAL

Prof. dr. Oliveira Salazar:

«Em suma: pretende-se construir o Estado social e corporativo em estreita correspondência com a constituição natural da sociedade. As famílias, as freguesias, os municípios, as corporações onde se encontram todos os cidadãos, com suas liberdades jurídicas fundamentais, são os organismos componentes da Nação, e devem ter, como tais, intervenção directa na constituição dos corpos supremos do Estado: eis uma expressão mais fiel que qualquer outra, do sistema representativo.»

Prof. dr. Marcello Caetano:

O Estado Social, que desejamos tornar realidade cada vez mais viva, respeita e dignifica o indivíduo e considera a liberdade e a propriedade projecções naturais da personalidade humana. Põe, porém, em relevo a função social que também é inerente à personalidade.»

modernize o seu lar

com uma máquina de lavar louça

Miele

Grande capacidade. Sistema de tripla dispersão. Máquina automática de lavar louça, duma perfeição sem igual. V.Exa. está livre para sempre da tarefa de lavar a louça!

Distribuidor oficial:

OLIVEIRA

Electrodomésticos

Av. Almirante Reis, 91-A

Desenvolvimento — escolha pessoal e nacional

No seu relatório anual, o embaixador Edwin McCammon Martin, presidente da Comissão de Ajuda ao Desenvolvimento (C. A. D.) da O. C. D. E. preocupa-se com o que é preciso fazer durante o próximo decénio — «o segundo decénio do desenvolvimento.» À frente dos seus cuidados, está a necessidade do pleno emprego, sobretudo nos países menos desenvolvidos, defendendo o princípio de que, ao contrário de um crescente descompromisso, deve, isso sim, aumentar-se o volume do auxílio prestado pelos países desenvolvidos. «Acima de tudo, será necessário atacar o desemprego, porque um homem sem trabalho não pode ter o sentimento de participar num esforço comum.

Depois de referir que os países desenvolvidos fizeram do «pleno emprego» o eixo central da sua política nacional, o presidente do C. A. D. frisa a indispensabilidade de desenvolvidos e subdesenvolvidos darem as mãos para resolver o problema. «Um trabalhador será tanto mais produtivo quanto for saudável e instruído. A melhoria da nutrição pode reduzir sensivelmente as despesas médicas e melhorar também a eficácia das despesas do ensino.» Contudo, não basta ter especiais cuidados com a alimentação das crianças, ter uma mão-de-obra qualificada e de boa saúde: é preciso criar novos empregos e, sobretudo, «o desemprego só poderá chegar a níveis toleráveis se as taxas de natalidade baixarem consideràvelmente. A escolha é simples, mas fundamental: a explosão demográfica ou a melhoria das condições de vida. Trata-se de uma escolha pessoal e nacional. Não deve ser imposta, mas deve ser feita em pleno conhecimento das realidades.»

DANIEL HALÉVY

NIETZSCHE

Não conheço, na nossa época, uma vida mais nobre, mais dolorosa, mais solitária, mais desesperada que a de Frederico Nietzsche. Sem sombra de hipocrisia, confesso-vos sinceramente que devo a força desta convicção à biografia simples, clara e penetrante que de Nietzsche escreveu Daniel Halévy.

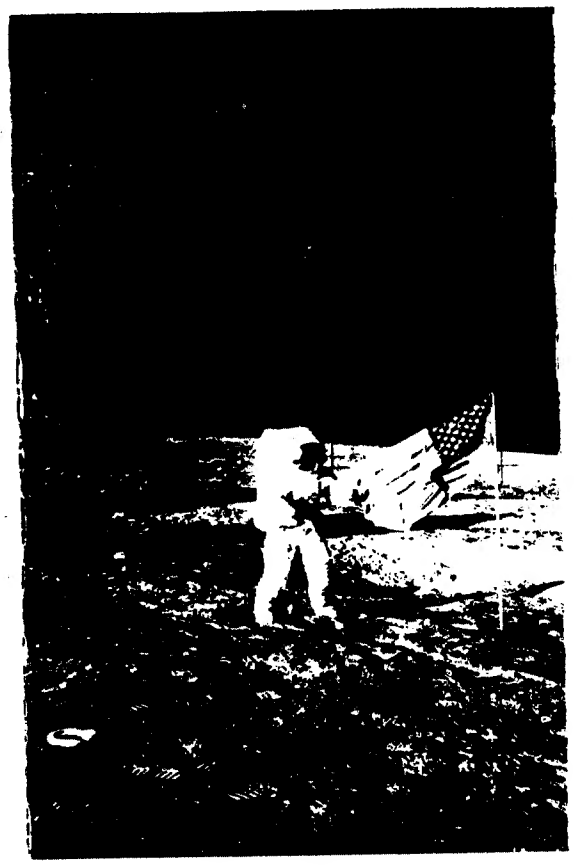
Giovanni Papini

COLECÇÃO OS TRABALHOS E OS DIAS

410 PÁGINAS / ILUSTRADO / 120$00

EDITORIAL INOVA / PORTO

Concorda com as despesas feitas para a conquista da Lua?



Lisboa foi visitada, esta semana, pelos tripulantes da nave «Apollo XII». Com uma estadia de 32 horas na Lua, eles concluiram a primeira fase de uns longos e dispendiosos 7 anos de experiência espacial.

Quanto custa a cada povo e a cada um de nós a conquista da Lua? O que se perdeu para trazer o Mar da Tranquilidade para as conversas, no dia a dia? E o que se ganhou? Quantos caminhos interdependentes para abrir? Quantos ramos da ciência, intercoordenados, enriquecidos? E o que pensa cada um de nós, os desencantados do Rato ou do Rego, os que preenchem horas na Alsaciana ou os que não conseguem «ter tempo para sorrir lá em casa, aos miudos», disto tudo?

A Lua ou o Cancro? A Lua ou o Homem vivo? A Lua ou as três casas assoalhadas a menos de um oitavo do ordenado? Ou o nada ter a ver uma coisa com a outra. Ou a Lua e todos os homens utòpicamente felizes, um dia.

Fomos da Rua de S. José à Rovisco Pais. Penetrámos nos cafés — estratos sociais, nos cafés catedrais barrocas do nosso paleio. Ouvimos ao acaso na rua. O soldado que ainda só sabe de futebol mas já sente climas. O porteiro do arranha-céus, a trabalhar bem perto da Lua dos construtores-civis. No rosto das pessoas o medo da palavra impressa. O agora todas as palavras são importantes: o que irá pensar o meu primo, o companheiro lá da oficina, ou os amigos da tasca?

No final tivemos a ânsia de juntar todos numa mesa e ouvi-los todos a descobrir os caminhos para a discussão (com o jornal) iniciada.

FALE-ME DE FUTEBOL

Há quem não saiba nada «disso». Nem de luas, nem de jornais. Quem só queira que lhe falem de «bola». É soldado, Manuel Rodrigues e tem 23 anos.

— Não posso dizer nada porque não acompanho isso pela TV e pela Rádio.

— Mas já ouviu falar na conquista da Lua?

— Olhe amigo, isto a tropa é só tropa e mais nada. Um tropa não percebe nada disso.

— E de futebol?

— Pergunte, amigo, pergunte.

FORAM LA PELO COMÉRCIO

António Santos, motorista de táxi, 60 anos.

— Acho mal gasto, porque eles sabiam antecipadamente que aquilo não tinha valor nenhum, que era uma coisa morta, que não havia lá nada. O senhor está convencido que os americanos foram lá para bem da humanidade? Foram lá mas foi pelo comércio.

UMA LUA SÓ PARA A AMÉRICA?

António Leal Lopes, estudante do 2.º ano de Económicas.

— Eu concordo. Devido á grande explosão demográfica que se verifica nos nossos tempos, nos países do Terceiro Mundo, o homem tem de pensar em arranjar novos recursos para a satisfação das suas necessidades. Mas uma Lua que sirva só para o desenvolvimento da América, não aproveitado igualmente a todos os países, pode contribuir para o desequilibrio económico mundial.

VISITEI A N. A. S. A.

José Lucena — profissionál de turismo e aluno do 4. ano de Engenharia.

Objectivamente, cientifica e técnicamente falando, não há duvida que a N. A. S. A. dispõe de excelentes instalações e material técnicos como, aliás, tive ocasião de observar localmente. Pessoalmente não acredito nem defendo a investigação científica pura, a ciência pela ciência, mas sim uma investigação tecnológica fundamentada, que será a contribuição mais válida que a nossa geração poderá dar para o progresso da humanidade.

DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL DAS RIQUEZAS

O advogado de Leiria, dr. José Henriques Vareda, surgiu-nos, ainda bem, por acaso.

— Se essa acção se integrar na linha de preocupação de aumentar os conhecimentos da humanidade e de lhe abrir novos horizontes no domínio da investigação científica, é indubitável que concordo.

Um outro aspecto que deve também encarar-se é o da repetição de gastos resultante da concorrência entre potências: se todos os Estados estivessem organizados com o fim de satisfazer as necessidades gerais e não as de proteger certas minorias possidentes, os gastos nas investigações espaciais não teriam que repetir-se, nem os governos guardariam ciosamente os segredos que em boa verdade, devem pertencer a todos os homens.

A ESPERA DE DIAMANTES

Ismael Fidalgo Miguel, droguista, de 60 anos.

— Para quem estava á espera de diamantes, não compensa. Tudo no fim se reduziu a poeiras. Presto a minha homenagem á técnica e á Matemática. Mas há outros meios na Terra mais importantes.

(E o senhor Ismael Miguel recordou uma quadra da sua autoria (alusiva a uma rola branca, símbolo da sua paz) a concluir:

— Para todos sou o símbolo da paz / por ela não me canso de voar / agradeço e muito lamento / só neste dia poder ganhar.

O NEGATIVO: A PUBLICIDADE

Luísa Palma Fernandes, estudante de Matemáticas 20 anos.

— A parte negativa está no carácter de concorrência que caracterizou essa corrida no espaço e na publicidade tendenciosa desenvolvida á volta do facto (conquista da Lua) que devia ser tomado como vitória da humanidade e não duma nação.

LUA: SIM OU NÃO?

Transplantar tolices

BERTRAND RUSSELL

«Eu ainda era um rapazinho quando a luz eléctrica foi inventada e os telefones ainda eram considerados uma curiosidade rara. O meio de transporte por estrada mais rápido era, nessa altura, a bicicleta, considerada um perigo para os peões e causa de terror para os cavalos. Já era adulto quando vi pela primeira vez um automóvel e tinha cerca de 40 anos quando vi um avião. Durante a primeira grande guerra todos se maravilharam quando os alemães construiram um canhão capaz de atirar uma granada a cerca de 70 milhas. Os que ainda são novos não aprenderam como são recentes tantas coisas das que hoje são considerados lugares-comuns na vida corrente.

Não é apenas na estera das novas invenções, mas também na da aventura, que a nossa era está a fazer progressos sem precedentes. Quando era novo, muitas das partes da África ainda estavam por explorar e nenhum dos Pólos tinha ainda sido alcançado. O Everest manteve-se durante uns tempos o único desafio ao explorador, mas também cedeu por fim ao ardente espírito de aventura. O gosto pela aventura foi sempre uma característica distintamente humana desde que o homem começou a civilizar-se e penso que é uma característica que merece toda a admiração que geralmente lhe é prestada. Não gostava que ela cedesse ou que ficasse paralisada pelo medo.

Tais considerações gerais levam-nos a aplaudir estas viagens extraterrestres, que começam a estar ao alcance das possibilidades científicas. A conquista dos Pólos e do Everest foi geralmente considerada digna de aplauso e, sem dúvida nenhuma, havia razão para tal. Também admiramos justamente a exploração do fundo dos mares e a dos ares, inaugurada há poucos anos, mas da qual a maior parte ainda está para ser realizada. A mesma espécie de aplauso, ainda em maior grau, será merecida por aqueles que se aventuraram nas primeiras viagens à Lua. Mas que se ganhe mais do que admiração pela sua coragem e habilidade isso parece-me bastante duvidoso.»

«O homem tem os seus merecimentos e os seus defeitos. Se estes últimos forem espalhados pelo Cosmos, se as nossas tolices vão ser transplantadas primeiro para a Lua e depois para Marte ou para Vénus e, ainda mais tarde, para regiões mais distantes, pelos selvagens peregrinos do ódio que envelhecem durante as longas viagens, se for este o resultado da nossa disparatada inteligência, não vejo que haja alguma razão para ficarmos contentes com esta perspectiva. E, contudo, a menos que as nações se arrependam e se modifiquem, é exactamente isto o que devemos esperar se o homem continuar a existir.»

...«Há pessoas que parecem imaginar que as viagens espaciais, por si sós, levariam a procurar qualquer remédio para as nossas preocupações terrestres. Não vejo razões para se pensar assim. A Europa sofreu perturbações antes de se ter descoberto o hemisfério ocidental. Depois desta descoberta, as guerras a que o mundo estava habituado foram transplantadas para o «novo mundo». Se não corrigirmos os nossos métodos acontecerá o mesmo — se os nossos impérios se expandirem pelo espaço exterior.»

Do livro «Lua: Sim ou Não?», editado pela D. Quixote.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 27 DE FEVEREIRO DE 1970 — N.º 34